

própria experiência no outro lado da morte...

# Voltar do Amanhã

Dr. George G. Ritchie  
e Elisabeth Sherrill



Um psiquiatra descreve aqui sua própria experiência no outro lado da morte...

# **VOLTAR DO AMANHÃ**

**Dr. George G. Ritchie e  
Elisabeth Sherrill**

Tradução  
GILBERTO CAMPISTA GUARINO

QUINTA EDIÇÃO

**APRESENTAÇÃO**

Considerando-se a história e o desenvolvimento da Filosofia, bem se pode caracterizá-la como uma obsessão com a morte. A morte, aliás, jamais deixou de ser uma profunda e fundamental preocupação dos filósofos. Assim, não é tão surpreendente que eu tenha ficado intrigado quando em 1965, aos 21 anos, como estudante que ainda não colara grau

em Filosofia, soube do caso de um homem, tido por clinicamente "morto", que passara por uma experiência incrível e vivera para narrá-la. Como se não bastasse, esse homem era um médico respeitável, por aquele tempo um psiquiatra residente, já com o acervo de catorze anos como clínico geral. E ele ansiava por compartilhar sua história. Quando surgiu uma oportunidade de ouvi-lo falar, aproveitei-me disso, fiquei profundamente impressionado e "arquivei" tudo mentalmente. Mais tarde, ouvindo outros relatos similares, comecei a investigar experiências de quase-morte.

O nome do psiquiatra é GEORGE RITCHIE, que — agora — deu à público a sua experiência: a crônica de um dos três ou quatro mais fantásticos e bem documentados casos de "morte" que conheço. Mesmo considerada isoladamente, a história do Dr. RITCHIE é surpreendente, ainda mais quando se compreende e leva em conta as centenas e centenas de pessoas que mantiveram íntimos contatos com a morte, retornando com narrativas notavelmente semelhantes.

Para muitos, permanecerá a pergunta: GEORGE RITCHIE esteve realmente morto? E estiveram-no os muitos outros que se viram em tais circunstâncias?... Em termos amplos, se morte se define por um estado peculiar ao corpo, do qual nenhuma reestruturação funcional é possível — definição esta bastante razoável —, tem-se que nenhuma dessas pessoas estava morta. Entretanto, a matéria dos critérios últimos de tanatodiagnose está, no sentido clínico — e mesmo agora —, solta no ar, sem muita colocação na própria Medicina. De minha parte, estou propenso a entender que — independentemente do estado que se aceite como o de morte

corporal — o Dr. RITCHIE e alguns outros chegaram mais perto, muito mais perto desse estado do que a grande maioria de seus companheiros viventes, seres humanos como eles. E, só por essa razão, eu estou ansioso por ouvir o que têm a dizer.

Uma outra pergunta que frequentemente aparece em relação a essas experiências versa que tipo de efeitos elas geram na vida daqueles que as atravessam. Serão visíveis, pelo teor da própria narrativa do Dr. RITCHIE, as vastíssimas — na realidade, centrais — consequências advindas à vida que leva. Infelizmente, só os que o conhecem como amigo podem verdadeiramente sentir a profundidade de benevolência, compreensão e amorosa preocupação com o próximo que caracterizam esse homem notável.

Com essas observações, deixem que eu me afaste do caminho e que os apresente ao meu amigo *George*. Espero que, através deste livro, venham vocês a amá-lo como minha família e eu o amamos.

Dr. RAYMOIND A. MOODY, JR.

Autor de "Vida depois da vida"

## **Prefácio à Edição Brasileira**

*Seria possível ao homem ver e estar no amanhã?*

*Considerando-se as consequências a que conduz o estudo da Física moderna, associando a Mecânica Quântica e a Teoria, da Relatividade (Restrita e Geral), na tentativa de formular um modelo que explique melhor os Fatos do nosso contorno, pode dizer-se que, hoje, as fronteiras do "impossível" estão*

*muito além da audácia dos aceleradores de partículas, que dilatam, que empurram para adiante o campo da Física das inconcebíveis energias dos megaeletrons e dos gigaeletrons.*

*A teoria quântica do campo, a geometrodinâmica quântica e as chamadas "gauge theories" estão, dia após dia, entrelaçando-se com outras áreas do Conhecimento. Aliás, esse peculiar fenômeno de consciência, consciência esta que Itzhaak Bentov definiu como sendo "a capacidade de um dado sistema responder a estímulos, em quantidade e qualidade" (Stalking the Wild Pendulum), lembra uma rede cujas malhas se interseccionam, forçando-nos, cada vez mais, em direção à unidade ontológica, num outro nível de perquirição epistemológica.*

*Descartes, o genial criador da Geometria Analítica, afirmou: "Toda a Filosofia é como uma árvore cujas raízes são a Metafísica, o tronco é a Física e os galhos que saem deste tronco são todas as outras ciências". (Meditações)*

*John Archibald Wheeler, um dos mais notáveis físicos teóricos do mundo, um mestre da Geometrodinâmica (Teoria da Relatividade Geral), escreveu: "A Ciência não progride antes que a Filosofia autorize-a e encorage-a a tanto". (Gravitation, pág. 1.208 com Charles Misner e Kip S. Thorn).*

*Jean-Emile Charon, renomado físico teórico, afirma-se "convicto de que, se os cientistas contemporâneos se recusam, por instinto, a penetrar os temas da Metafísica com suas pesquisas, não obstante serem aqueles tão fundamentais para o Homem, deve-se-o, em parte, à incapacidade de filosofar, e, em parte, porque se revelam inaptos a imaginar e a criar.*

*Finalmente, porque a reflexão metafísica lhes é inacessível.*  
(L'Esprit — Cet Inconnu)

David Finkelstein, *prefaciando* The Dancing Wu Li Masters, de Gary Zukav, *anota*: "Zukav sabe que a Física é, dentre outras coisas, uma tentativa de harmonia com uma entidade muito maior do que nós próprios, pedindo para plantar, formular e erradicar, primeiro um, depois outro dos nossos mais acalentados preconceitos e hábitos de pensamento enraizados — uma busca sem fim do inatingível. (The Dancing Wu Li Masters)

O Dr. George Ritchie não tratou, especificamente, de nenhum desses assuntos, mas nos leva a cogitar de todos eles. Apresentou um Fato e narrou as suas decorrências. Enfrentou uma guerra, viu-se, por inúmeras vezes, totalmente perplexo, esmagado pela força dos acontecimentos, passou por fases de depressão, preparou um homem para morrer, e morreu — ele mesmo — clinicamente, por nove minutos, sobre um leito de hospital, no Texas.

Rapidamente, do Acampamento Berkeley para o consultório, a Vida exigiu-lhe um testemunho de honestidade e coerência, que o fez antecipar-se ao amanhã da Humanidade, depois de ter voltado do seu próprio amanhã...

Em nove minutos de tempo objetivo, desenrolou-se toda uma existência de tempo subjetivo, relativamente à nossa dimensão.

Isso resultou num pequeno livro, de grandes perspectivas, não obstante. Nada melhor que a narrativa do fato, para vermos se ele confirma ou infirma a teoria.

*Haverá uma vida depois da morte? Quem poderá dizê-lo? Somente os que afirmam ter visto o "outro lado". E será mesmo, aquele, o "outro lado"?... Ou... o nosso é que é um outro?...*

*O Conhecimento é um fato singular, que comporta — no mínimo — cinco problemas: de possibilidade, de origem, de forma, de essência e de critério da verdade. Nele, que é a própria vida, não existe lugar para os que, simplesmente, querem gozar, usufruir, observar... Não existe mais lugar privilegiado para estes.*

*George Gordon fiitchie é um dos que participam, em ato. Será que nós não somos outros tantos, em potência?... Será que Você não é o próximo?...*

Gilberto Campista Guarino

Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1980.

## **Nota**

*Esta tradução não é nem literal nem literária "stricto sensu". Comparando os textos de inúmeros originais, em vários idiomas, com as traduções para a língua portuguesa, frequentemente tenho experimentado a estranha sensação de que o conteúdo do pensamento dos autores ora escapou da forma, ora foi esmagado por ela.*

*Como nos célebres versos de Belmiro Braga (poeta mineiro) a Emílio de Menezes:*

*"Ora o assunto transborda do soneto, Ora sobra soneto e falta assunto..."*

*Não tenho dúvidas de que a boa tradução precisa recriar o original. Digo recriar porque, antes de mais nada, o que necessita ser transposto é a intenção, o pensamento do autor; a forma não pode deixar de obedecer ao vernáculo que recebe a idéia. Seria absurdo escrever em português como se se estivesse no trato do inglês, por exemplo. E vice-versa.*

*Não obstante, urge atentar para o fato de que, se todas as palavras, em suas múltiplas combinações, estão denotando e conotando alguma coisa, no original, a tradução — se não deve copiar o vocabulário — não pode prescindir de retratar todos os conteúdos.*

*Assim, transpor e modular são técnicas, no método de traduzir, abrangendo palavras, frases, períodos e estilos. E todos eles são verdadeiros "holons", apenas para lembrar a magnífica teoria de Arthur Koestler.*

*No caso vertente, o leitor vai ter uma conversa em voz alta: nem o rigor da linguagem escrita, nem a total e absoluta liberdade da linguagem falada. Aqui, ambos os modos cooperam; não se excluem.*

*Com isso, creio justificar a alguma gíria e a correta colocação pronominal, o coloquialismo e algum vernaculismo, que procurei dosar de modo a reproduzir o original da ágil língua inglesa. Nela, o autor "pensou alto".*

*Esperemos, todos, participar da sessão de Fred Owen, sabendo colocar-nos, ora como Ritchie, ora como o paciente.*

O Tradutor

Cheguei cedo ao meu consultório, de modo a — como gostava — ter uns poucos minutos a sós, antes que meu primeiro paciente chegasse. Olhei o cômodo ainda na penumbra — a escrivaninha, cadeiras confortáveis, o sofá amarelo diante da janela. Achei a prática da psiquiatria profundamente satisfatória. Durante os treze anos em que trabalhara como médico, experimentara com frequência a sensação de que estava tratando somente com partes de uma pessoa, lidando, antes, com sintomas de doença do que com a própria doença. No "Memorial Hospital", em Richmond, Virgínia, onde eu estagiava, não havia tempo para conhecer meus pacientes como gente; isso, aliás, é comum em todos os grandes hospitais da nossa época. Não havia tempo para se ouvir as indagações que estavam por detrás das perguntas que eles haviam feito na sala de entrevistas.

Voltei então à escola, já quando estava na casa dos quarenta. Não havia sido fácil pedir à minha esposa para deixar Richmond, e mudar-se para Charlottesville; não havia sido nada fácil desenraizar as nossas crianças da escola, desistir da minha posição como presidente da Academia de Clínica Geral de Richmond, e voltar a outros anos de estudo e residência. Todavia, durante a dúzia de anos, que se seguiu àquela decisão, por muitas vezes me senti feliz por a haver tomado, e jamais tanto quanto neste instante calmo, ao começo do dia. Com uma sacudidela, abri a agenda sobre a mesa e corri a lista de consultas do dia. Mildred Brown. Peter Jones. Jane Martin.

Não me recordara de que, ainda ontem, ele havia deixado a clínica da Universidade. O médico de Fred, na última semana, dera-me, por telefone, o seu relatório: "carcinoma nos pulmões, com metástase para o cérebro", mas eu já sabia disso. Fred estava morrendo de câncer pulmonar. Desde setembro que eu suspeitava de tudo, já há cinco meses, da primeira vez que ele veio procurar-me com sintomas de depressão aguda. Tudo — a depressão, a tosse seca, o fumar ininterrupto, durante nossas sessões - me havia posto em alerta, tanto que lhe marquei uma hora para exame físico completo no Hospital-Escola Médica da Universidade de Virginia, aqui em Charlottesville.

Aparentemente, Fred não foi a esse exame. Três semanas mais tarde, como tivesse redobradas suspeitas, examinei-o mesmo nesta sala. E claro que eu não dispunha de equipamento adequado, mas ouvira o suficiente através de um estetoscópio. Desde então, ele tem estado no Hospital da Universidade, submetendo-se a uma série de testes e conferências. Isso, porém, tem sido mais por consideração a Fred, e no seu interesse, do que em função de alguma dúvida.

E agora, às 13:00h, ele estaria aqui. Como poderia ajudá-lo diante do tremendo fato da sua própria morte? Nos meses em que estivera a vir aqui, ele havia dado tantos passos importantes... mas tinha ainda um longo caminho a percorrer. Era de tempo que ele precisava, desesperadamente precisava. E era exatamente tempo o que Fred não tinha mais.

Além disso, esse câncer inoperável surgindo justo agora — ele estava com quarenta e poucos — parecer-lhe-ia a própria negação de todos os progressos que tinha feito. No seu caso, o

câncer iria provar em cheio o que a sua neurose sempre quisera ver provado: que o mundo e cada pessoa tinham, desde que nascera, conspirado contra ele. E o problema era que ele não estava de todo errado. Fred nada conhecera além de relacionamentos doentios: desde uma mãe que o renegara, através de uma série de instáveis lares de adoção, até uma sucessão de patrões que o haviam explorado, e um casamento desastroso. Nosso objetivo era desenvolver relações mais saudáveis. Começando com os primeiros sinais de confiança em mim, ele estava — pela primeira vez na vida — estendendo a mão a verdadeiras amizades. E agora estava morrendo! A traição suprema ocorrera, a prova decisiva de que haviam, desde o início, jogado contra ele.

Durante outras sessões, naquela manhã, minha mente permaneceu voltando-se para Fred. À hora do almoço, pedi um sanduíche e comi-o sentado à minha mesa, para o caso de ele chegar cedo. Mas... 13:00h, e nada... 13:15h, e nenhum sinal de Fred... Chegou às 13:35h, a primeira vez, em cinco meses, que se atrasara para a sessão.

"Não vou poder pagar", disse ele, mesmo antes de sentar-se. "Saí do emprego esta manhã. Disse àqueles camaradas sovinas exatamente o que eu pensava deles! Queriam que eu ficasse até que eles arranjassem substituto, mas por que eu deveria fazer isso por eles?"

"Quatro meses foi o que os doutores me deram!", continuou, largando-se na poltrona com algo que, provavelmente, desejava parecesse uma risada. "Que piada, hein doutor? Toda essa escavação no passado, para que eu pudesse melhorar no futuro... só que, agora, não vou ter um futuro! Arranjei as

coisas com a minha mãe, arranjei tudo com a minha mulher — e, agora, tudo uma perda de tempo, hein?"

"Ao contrário", eu lhe disse. "Essas coisas são, agora, mais urgentes do que nunca. O seu futuro, mais do que você possa imaginar, depende da rapidez com que você resolva esse assunto de relacionamento".

Ele me encarou... o seu olhar ferido era terrível de se ver. "Meu futuro?", disse, num eco. "Acabo de lhe dizer que eles me dão quatro meses, o que, provavelmente, significa quatro semanas, porque médicos mentem como qualquer outra pessoa. Francamente, não acho que valha a pena."

"Não estou falando de quatro meses, ou quatro semanas, ou quarenta anos. Estou falando a respeito do futuro que não tem medida."

Vi, então, os olhos de Fred abrirem-se desmesuradamente, e isso foi como se uma porta houvesse batido bem na minha cara. "Você está falando sobre... céu e inferno, esse tipo de coisa? Deixe disso, doutor!"

Ele estava tentando manter o tom mefistofélico, mas eu pude ver que o aborrecera. Nosso relacionamento tinha sido construído devagar, através das semanas, com base no compromisso de que eu "jogaria limpo" com ele. Isso era de absoluta importância; frequentemente, Fred comentava que eu era a primeira pessoa que não tentava iludi-lo.

"Nunca pensei que, dentre tanta gente, recebesse isso de você! Se eu quisesse escutar baboseiras sobre a morte não ser o fim, teria procurado algum ministro carola. Se você puser um bom donativo na sacola, eles prometerão asas e uma harpa e tudo mais o que você queira".

Respirei fundo, tateando atrás das palavras certas — ou, pelo menos, procurando as que não fossem erradas. Eu conhecia da história de Fred o bastante para saber que qualquer coisa traindo uma simples sugestão religiosa era anátema para ele. O mais cruel dos três pares de pais adotivos que tivera havia sido um pio casal, frequentador de igrejas, que acreditava poder espancar a soturnidade do alheado menino.

"Não sei nada sobre harpas e asas", eu disse. "Só posso dizer-lhe o que eu mesmo observei depois..."

Fiz uma pausa, com receio da palavra perigosa que poderia desfazer a ponte de confiança erigida entre nós. "Depois que eu morri" — isso era o que eu havia começado a dizer. Todavia, aqui estava um homem para quem, com frequência, se havia mentido. Como poderia eu partilhar com ele esse ponto nevrálgico da minha vida, sem parecer o maior mentiroso de todos?

Hesitante, comecei:

"Fred, uma vez os doutores desistiram de mim também, acharam que era caso perdido. Fui declarado morto, com lençol sobre a cabeça e tudo o mais. O fato de que, transcorridos dez minutos, fui trazido para viver um pouco mais sobre esta terra é, para mim, um simples parênteses numa história muito maior. E, Fred... é essa grande história que eu gostaria de contar para você".

Fred tirou um maço de cigarros e, com a mão trêmula, acendeu um.

"Você está me pedindo para acreditar que deu uma olhada nalgum tipo de vida futura? Não importa se esta vida é uma

peça ordinária, porque tudo vai virar rosas na outra... E isso o que você vai dizer, não é?"

"Não estou pedindo que você acredite em coisa alguma. Simplesmente, estou contando aquilo em que eu creio. E não tenho qualquer idéia sobre com o que a outra vida vai parecer. O que quer que eu tenha visto foi, por assim dizer, da soleira da porta. Todavia, foi o bastante para me convencer de duas coisas: uma, que nossa consciência não cessa com a morte física; e que, na realidade, fica mais penetrante e autoconsciente do que nunca. Outra, que o modo pelo qual empregamos nosso tempo, o tipo de afinidades que construímos na Terra é muitíssimo mais — infinitamente mais — importante do que podemos supor".

Por algum tempo, Fred estivera muito aborrecido comigo para me olhar no rosto. E, de repente, perguntou — os olhos fixos na forração marrom e verde:

"Já que você estava tão doente quanto diz, como é que sabia que não estava delirando?"

"Fred, isso é porque essa experiência foi a coisa mais completamente real que aconteceu comigo. E, também, desde aquele tempo, tenho tido oportunidade de estudar sonhos e alucinações. Tratei de pacientes que sofriam alucinações. Simplesmente, não há qualquer semelhança."

"Quer dizer que, honestamente, você acredita que nós continuamos... sendo nós mesmos? Quero dizer, que nós continuamos sendo nós mesmos depois?"

"Apostaria minha vida nisso. Tudo o que eu fiz, nos últimos trinta anos — graduar-me em Medicina, especializar-me em Psiquiatria, e todas as horas de trabalho voluntário com gente

jovem, a cada semana —, tudo remonta àquela experiência. Não creio que o delírio possa fazer isso, possa governar toda a vida de um homem".

"Delírio não podia mesmo", ele concordou. "Mas... e se fosse uma ilusão momentânea? Suponha que... você sabe... estivesse enganado durante todo o tempo?"

"É... suponha que eu estivesse doido, você quer dizer".

Eu estava sorrindo, mas essa era uma pergunta válida, legítima. De todos os mortais, os loucos parecem o mais plausível a si próprios.

"É uma pergunta difícil de responder, Fred. Não creio que qualquer um de nós possa ter sempre a certeza de estar sendo coerente. Todavia, tenho uma razão para esperar que o que digo tenha sentido, e essa razão é a verdadeira inquisição a que fui submetido na Universidade de Virgínia, antes de poder treinar como psiquiatra. Tive de enfrentar cada membro superior do pessoal, um por um, responder a todo o tipo de pergunta que me propusessem. E isso porque a experiência que eu atravessei — a experiência da morte e daquilo que acontece depois — foi tão decisiva para tudo aquilo em que eu acreditava que achei que eles tinham um certo direito de saber sobre ela. Por isso, contei-a para eles. O que os eminentes doutores deduziram, isso eu não sei... Mas, depois de ouvirem tudo o que eu tinha a dizer, todos e cada um deles me julgaram, ao mesmo tempo, são e emocionalmente equilibrado".

"O que prova que os médicos são malucos", disse Fred.

Mas ele estava sorrindo, o primeiro sorriso desde que entrara. Eu sabia que, quaisquer fossem as suas reservas, pelo menos estava pronto a ouvir.

A história era longa demais para ser contada em uma, ou até mesmo em duas sessões, mas senti que, não obstante o tempo que levássemos, a coisa toda valeria a pena. Sendo Fred o tipo de pessoa que era, eu sabia não ser aconselhável começar pela minha interpretação pessoal do fato. Era necessário que ele o escutasse, pormenor por pormenor, tal como aconteceu, para, depois, montar sua própria opinião.

"Não vou tentar induzí-lo a qualquer conclusão, Fred. Vou me limitar a descrever o que se passou, passo por passo, desde o momento em que dei entrada naquele Hospital do Exército. Se, mais tarde, você quiser discutir sobre a significação que porventura exista — significação para você, para mim — poderemos fazer isso".

"Hospital do Exército?" Fred indagou. E retrocedeu: "Isso foi durante a Segunda Guerra Mundial, não foi? Você quer dizer que... levou um tiro?"

"Foi durante a guerra, Fred... mas nenhuma bala me atingiu". Sorri, pesaroso à recordação. "Foi o clima no oeste do Texas..."

## 2

Fechei os olhos, recordando-me de há trinta e dois anos, lembrando-me da longa viagem de Virgínia a Abilene, no Texas, com centenas de recrutas, muitos — como eu — saindo de casa por vez primeira. Eu nascera e fora criado em

Richmond, e lembro-me bem do meu espanto ao constatar que havia, no mundo, algum lugar vazio de árvores.

E comecei a narrativa...

"Era pelo fim de setembro de 1943. Eu estava a caminho do Acampamento Barkeley, no Texas, para o treinamento básico. Contava, então, vinte anos de idade. Era alto, mais magro, o tipo atraente de garoto daqueles dias, cheio de idealismo sobre vencer a guerra e varrer os nazistas.

A única coisa que eu não estava apto a combater era a poeira. Na estação ferroviária de Abilene, fomos acomodados em caminhões que se dirigiam ao acampamento, muitas milhas além. A poeira era soprada com tanta força que, durante todo o trajeto, nada pudemos ver. Eu sabia que o Acampamento de Barkeley tinha de ser um lugar enorme — estimava-se que lá estivessem treinando 250.000 homens —, mas levou dias até que a poeira assentasse o suficiente a me permitir dar uma olhada no local: era uma cidade de barracos de madeira estendendo-se pelo deserto.

Durante as tempestades de pó, nós tínhamos de ir para os exercícios usando óculos de proteção, e, mesmo assim, éramos forçados a ter sempre uma das mãos no ombro de quem ia à frente; caso contrário esbarraríamos uns nos outros. A chuva começava em novembro, e toda aquela poeirada virava lama. Mas o vento secava tudo e soprava pó no rosto de todo o mundo. Costumava-se dizer que era, na Terra, o único lugar onde se podia marchar com lama até os joelhos e ainda levar poeira nos olhos.

Como se não bastasse, ficava terrivelmente frio em dezembro, mais frio do que jamais o fora, em Richmond. No dia 10 de

dezembro, sentamo-nos no chão, por duas horas — fazia 10 graus abaixo de zero —, enquanto algum jovem tenente ensinava-nos o modo correto de limpar o equipamento. Naquela noite, todo o nosso pelotão estava tossindo.

Na manhã seguinte, minha garganta ainda estava doendo, então fui recolhido ao "estaleiro". Seguramente, eu estava com febre, não uma febre muito alta, mais ou menos 38.8° - Mesmo assim, veio um jipe e conduziu-me para o hospital da base.

O hospital era algo da ordem de cinco mil leitos, ocupando mais de duzentas construções em madeira, baixas, todas entrecortadas por corredores. Estando eu com febre, a enfermeira de plantão mandou-me para uma ala de isolamento, que compreendia alojamentos com vinte e quatro camas, um consultório médico, uma sala para o pessoal da enfermagem e, de um lado, por onde se entrava, um cômodo de provisão; do outro, três cubículos, com apenas uma cama em cada um, onde você era alojado caso estivesse realmente enfermo. Eu, no entanto, estava levemente febril, por isso que ocupando a ala principal.

A única coisa que de fato me preocupava era que, no dia 18 de dezembro — e era, então, dia 11 —, eu deveria tomar um trem de volta a Virgínia. Eu havia obtido, simplesmente, a maior oportunidade que um soldado raso de vinte e um anos podia esperar do Exército dos Estados Unidos, e não ia desperdiçá-la por causa de um resfriado tolo. Começaria a frequentar as aulas, no Colégio Médico de Virgínia, aos 22 de dezembro, na minha cidade natal: Richmond. Iria tornar-me

um médico, sob os auspícios do Programa de Treinamento Especial do Exército.

O espanto que tudo isso me causara mantinha-me acordado, à noite, imaginando se era mesmo verdade. Foi logo depois do Dia de Ação de Graças que me mandaram chamar do campo de exercícios para enfrentar uma sala apinhada de majores e coronéis — até mesmo dois generais-de-brigada. Eu estava certo de que se tratava de uma corte marcial e tentava recordar, evocando cenas de filmes, se eles lhe davam uma oportunidade de telefonar a seus pais, ou se o conduziam para fora e o fuzilavam.

Com meus joelhos tremendo, permaneci em posição de sentido, enquanto eles me crivavam de perguntas. Era verdade que havia concluído o pré-médico na Universidade de Richmond? Era verdade que eu havia sido aceito no Colégio Médico de Virginia? Qual fora a razão que me levava ao alistamento no Exército, já que os estudantes de Medicina eram automaticamente dispensados de incomoração?

Um dos oficiais deu, finalmente, explicações. Pelo inverno de 1943, o Exército ressentia-se da falta de médicos. Todos sabiam que a grande invasão dos aliados, na Europa, ia ocorrer a algum momento do ano seguinte. Por mais quanto tempo duraria a guerra? Cinco anos? Seis?... Eles precisavam de médicos, com rapidez, e — é óbvio — o meio mais rápido de engendr-los era localizar soldados que houvessem tido qualquer espécie de treinamento anterior.

Sim, disse-lhes, estremecendo de alívio, eu terminara meu pré-médico no verão anterior, aos dezenove anos, completando, em dois anos, o curso que durava quatro. E, era

verdade, minha matrícula no Colégio Médico de Virginia fora deferida. Quanto ao alistamento opcional no Exército... era uma questão pessoal, mas todos esses oficiais estavam me olhando, esperando uma resposta.

Disse-lhes que havia sido por causa do meu pai, devido à sua entrada no Serviço Militar. Permaneceram, então, de olhos grudados em mim, aguardando a história toda, de modo que me lancei a ela. Expliquei que meu pai era um perito em carvão, trabalhando na Estrada de Ferro C & O, viajando em contato com seus grandes clientes, mostrando-lhes como construir fornalhas eficazes, e assim por diante. Quando estourou a guerra, a C & O cedeu meu pai ao governo federal, e ele partiu para uma inspeção nacional das plantas de construção de complexos de energia a partir do carvão, em bases militares. Quando a invasão da Europa se transformou numa possibilidade, ele recebeu uma comissão no Exército e foi designado para integrar um grupo a cujo encargo ficaria a estocagem de combustível para o Dia D.

Eis que o meu pai, já além da idade de recrutamento, estava pronto a atravessar os mares e a seguir as primeiras tropas até ao Continente, para instalar depósitos de combustível. E aqui estava eu, aos vinte anos, ainda na escola, como se nada houvesse acontecido. Por isso me alistara voluntariamente e fora mandado para o Acampamento Barkeley, no Texas.

Eu não comuniquei isto aos oficiais, mas o fato era que umas poucas semanas na poeira e na lama haviam mudado meu pensamento a respeito de quanto um soldado de infantaria era necessário nessa guerra. E, então, bem enquanto sentia quão pouco eu significava, veio a incrível notícia de que, de

qualquer modo, estava indo para a escola de Medicina, por iniciativa do Exército!

Permaneci mirando o teto de madeira da ala de isolamento, metido no pijama branco e empapuçado que eles lhe fornecem, sentindo-me bastante satisfeito com a maneira pela qual as coisas estavam se desdobrando. Suponho que, se eu fosse uma pessoa religiosa, teria dito que Deus fizera tudo aquilo. Todavia, isso não me passou pela idéia, É claro que eu fora à Igreja, de volta a casa, mas isso não tinha sido de tanta importância para mim.

Observar, isso é que era importante. Desde os doze anos, eu era escoteiro, gradualmente subindo de posto, de lobinho a chefe, e, então, no último verão, assistente nível I do Grande Chefe. Desse modo, tendia a, naturalmente, pensar em termos de honra, pontos, promoções etc... Agora, o engajamento voluntário no Exército era quase como uma nota de honra — uma espécie de boa ação —, e o fato de ser mandado à escola médica, uma espécie de recompensa.

Era assim que a vida funcionava. Tome a Medicina como paradigma. Durante toda a minha vida eu tinha desejado ser médico, muito antes de ter idade o bastante para pensar em ganhar a vida. Descobri, então, no colégio, que os médicos podiam ganhar muito enquanto ajudavam as pessoas. O problema era que você não discutia esse mérito para arrebatá-los os prêmios. Eles vinham como resultado do que devia ser feito de correto.

A enfermeira do Exército deteve-se junto ao meu leito e sacudiu um termômetro. Coloquei-o sob a língua, esperando, no mínimo, boas novas. Era dia 15 de dezembro, e eu já estava

recolhido àquele pavilhão há quatro dias, sem qualquer melhora. Isso estava me deixando preocupado com o embarque, dia 18, naquele trem. Eu sabia que — mesmo passada a febre - você ficava ainda uns dias na ala de recuperação.

A enfermeira leu a temperatura e marcou a papeleta.

"Lamento, mas continua com 38.8º, disse, parecendo realmente consternada. Eu lhe contara sobre a grande oportunidade conseguida; ela e todo o resto do pessoal me pareciam mesmo preocupados.

Importunei-os até que me conseguissem um maço de horários de trens, que guardei na mesinha de cabeceira, junto da bilha, do copo de água, da cuspidreira e da luz noturna. Aqueles horários eram meu laço com o mundo exterior, no meio de toda aquela parafernália hospitalar. Se, por azar, eu ainda estivesse aqui no dia 18, estudaria cada rota ferroviária até Virgínia, até que descobrisse um jeito de estar em Richmond para o início das aulas, no dia 22. Se eu não aparecesse, por certo perderia a chance, pois sabia haver uma dúzia de outros soldados, prontos para tomar o meu lugar. Mesmo que, por algum milagre, o pessoal o reservasse para mim, se eu chegasse depois de começadas as aulas, minhas chances de alcançar a turma eram mais ou menos zero. Esse era um dos mais competitivos programas do Serviço Militar. Fora avisado de que um terço da turma tinha sido reprovado nos primeiros nove meses.

Engoli o comprimido que a enfermeira deixara dentro de um copo de papel e voltei ao meu confortador filosofismo. Sabia, exatamente, por que tinha, desde o início, querido ser

médico. Não era dinheiro o motivo. Era para ajudar o vovô Dabney.

Ele era o pai de minha mãe. Eu era capaz de, fechando os olhos, visualizar seus olhos azuis e seu bigode branco e cerdoso. Os Dabney eram imigrantes franceses que se haviam estabelecido na Virgínia, durante o século XVIII, numa região que ainda guarda o sotaque que lhes era característico. O jardim do vovô Dabney era sempre um "jiardim"; o seu carro, sempre um "ciarro".

Ele e a vovó Dabney eram mais como pais do que avós, tanto para minha irmã mais velha quanto para mim. Nossa mãe faleceu um mês depois de eu ter nascido, e o trabalho do pai, na companhia C & O, exigia que viajasse muito. Assim, vovô e vovó levaram-nos, a mim e a Mary Jane, para "Moss Side", a grande casa de alvenaria situada no que, por aquele tempo, eram os limites de Richmond.

Tratava-se de um lugar maravilhoso para a criação de um menino. Havia cadeiras de vime enormes na ampla varanda, velhos carvalhos em toda a área. Vovó tinha galinhas e uma vaca pelo gramado, até que uma postura municipal proibiu isso. Era uma senhora pequena, à antiga, que chamava o marido por Sr. Dabney e que preferia seu velho fogão a lenha aos novos fogões a gás. Durante todas as manhãs da minha primeira infância, acordei com o ruído do seu moedor de pão na cozinha.

Vovô Dabney era dono da maior loja de calçados do Sul. Na seção infantil, que ficava no segundo andar, havia um carrossel a pedal onde eu adorava brincar. De outras vezes, ele me levava à estação de Acca, perto da nossa casa, para ver

a mudança de locomotivas nos velhos comboios Richmond, Frederik e Potomac.

O outro membro da família era a Srta. Williams, a enfermeira que tinha vindo comigo do hospital em que eu nascera, uma criança prematura e doente, que ninguém acreditava sobrevivesse. O vovô Dabney gostava de contar que eu era tão miúdo que tinha sido levado para casa dentro de uma caixa de sapatos Florsheim. A Srta. Williams usava óculos com aro de prata e tinha um galo no nariz, bem no lugar onde ela o fraturara, e que fora mal soldado. Ela me colocou numa encubadeira — o que, em Richmond, era ainda novidade, até então, — e, depois ficou para cuidar de Mary Jane e de mim.

Quando eu tinha sete anos, papai casou-se de novo. Mary Jane e eu fomos viver com ele e a nossa madrasta numa pequena casa, em Brook Road. A Srta. Williams foi trabalhar para outra pessoa. Eu, porém, ainda passava quase todo o fim de semana com vovô e vovó, em "Moss Side". Aos poucos, com o passar do tempo, observei a decadência do meu avô, que progressivamente se deformava e encurvava, sob a ação de uma doença que ninguém podia curar.

Chamavam-na artrite reumatóide. Quando eu era pequeno, o mal estava circunscrito apenas às suas pernas. Ele caminhava com muletas. Depois, alastrou-se para os ombros e as mãos; ele teve de viver numa cadeira de rodas. À medida que eu crescia, tirava-o da cadeira e colocava-o no seu "ciarro" ou sobre a sua cama. Era, então, que podia observar como lhe causava dores. Não que o vovô, de alguma vez, dissesse algo; ele era a pessoa mais resignada do mundo. Na realidade, o seu médico costumava levar outros pacientes para visitar o velho

aleijado, de modo a que ele levantasse-lhes o moral. Todavia, quando eu o levantava da cadeira, ele se retraía e seu rosto ficava pálido. Foi então que eu me decidi a ser médico.

Já era muito tarde para fazer alguma coisa pelo vovô. Ele morrera há três anos, quando — então — eu contava dezessete. Lembro-me de estar voltando de uma excursão, como os escoteiros costumavam fazer nos fins de semana, e de encontrar o Henry e a Bruce Gordon, meus irmãos, na janela da frente. Henry tinha somente sete anos, e Bruce Gordon, oito, de modo que, provavelmente, eram muito pequenos para atinar o que exatamente se estava passando. Todavia, pude, de imediato, ver que ambos haviam estado chorando. Disseram-me, que papai, mamãe e Mary Jane estavam para os lados de "Moss Side". O corpo do vovô Dabney tinha sido preparado na sala de visitas.

Eu tinha parado sob a porta da sala por longo tempo, experimentando estranha relutância em entrar. O caixão de metal cinzento estava fixo sobre cavaletes, perto do velho fonógrafo edsoniano. Consegui, finalmente, atravessar a soleira e parei, olhando para o meu avô.

No entanto, aquela figura pálida e imóvel não era o vovô Dabney! Ele estava silencioso demais, muito sem cor. Foram as suas mãos que especialmente me chocaram. O maquilador havia esticado os dedos deformados, de modo a que eles ficassem retos sobre o cetim brilhante. As mãos do vovô eram, para mim, mais bonitas quando retorcidas. Aquelas mãos, ali, estavam muito lisas, lívidas como cera. Tinham, para mim, um aspecto horrível.

Mas, conquanto eu jamais pudesse ter a oportunidade de ajudar meu avô, pelo menos ele chamou a minha atenção para o sofrimento no mundo. E se, como eu agora estava descobrindo, um homem podia ganhar dinheiro prevenindo o sofrimento, é que, pura e simplesmente, essa era a maravilhosa justiça em que o universo estava estruturado.

De fato, era engraçado... tão logo eu descobri o lado monetário de tudo, comecei a pensar em todas as coisas que eu gostaria de ter. Organizara uma boa listinha, começando com um Cadillac, uma piscina e um barco.

Eu, o tutelado, estava almoçando no amplo cômodo, de maneira que pus de lado os sonhos de vida fina, o bastante para me concentrar no prato de estanho à minha frente. Mas, quando a refeição terminou, voltaram os vãos da imaginação. Calculei que, neste urgente programa do Exército, eu seria um dos mais jovens médicos a graduar-se. E, então... bem, afinal a guerra não poderia durar para sempre.

Olhei para o anel na minha mão esquerda: o mocho dourado da Fraternidade Phi-Gama-Delta, incrustado na pedra de ônix preto, com os dizeres "Universidade de Richmorid, 1945," dispostos em semicírculo na base. Assim como muitos da turma de 1945, aqui estava eu, em 1943, terminando a escola e enfiado num uniforme. Se eu iniciasse a escola médica este mês e terminasse tudo em três anos... imaginei, por então, que poderia ter aquele Cadillac.

Dia 16 de dezembro. Peguei o monte de horários de trem na mesinha de cabeceira e, pela centésima vez, examinei-o cuidadosamente. Mas, não importava o que eu pensasse.. . não havia jeito de, em menos de 30 horas, ir de Abilene, no Texas,

até Richmond — na Virgínia. Na realidade, eu teria sorte se o conseguisse no espaço de 48 horas, já que vigorava o horário de guerra e que o Natal vinha próximo. Aquilo significava que 19 de dezembro era, positivamente, o último dia para sair de Abilene. E, agora, ao invés de um resfriado, os médicos estavam chamando o que eu tinha de gripe.

Inesperadamente, então, na manhã de 17 de dezembro, o mercúrio do fino tubo de vidro parou em 37,9. A enfermeira de dia imediatamente comunicou o fato ao médico de plantão, oficial do dia. Em poucos instantes, ele surgiu e disse: "Estou, pessoalmente, levando-o para a Recuperação". Pôs no ombro a minha mochila e pôs-se a caminho por um dédalo de corredores de madeira, e eu caminhando apressadamente atrás dele, com minhas botas e meu capote. Mal podia acreditar que esses homens e essas mulheres, todos oficiais, se submetessem a tanto estorvo por causa de um pobre soldado raso. O médico, porém, garantiu-me que — caso a minha temperatura se mantivesse normal — ele aceleraria o andamento dos papéis da baixa e eu estaria fora no dia seguinte.

A enfermaria de recuperação, para onde eu fora transferido, era tal qual a que acabara de deixar: doze leitos perpendiculares a cada parede, vinte e quatro cadeiras pintadas de branco, vinte e quatro mesinhas de cabeceira, cada uma com uma lâmpada e uma pequena luz noturna. Lá estavam, igualmente, os três escritórios por onde se entrava e os três cubículos particulares transversalmente a eles. Só que, aqui, porque fôssemos convalescentes, não estávamos impedidos de transitar por outras acomodações do imenso

complexo hospitalar, por exemplo, a agência postal, ou o cinema-teatro, que ficavam em outros prédios, por interconexão. No entanto, passei o dia sentado junto à minha cama. Nevava, lá fora, e eu não queria me expor ao risco de pegar um outro resfriado nalgum corredor ventoso.

Fiquei meditando sobre o Natal e sobre como seria formidável retornar a Richmond. Tinha certeza de que dariam aos soldados o feriado de Natal, e, como Richmond era a minha cidade de origem, eu poderia estar com a minha família.

É claro que papai não estava, mas minha mãe por certo estaria. Aliás, ela era minha madrasta e, embora nem sempre nos houvésemos relacionado bem, o fato de eu estar sentado dentro de uma caserna, num hospital de madeira, no Texas, com a janela marcada de geadas, fez com que me apercebesse de que tinha saudade dela.

Até poderia ser que Mary Jane e seu marido viessem de Fort Belvoir, na Virgínia. Eu sentia mesmo falta de Mary Jane, e até de Henry e Bruce Gordon, de quem eu sentira ciúme desde que nasceram. Agora que minha madrasta tinha filhos do próprio ventre eu estava certo de que não ligava tanto para mim. Mas, no Natal, bem... seria simplesmente "grande" observá-los vozeando escadas abaixo.

Na hora em que as luzes se apagavam, uma enfermeira atravessava a enfermaria de recuperação tomando as temperaturas e anotando-as num caderninho. Era parte da rotina — eles estiveram fazendo isso durante o dia todo, por intervalos — e não desconfie de nada, até que um contínuo apareceu junto do meu leito, com minha mochila e meu equipamento sob o braço, dizendo:

"Temos de ir para o isolamento".

Olhei para ele. "O que é que você quer dizer?"

"Você está com febre. Tenho de levá-lo para uma enfermaria de isolamento".

"Mas, a minha febre passou! Estou saindo amanhã!"

Ele deu de ombros e foi procurar uma enfermeira. Desta vez, eu mesmo li a temperatura: 39.5?

Inteiramente arrasado, segui o soldado através de diversos saguões e alojamentos idênticos aos dois em que estivera. O máximo que esperava era que me levasse de volta para a enfermaria de onde, naquela manhã, eu viera, na qual todo o mundo se interessava tanto por mim. Mas, conquanto esta, onde agora estávamos, parecesse exatamente com aquela, vi — depois de um minuto de observação — que não o era. O contínuo disse haver no acampamento tanta gripe que todos os leitos eram ocupados no instante em que vagavam.

Fui para o que ele me indicou, mas sono era algo fora de cogitação. E agora?... O que é que eu ia fazer? O dia seguinte seria 18. Eu nunca estaria naquele primeiro trem... E, se perdesse também o do dia 19?

Tossi miseravelmente durante a noite toda. Minha tosse e a dos demais, à minha volta, mantiveram-me desperto. Por que a minha febre de repente disparara de novo? Desde o pré-médico, eu sabia que gripe mal curada era passível de evoluir para pneumonia. O que acontecia então era que ninguém podia mover um dedo que surtisse algum efeito positivo. Dizia-se que uns poucos médicos andavam experimentando algumas drogas pouco conhecidas; porém, não se tratava ainda de medicamentos de uso generalizado. Se o meu

problema acabasse em pneumonia - bem, nem se falasse em quanto tempo eu teria de permanecer ali.

Todavia, na manhã seguinte, dia 18 de dezembro, a febre cedeu um pouco, não o suficiente para permitir minha remoção para a Recuperação, mas o bastante para manter acesas minhas esperanças. Falei às novas enfermeiras a respeito da minha meta, em Richmond; elas foram tão simpáticas quanto as outras. De noite, um grupo de integrantes do quadro de pessoal estava preocupadamente discutindo o meu problema. Alguém descobriu, enquanto esquadrihava os horários, um trem que saía de Abilene na noite de 19, mais precisamente na madrugada do dia 20, às 4:00h. Com um pouco de sorte, seria possível chegar a Richmond bem em cima da hora.

"Eu poderia providenciar um jipe para apanhá-lo exatamente aqui, no hospital", falou um dos médicos.

"Se a sua temperatura continua a descer, nós o removemos, de manhã, para a Recuperação. Isso vai ser dia 19, de modo que, de lá, pode ir direto para a estação, amanhã à noite, sem mais se apresentar nos alojamentos da sua companhia", completou. E, maravilha das maravilhas, na manhã de 19, minha temperatura novamente voltou ao normal! Cumprindo-se a palavra do doutor, fui de imediato removido para uma enfermaria de recuperação, com armas e bagagens e corria requisição de um jipe para me apanhar ali às 3h20min da manhã seguinte.

Ocupei o quarto leito nessa enfermaria, que não diferia, exteriormente, das outras. Doze leitos numa fileira, doze na ala lateral, três escritórios perto da porta, três pequenos

cômodos disponíveis para casos graves. Essa disposição, conquanto monótona, era — para mim — o quarto mais lindo do mundo. Ali, naquela noite mesmo, um jipe estaria vindo, a fim de me levar embora, para sempre, das tormentas de areia e dos campos de exercício.

Naquela tarde, vesti o uniforme, só para me reacostumar ao uso de roupas. Esforcei-me por descansar, mas estava agitado demais para ficar quieto por muito tempo. Lá pelas 17h, o ocupante do outro leito sugeriu que poderíamos matar o tempo indo ao cinema. Da primeira vez em que eu estivera numa enfermaria de recuperação, raramente ousara me mexer, por medo de ficar doente de novo. Contudo, desta vez, estava pronto a topiar qualquer coisa que abreviasse a espera. O suspense desses últimos dias, o fato de quase ficar liberado, voltando — depois — para o isolamento, e de volta à Recuperação, isso tudo estava me fazendo ficar com medo.

Fomos à vespéral, logo depois do lanche, porque eu queria ir dormir cedo. Nem mesmo me lembro sobre o que era o filme. Só sei que estávamos sentando na sala de projeção quando senti um violento acesso de tosse.

Voltamos para a enfermaria por volta das 21h15min; eu fazia figa para que a enfermeira já tivesse terminado as suas "rondas" daquela noite. Somente o contínuo estava de serviço, o que me fez respirar de alívio. Sentia-me febril, e não queria ninguém enfiando um termômetro na minha boca.

Fui à sala do contínuo e pedi algumas aspirinas. Ele me deu seis comprimidos e três tabletes de aspirina, fenacetina e cafeína. Esses eram os únicos medicamentos que podiam ser livremente distribuídos. Peguei no fundo da sua sala a minha

mochila, minhas botas de calcanhar alto, e meu sobretudo verde-acinzentado, e empilhei-os ao pé da cama. Depois, dobrei meu uniforme e coloquei-o sobre a cadeira, pronto para vesti-lo no meio da noite.

Certifiquei-me de que o despertador que uma das enfermeiras me havia emprestado estava preparado para tocar às 3:00 horas. Finalmente, tomei duas aspirinas e um tablete de APC, e — apesar de a maioria do pessoal estar ainda acordado e perambulando — meti-me na cama. Num segundo, estava dormindo.

### 3

Um verdadeiro espasmo de tosse me acordou. Passei a mão sobre a mesinha de cabeceira, à procura da cuspidreira, e cuspi algo. Minha cabeça doía e meu peito parecia em fogo. A enfermaria estava silenciosa e escura. Só as pequeninas luzes noturnas permaneciam pálidamente acesas, ao lado de cada leito. Doze pequenos halos ao longo de cada parede.

Que horas eram? Firmei os olhos no despertador, mas estava escuro demais para vê-lo. Peguei-o, então, e segurei-o mais perto do foquinho.

Meia-noite.

Peguei a bilha de água de sobre a mesa, enchi um copo e engoli mais duas aspirinas e um tablete de APC. Deitei-me, pela primeira vez notando que meus lençóis estavam ficando molhados. Fiquei tendo de me sentar para cuspir. Devo, finalmente, ter tirado uma pestana, porque, de repente,

acordei totalmente sem ar. Quando o acesso de tosse serenou, olhei de novo para o relógio...

Duas e dez.

Menos de sessenta minutos até à hora de levantar. Eu estava me sentindo podre, suando em bicas, o coração às marteladas. Tomei a última aspirina e tentei reconciliar o sono, mas continuei a tossir, enquanto alguma coisa se soltava do fundo do peito. Tive, então, de agarrar a cuspidreira. Finalmente, ajeitei o travesseiro às costas e me recostei. Isso pareceu aliviar a tosse, mas — agora — eu tinha certeza de que estava com febre: o corpo todo me doía. Era preciso que mais ninguém descobrisse, até que eu embarcasse, a salvo, naquele trem!

Verifiquei novamente o relógio. Estava quase na hora de começar a me vestir. Desliguei o alarme. Não tinha o propósito de perturbar todo o *mundo*, se eu já estava acordado. Levantei-me, imaginando se ousaria ligar a lâmpada para começar a me vestir. Se essa tosse não acordara ninguém, nada mais o faria. Acendi a luz, contornei a cama, até à cadeira, intrigado com o tremor das minhas pernas. Peguei o uniforme e, prudentemente, fui para junto da mesinha. Senti-me inteiramente tonto. Era preciso ter cuidado, caso contrário o motorista notaria algo. Parei, mirando a mesinha. A cuspidreira estava cheia de sangue vivo e brilhante, até à borda.

Uma luz se deslocava, proveniente da sala, perto da porta. Fui até lá e olhei para dentro. O auxiliar estava lendo uma revista. "Empreste-me um termômetro, por um instante", falei.

Ele se levantou e alcançou-me um que estava numa prateleira. Afastei-me, alguns passos, antes de colocá-lo sob a língua: isso era só da minha conta. Depois de um minuto, chequei a temperatura, à luz que se coava pela ponta da sala ao lado.

Li ou tentei ler. Não podia entender o que estava se passando. Não importava o quanto eu sacudisse o termômetro... o fio de mercúrio parecia chegar ao máximo. O auxiliar surgiu atrás de mim e tirou o termômetro da minha mão.

"Quase 41.59!" gritou, em altos timbres. E, antes que me fosse possível detê-lo, correu e atravessou as portas duplas que davam para o corredor.

Num minuto depois, voltava, com a enfermeira da noite a toda a brida. Ela apanhou na prateleira da sala ao lado um outro termômetro e pôs-se a controlar o tempo pelo relógio, enquanto eu me maldizia por cabeça-oca. Depois, a enfermeira retirou o termômetro e olhou-o.

"Sente-se", disse ela.

Guiou-me, então, como a uma criança pequena, até a cadeira onde o rapaz estivera sentado, ordenando-lhe:

"Você permanece aqui, com ele. Volto num segundo!"

Enquanto ela desaparecia, eu disse ao soldado:

"Não posso ficar por aqui. Tenho de conseguir me vestir. Preciso tomar um trem, dentro de exatamente uma hora".

"Tenha calma", respondeu-me. "O médico está vindo".

O que é que havia com o cara? Será que ele não tinha me escutado?

"Estou indo para Abilene!", falei. "Um jipe estará vindo me buscar, dentro de vinte minutos!"

"Está certo", respondeu. "Faça o favor de sentar-se, quietinho, e tudo acabará muito bem".

Aquele lunático jamais ligaria para o que eu estava dizendo, e o mesmo aconteceu quando o doutor chegou. Auscultou-me o peito, e começou a cogitar de raios X.

"Ele jamais andará tanto", disse à enfermeira. "É melhor chamarmos uma ambulância".

A enfermeira deu um telefonema, enquanto eu tentava explicar-lhes que não estava esperando ambulância nenhuma; era um jipe. Ainda estava falando, quando dois soldados entraram correndo com uma padiola. O doutor ordenou-me que deitasse, o que, considerando-se que eu devia estar dentro do uniforme, era uma loucura. Todavia, soldado raso não discute com um capitão. Deitei-me na padiola, colocaram à minha volta alguns cobertores e ergueram a coisa toda.

Logo a seguir, senti o ar frio da noite no meu rosto. Estavam, jeitosamente, me colocando dentro de uma ambulância e, em seguida, saímos feito flecha por cima de uma estrada. Pouco tempo depois, a porta foi aberta e, de novo, senti aquele sopro de ar gélido. Conduziram-me, abrindo algumas portas e depositaram a padiola dentro de um quarto cheio de aparelhagens. Um homem de roupa branca inclinou-se sobre mim.

"Acha que pode ficar de pé só por um minuto?", foi a pergunta.

Quase ri quando os dois guardadores de padiola enfiaram os dois braços entre os meus e me puseram de pé. Muito mais do que um minuto eu fico na estação ferroviária... por pouco!

Ainda me segurando pelos braços, conduziram-me a um painel vertical, provido de uma reentrância pouco profunda, onde se devia apoiar o queixo. O homem de branco, medindo-me com os olhos... "Um metro e oitenta e três centímetros", disse, girando uma manivela do lado do dispositivo, para alçá-lo um pouquinho, e — dando um tapinha na reentrância, como a indicá-la para mim, perguntou:

"Pode chegar o queixo até aqui? ótimo. Agora fique quieto por um segundo".

Os auxiliares largaram os meus braços e foram, com o técnico, para detrás de uma divisória. Escutei um clique e um zumbido.

O zumbido aumentou e aumentou. Estava ficando mais forte. Estava dentro da minha cabeça. Meus joelhos pareciam feitos de borracha. Estavam se dobrando, eu estava caindo e o zumbido continuava a crescer.

De repente, pus-me sentado com um sobressalto. Que horas eram? Olhei para a mesinha de cabeceira, mas eles haviam tirado o relógio. Para falar a verdade... onde estava o meu material? Os horários de trens? Meu relógio?!

Olhei à minha volta. Achava-me num quarto minúsculo, o qual eu jamais vira. Graças ao clarão vermelho da luz para noite, via que a cama praticamente o tomava. Havia uma cadeira branca, de madeira, perto da soleira da porta, a cama, a mesinha. Isso era tudo.

Onde estaria eu?

E como chegara ali?

Fiz uma panorâmica, tentando me lembrar... O aparelho de raios X... exato! Eles me levaram para a sala de radiografias e... eu devo ter desmaiado ou qualquer coisa.

O trem! Tinha perdido o trem! Alarmado, pulei para fora da cama, procurando as minhas roupas. É claro que o pessoal do Raios X não sabia de nada a respeito do trem. Por isso, eles me haviam posto ali dentro, ao invés de me mandar de volta para onde o jipe estava esperando.

Meu uniforme não estava sobre a cadeira. Olhei debaixo dela. Atrás. Nem a mala de campanha nem nada. Onde mais, se não naquele pequeno armário embutido, poderiam ter guardado as minhas coisas? Talvez, debaixo da cama? Voltei-me e, então, gelei. Alguém estava deitado sobre aquela cama.

Cheguei mais para perto. Tratava-se de um jovem, de cabelos castanhos e curtos, imóvel. Mas... aquilo era impossível! Eu acabara de saltar daquela cama! Por um momento, lutei com o mistério do que se passava. Era algo excessivamente esquisito de se pensar, além do que eu não dispunha de tempo para tanto.

O auxiliar! Talvez minhas roupas estivessem dentro do seu quarto! Precipitei-me para fora do pequeno cômodo e procurei à minha volta. Duas fileiras de lâmpadas noturnas brilhavam contra as paredes na enfermaria. Não me parecia ter estado ali antes, todavia, não era fácil garanti-lo... todas elas eram muito semelhantes.

A porta da sala, que ficava exatamente numa transversal a mim, estava aberta, a luz estava acesa, mas nem sinal de auxiliar. Entrei. As prateleiras sustinham somente o equipamento de costume... nada de roupas nem de sapatos à

vista. As salas do médico e da enfermeira estavam às escuras — ninguém por lá. Silenciosamente, caminhei pelo corredor lateral, na grande sala onde os soldados dormiam, imaginando se eles não poderiam ter colocado meu equipamento por ali, nalgum canto. A luz, porém, estava pálida demais... não se podia ver muita coisa. Salvo alguns roncos e tosses ocasionais, não se ouvia um só ruído.

Voltei pelos escritórios e dei no corredor, por onde vinha um sargento, carregando uma bandeja de instrumentos coberta por um pano. Com toda a certeza, ele não sabia de nada, mas eu me sentia tão feliz em encontrar alguém acordado que fui em sua direção.

"Perdão, Sargento", disse eu. "O Senhor não teria visto o auxiliar desta unidade?"

Ele não respondeu. Sequer olhou para mim. Continuou a vir, na minha direção, sem diminuir o passo.

"Presta atenção!", berrei, saindo do seu caminho.

No instante seguinte, já ele havia me ultrapassado como se em momento algum me tivesse visto, embora eu ignorasse como não nos havíamos esbarrado.

Foi então que eu vi uma coisa que me deu uma nova idéia. Estava no corredor, mais para baixo, uma porta de metal pesado, dando saída para o exterior. Corri em direção a ela. Mesmo que tivesse perdido o trem, descobriria um jeito de chegar a Richmond!

Quase sem me aperceber, dei comigo mesmo do lado de fora, correndo céleremente, de fato mais rápido do que fora capaz em toda a minha vida. Não estava tão frio quando antes. Na realidade, eu não sentia nem frio nem calor.

Fiquei estupefato, quando - ao olhar para baixo - não vi o solo, mas — sim — copas de arbustos do gênero "prosopis grandulosa". O acampamento Barkeley parecia ter ficado bem para trás, à medida que eu me deslocava velozmente sobre o deserto escuro e frio. Minha mente continuava a dizer que o que eu estava fazendo era impraticável, e, ainda assim... estava acontecendo.

Uma cidade passou sob mim feito relâmpago, os sinais luminosos cintilando nos cruzamentos. Aquilo era ridículo! Um ser humano simplesmente não podia voar sem um avião — mas eu estava voando muito baixo para um avião.

A região parecia, agora, mais arborizada: grandes campos polvilhados de neve. Vez por outra, eu enxergava uma estrada, mas o tráfego era reduzido àquela hora da noite e as cidades pelas quais eu passava estavam escuras e silenciosas.

Estava indo para Richmond. Sabia-o de algum modo, desde o momento em que irrompi porta do hospital afora. O fato de estar indo cem vezes mais rápido do que qualquer trem sobre a terra poderia, sem dúvida, me levar a Richmond.

Mas... agora que eu meditava no assunto, como podia estar certo de ser aquele o caminho para Richmond? Só viajara uma vez entre Texas e Virgínia, indo por outro trajeto, além do que uma grande parte da viagem ferroviária tinha transcorrido durante a noite. O que era que me fazia pensar que eu poderia, por minha própria conta, achar o caminho de volta à Richmond?

Neste instante, um rio extremamente largo estava sob mim. Havia uma ponte comprida e alta, e — na outra margem — a maior cidade a que, até então, eu chegara. Oxalá me fosse

possível descer e encontrar alguém que me fornecesse indicações quaisquer.

Quase de imediato, notei que estava descendo mais devagar. Um foco azul, brilhante, estava bem abaixo de mim, justo onde duas ruas confluíam. Vinha do gás neon de um anúncio luminoso colocado sobre a porta de um prédio térreo, em cuja janela da frente se lia: "Cerveja Pabst — Rótulo Azul". As letras piscando sobre a porta diziam: "Café — Restaurante". E uma luz, coada pelas janelas, derramava-se pela pavimentação.

Fixando-a, dei comigo mesmo completamente parado. A sensação de me ver, de algum modo, no ar, suspenso a mais ou menos 15 metros, era ainda mais estranha do que aquela ventania. Mas eu não dispunha de tempo para queimar as pestanas pensando nisso, pois um homem apareceu andando a passo rápido pela calçada. Finalmente, pensei, poderia descobrir que cidade era aquela e em que direção eu estava indo. No mesmo instante em que a idéia me veio à mente, vi-me com os pés sobre a calçada, acompanhando o passo apressado do desconhecido. Pensamento e movimento tinham se reduzido a uma só coisa. Tratava-se de um paisano, talvez na casa dos 40, envergando capote, e sem chapéu. Estaria, sem dúvida, mergulhado nalgum pensamento, porque sequer me olhou no momento em que tomei o passo a seu lado.

"Por favor", disse eu, "pode me dizer que cidade é esta?"

Ele continuou andando...

"Senhor, por fineza", disse eu, mais alto, "não sou daqui e gostaria muito de..."

Chegamos ao *Café* e ele virou, estendendo a mão para pegar a maçaneta da porta. Será que o homem era surdo? Levantei a mão esquerda para tocar no seu ombro.

Não encontrei resistência.

Fiquei ali, de pé em frente à porta, boquiaberto, embasbacado, enquanto ele abriu-a e desapareceu lá dentro. Fora como se eu houvesse tocado em... ar rarefeito. Algo como se não existisse ninguém ali. Não obstante, eu o vira distintamente, até mesmo o queixo, onde a barba preta estava por fazer.

Renunciei ao mistério do homem sem substância e me encostei no cabo de um poste telefônico, para repensar os acontecimentos. Meu corpo atravessou aquele cabo, como se tampouco ele estivesse ali.

Lá, na calçada daquela cidade desconhecida, passara-me pela cabeça um pensamento de incredulidade, o mais esquisito e árduo que eu jamais tivera. O homem no café, este poste telefônico... supunha que fossem perfeitamente normais. Supunha fosse eu que, de algum modo, houvesse mudado. E se, de algum jeito impossível, ou inimaginável, eu tivesse perdido... minha solidez? Se eu tivesse perdido minha capacidade de segurar coisas, de estabelecer contato com o mundo, até mesmo de ser visto! O que acaba de acontecer com aquele homem. . . Era óbvio que, em momento nenhum, ele me vira ou ouvira.

E, agora - estando eu diante de fatos -, sabia que tampouco aquele sargento, no hospital, me tinha visto e ouvido. Era como se eu nã\*o existisse para ambos.

E, continuaram os pensamentos perturbadores, se aqueles dois não me tinham visto, o que era que me havia feito pensar que

as pessoas do Colégio Médico de Virginia iriam ser capazes de me ver? Qual era o sentido daquela impetuosa corrida para Richmond, se — quando eu chegasse — ninguém poderia registrar minha presença?

O mesmo em relação ao Natal. E se eu chegasse a casa para o Natal e nem mesmo a minha família pudesse me enxergar? Assolou-me uma terrível solidão. Eu tinha de readquirir aquela solidez à qual as demais pessoas correspondiam. De algum modo, de algum jeito eu tinha de fazer isso.

De repente, recordei-me do rapaz que eu vira sobre a cama, naquele exíguo quarto de hospital. E se aquilo fosse... eu? Ou, seja lá o que for, a parte material, minha parte física, da qual, por algum processo inexplicável, eu me separara? E se a forma que eu deixara deitada num quarto hospitalar, no Texas, fosse a minha própria forma?

E, se o fosse, como eu poderia dar por lá de novo? Por quê, tão impensadamente, me afastara eu de lá?!

Movia-me de novo, velozmente me afastando da cidade. Abaixo, estava o rio, muito largo. Eu parecia estar voltando, voltando para de onde viera, e tudo isso ainda mais rápido do que antes. Lagos, colinas e fazendas sumiam-se de sob mim, à medida que eu seguia, a toda, numa linha reta constante, sobre a terra ensombrecida pela noite.

Finalmente, rarearam as árvores e, num relance, vi e reconheci os arbustos de "prosopis grandulosa" e as revinas áridas do leste do Texas. Lá estavam os telhados dos alojamentos do Acampamento Barkeley, silhuetas negras e longilíneas recortadas no chão coberto de neve. Agora, eu

descera e estava reduzindo a velocidade. Num momento, eis-me parado, de pé, em frente ao hospital da base.

Corri para dentro. Lá estava o setor de admissões, onde, havia dez dias, eu preencheria a ficha. Evidentemente, estava silenciosa àquela hora da noite, porque os escritórios estavam fechados e trancados. Sobressaltado, desloquei-me pelo corredor da esquerda, mas detive-me ao observar que ele me levava a algo que parecia um refeitório. Onde estava o auxiliar a quem, cedo, eu fizera despertar naquela noite?

Finalmente, depois de passar por inúmeros saguões, cheguei a uma grande sala que me pareceu familiar. Havia, sobre cada leito enfileirado junto à parede, uma forma adormecida; todavia, aquela por que eu procurava — aquela que eu, agora, estava convicto de pertencer a mim — estava num dos pequenos quartos próximos à porta. Disso eu tinha certeza. Olhei, ansiosamente, para dentro de cada um deles... os dois primeiros estavam vazios, e, no último, havia um homem em tração, ambas as pernas engessadas.

Voltei para o corredor e olhei para os lados, indeciso. Onde estava aquele pequeno quarto? Pelo menos, em que ala daquele hospital imenso estava ele situado?

Eu puxava pela cabeça, torturava o cérebro tentando me lembrar de alguma coisa — fosse o que fosse —; algo que me ajudasse a localizá-lo, mas de nada adiantava. Devia ter estado inconsciente quando me transportaram da sala de raios X para lá; e, quando acordei, estivera tão obcecado pela idéia de chegar a Virgínia que safra atabalhoadamente, sem ao menos olhar para trás. O caso era que por ali, nalgum lugar dentre aproximadamente duzentos alojamentos, existia um quarto

exíguo, que se revestia, para mim, de infinita importância. E ele poderia ser qualquer um dentre tantos.

Desse modo teve início uma das mais estranhas buscas que já houve: a procura de mim mesmo. Corri de uma para outra enfermaria daquele enorme complexo hospitalar, parando em cada pequeno quarto, curvando-me sobre o ocupante do leito, e prosseguindo apressado. Havia centenas e centenas desses cubículos de solteiro, uns iguais aos outros. As enfermarias eram tão semelhantes que logo me confundi a respeito daquelas em que eu estivera. Já não sabia até que ponto eu estava ou não indo e vindo pelos mesmos trajetos.

Aos poucos, uma verdade bem mais alarmante tomou conta de mim.

Em momento algum eu me vira a mim mesmo.

Não de fato. Não do modo pelo qual eu vira outras pessoas. Do peito para baixo, observara o suficiente para saber que se tratava de mim mesmo; mas, dos ombros para cima, agora me apercebia que tudo se reduzia a uma imagem bidimensional, como que espelhada, olhando-me fixamente de dentro de um compartimento de vidro. Vez por outra, um instantâneo também bidimensional. E isso fora tudo. A minha presença volumétrica animada e capaz de ocupar o espaço-curvo, essa de modo algum eu conhecia.

Descobri ser aquele o modo por que reconhecemos as pessoas: não pelo formato do nariz, nem pela cor dos olhos, mas pelo impacto do todo tridimensional, com todos os componentes, a um só tempo.

É claro que eu sabia quanto media e pesava. Como se memorizasse a descrição de um estranho, fui repetindo: um metro e oitenta e três, oitenta quilos e setecentos gramas.

Todavia, de que adiantava aquilo quando se estava estirado sobre a cama? Ali se encontravam fileiras e fileiras de soldados que deviam ter mais ou menos aquela dimensão. Tal como eu, estavam todos por volta do final da mocidade, ou lá pelos vinte anos quase, todos enfiados em pijamas de hospital, sob cobertores do Exército, e todos com os cabelos cortados à moda escovinha.

A forma por que eu procurava tinha de estar num dos três pequenos quartos para solteiro, que ficavam à frente de cada enfermaria. Isso era o único fato que eu conhecia perfeitamente. Naqueles quartos, não obstante, eu já havia visto uma dúzia de homens que se assemelhavam precisamente com o sujeito que eu acreditava ser eu mesmo, além de que mal começava a procura naquele lugar que mais parecia um labirinto. Como eu ia saber que me havia achado a mim mesmo? Teria eu já morrido?

Continuei a caminhar, a parar, a examinar rostos sem que conseguisse me encontrar. A solidão que experimentava na cidade pouco familiar transformava-se em pânico sempre crescente. Eu estava isolado de toda e qualquer pessoa no mundo, desligado da própria solidez da terra física, e agora... até mesmo da minha identidade.

Se a pessoa sobre a cama era pesada, ou no caso de ter cabelo louro ou sardas, eu me precipitava para ela. Mas nem sempre era fácil distinguir esses sinais, ao halo pálido da luz noturna. Não havia esperança. Apoiei-me a uma parede (a posição era

um hábito, a despeito de haver crescido acostumado ao fato de que paredes e mobílias não me sustentavam) e quebrei a cabeça atrás de alguma informação da memória, alguma característica física que me identificasse exclusivamente a mim, entre todos aqueles soldados que, pela casa dos vinte anos, ali dormiam. Algum sinal no rosto ou nas mãos? Alguma verruga, talvez... ou, uma cicatriz? Não... o anel.

Claro! O ônix negro e oval com o mocho dourado... Por que não pensava nisso antes! Seria preciso reiniciar tudo, voltar a cada quarto onde estivesse deitado um sujeito que se parecesse com aquilo que eu achasse que eu mesmo parecia. Recomecei pelo caminho por onde viera.

Quer dizer... eu achava que esse era o caminho. Tudo era tão confuso: enfermarias idênticas, dando para corredores idênticos. Entrei e saí rapidamente nos quartos de solteiro, procurando, numa mirada, ver se a mão esquerda estava fora das cobertas. As mais das vezes, porém, estava escondida entre os lençóis, e tudo o que então me cabia fazer era esperar que o indivíduo mudasse de posição.

Uma vez, demorei-me sentado ao lado de um jovem de cabelos pretos, cujos queixo e boca faziam-me, à claridade mortiça, recordar os de meu pai. O rapaz gemia baixo, dormindo sobre o lado esquerdo, com o braço esquerdo sob o travesseiro. Quanto mais eu fixava o olhar sobre ele mais me convencia de que aquele era o meu próprio eu físico. Por diversas vezes consecutivas, agarrei o travesseiro, tentando atirá-lo longe, mas meus dedos fechavam-se em pleno ar. Finalmente, o moço levantou-se apoiado sobre um cotovelo,

apalpando a mesinha de cabeceira, atrás da jarra de água. Sua mão esquerda ostentava uma aliança de ouro.

Continuei a procurar, de enfermaria a enfermaria. Passei por um bom número de soldados despertos que, ou, silenciosamente, olhavam para o teto, ou se sentavam sobre a beira da cama, fumando um cigarro. E era precisamente esse pessoal acordado que tornava minha solidão terrível. Uma coisa é entrar sem ser percebido num quarto onde alguém esteja dormindo; outra, muito diferente, é ver que a pessoa olha diretamente para você e não manifesta sinais da sua existência. No saguão, ainda uma vez, dei um pulo para o lado, dando passagem a uma enfermeira ou a um ordenança que se aproximasse. Agora, sabia que não colidiríamos - nem mesmo nos poderíamos tocar um no outro — embora o pensamento de que alguém podia andar através do mesmíssimo espaço onde eu me achava de pé fosse algo a que eu não podia fazer frente.

Finalmente, minha perambulação conduziu-me ao departamento de Raios X. O operador de roupa branca, que, anteriormente, eu encontrara, estava sentado a uma mesa, tendo alguns papéis num prendedor. Ali estava o último dos seres humanos que tinham falado comigo.

Gritei para ele:

"Olhe para mim! Estou bem aqui, de pé!"

Ele destampou sua caneta e tomou nota de alguma coisa. Seria verdade que nada mais que umas poucas horas fosse tudo o que medeasse o momento em que me haviam, numa padiola, conduzido para ali e aquele instante, agora? Com toda a certeza, aquilo acontecera havia semanas, havia anos. Ou... a

questão era de minutos? Havia, também, alguma coisa esquisita com o tempo, naquele mundo onde regras a respeito de espaço, velocidade e massa não vigiam. Eu perdera toda a capacidade de avaliar o quanto demorava uma daquelas experiências: se uma fração de segundo, se horas.

Relutei em me afastar da única pessoa que, até então, reconhecera. Todavia, depois de não sei quanto tempo, continuei a minha peregrinação. Mais corredores, mais enfermarias: doze leitos enfileirados perpendicularmente à parede direita; doze ao longo da parede esquerda, três escritórios lá no fim, próximos à porta, três quartos depois deles. Homens que dormiam, homens totalmente acordados, indivíduos entediados, seres que sentiam medo; jamais, porém, o anel com o mocho.

Um jovem chorava, dentro de um cubículo. Provavelmente, nostálgico. Muitos de nós choravam, no momento em que pensávamos no fato de que ninguém nos via, especialmente naquele momento, quando o Natal já ia chegando.

Ninguém no outro cubículo. Cama desprovida de lençóis. No último quarto...

Recuei, surpreso. Havia alguém sobre a cama, com tudo em ordem, só que o lençol havia sido puxado de modo a cobrir a cabeça, deixando descobertos apenas os braços.

Aqueles braços pareciam estranhamente enrijecidos e retos, sem naturalidade, as mãos com as palmas viradas para baixo...

Um pequeno mocho de ouro estava no dedo médio! Um mocho incrustado numa pedra oval, de ônix negro.

Olhos cravados naquela mão, engatinhei — devagar — na direção da forma. Havia alguma coisa de terrível a respeito. Mesmo à pálida claridade da luz para noite, pude observar que os braços estavam brancos demais e muito lisos. Onde já havia eu visto uma mão igual àquela? Lembrei-me então: a mão do vovô Dabney, exposto na sala de estar, em "Moss Side".

Retornei para a porta. O homem sobre aquela cama estava morto! Experimentei a mesma relutância que da primeira vez em que fora forçado a permanecer dentro de um quarto com uma pessoa morta. Mas... e se aquele fosse o meu anel? Então... então seria eu mesmo, tratar-se-ia da parte separada de mim. Aquilo significava que eu estava...

Pela primeira vez, em toda essa experiência, ocorreu-me a palavra "morte" em conexão com o que se estava passando.

Acontece que eu não estava morto! Como poderia conciliar as duas coisas: estar morto e acordado? Pensava: a morte era diferente... e, realmente, experimentava isso. A morte era... eu não sabia... mergulhar no vazio... era o *nada*. Mas, eu era eu mesmo, completamente acordado, só que sem um corpo físico para operar.

Freneticamente, agatanhei o lençol, tentando afastá-lo para descobrir a fisionomia do cadáver. Meus esforços sequer agitaram o ar silencioso do pequeno quarto.

Finalmente, afundei na cama, desesperado. Ou, melhor: fiz isso mentalmente, pois que — na realidade — meu ser

desencarnado não foi apto a contatá-la fisicamente. Ali, bem ali, estavam minha própria forma e minha própria substância, muito embora tão distantes de mim quanto os planetas, uns dos outros. Era isso a morte? Consistia nessa separação de uma parte da pessoa?

Eu ainda não tinha qualquer certeza, quando começou a operar-se uma mudança na luz do quarto; de repente, percebi que se havia tornado mais brilhante, muito mais brilhante, do que fora. Virei-me, com o fito de examinar a lâmpada acesa sobre a mesinha de cabeceira. Não havia dúvidas quanto à impossibilidade de um simples filamento construído para suportar energia elétrica de 15 watts irradiar tanta luz.

Olhei, pasmado, ao brilho, que aumentava, vindo de parte nenhuma, parecendo esplendor, ao mesmo tempo, por toda a parte. Nem todas as lâmpadas na enfermaria produziriam aquele tanto de luz. Nem mesmo todas as lâmpadas do mundo! Brilhava tanto que chegava às raias do impossível: era algo como se um milhão de maçaricos ardessem a um só tempo. Surgiu-me um pensamento, bem no auge de minha estupefação... um pensamento prosaico, provavelmente originário de alguma conferência versando sobre Biologia, nos tempos de universidade: *"Estou feliz por não ter, neste instante, olhos físicos. Esta luz poderia destruir-me a retina num décimo de segundo."*

"Não... não a luz", corriji-me a mim.

"Ele".

Ele seria excessivamente brilhante para ser olhado. Isso porque, então, percebi não se tratar de luz, mas de um homem, que ingressava no quarto; ou, melhor, um homem

feito de luz, muito embora isso não me fosse mais possível de conceber do que a incrível intensidade luminosa em que sua forma se estruturava.

No momento em que o percebi, emergiu uma ordem em minha mente. "Levante-se!" As palavras vinham de dentro de mim mesmo, pão obstante investidas de uma autoridade que meus simples pensamentos jamais possuíram. Coloquei-me de pé e, enquanto o fazia, lá eclodiu a certeza estupenda: "*Você está em presença do Filho de Deus*".

Ainda uma vez, pareceu-me o conceito estruturar-se dentro de mim; não, porém, como pensamento sem especulação. Era um tipo de *saber*, imediato e completo. Conhecia também outros fatos a respeito Dele. Por exemplo, que esse era o ser masculino mais total que eu já encontrara. Se se tratava do *Filho de Deus*, então seu nome era Jesus, mas... não. O Jesus dos meus livros da Escola Domingueira. Este era gentil, terno, compreensivo e — provavelmente — um tanto ou quanto débil. Aquela Pessoa era o próprio poder, mais velha do que o tempo e, no entanto, mais atual do que ninguém que eu já houvesse encontrado.

E, acima de tudo, eu sabia que aquele Homem me amava. Sabia-o com aquela mesma certeza interior misteriosa. Muitíssimo mais que poder, era amor incondicional o que emanava dessa Presença. Um amor assombroso, um amor além do nível mais arrojado de que fosse capaz a minha imaginação. Esse amor conhecia cada aspecto negativo do meu ser — as altercações com a minha madrasta, meu temperamento explosivo, os devaneios sexuais, que jamais pude controlar, cada pensamento e cada ação maus e egoístas,

desde o dia em que nasci, tudo isso ele conhecia. . . e aceitava-me tal como eu era, e do mesmo modo me amava.

Quando digo que Ele conhecia tudo a meu respeito, quero significar que isso era, simplesmente, um fato observável, porque cada um dos episódios de minha vida haviam penetrado naquele quarto, simultaneamente à sua presença radiante. E isso não obsta a que eu deva descrevê-los a todos, se os abordar. Tudo o que se passara comigo ali estava, visível a olho nu, situado no tempo e animado de vida, parecendo acontecer naquele instante.

Como isso era possível, não sabia. Jamais, até então, experimentara o tipo de espaço que parecia formar o nosso contorno. O pequeno quarto para solteiro ainda era visível, todavia não mais como continente. Ao invés disso, circundava-nos o que eu só poderia interpretar como um mural enorme, com a característica tridimensória das figuras que o compunham, as quais falavam e moviam-se.

Muitas dessas figuras pareciam ser eu mesmo. Petrificado, vi-me a mim mesmo de pé, junto ao quadro-negro, numa aula de ortografia. Contemplei-me recebendo o distintivo correspondente a "Águia", na minha tropa de escotismo; conduzindo o vovô Dabney pela varanda, em "Moss Side". Vi-me como uma criança raquítica, arquejando, à procura de ar, dentro de uma incubadeira. Simultaneamente (parecia não haver antes nem depois), uma cesária tirava-me do ventre de uma jovem mulher, doente e moribunda, que eu jamais pudera contemplar.

Seguiu-se a percepção de mim mesmo, alguns meses mais velho, no colo de uma mulher que expressava ternura no

rosto emoldurado com óculos de aro de prata, e onde sobressaía um nariz adunco. Ao nosso lado, no chão, brincava uma menina com três anos de idade; devia ser Mary Jane, muito embora eu não pudesse, é claro, lembrar-me dela naquela idade. Todavia, a Srta. Williams era exatamente como eu a guardava na retina. Apareceu em muitas das cenas. Num arrebatamento de saudade há muito represada, percebi quanto eu a amava. Paralelamente a estas cenas, vi o papai trazendo para "Moss Side" uma morena alta e esguia: era a mulher com quem iria casar-se. Mary Jane e eu entramos com ambos na casa de Brook Road n° 4.306; eu parei, intimidado, junto à janela da sala de jantar, doido para sair, mas com medo do menino que estava perto da porta.

Cenas tristes e alegres entremeavam-se. Vi quando apanhei do tal garoto, experimentei humilhação quando minha irmã despencou-se de dentro de casa para me defender, comprando a minha briga. Depois, vi-me chorando quando papai se despediu por uma semana, por duas, um mês, sempre sendo levado pelo seu trabalho.

Muito de tristeza tinha raízes em mim. Esquivei-me a um beijo de boa-noite que minha madrastra tentou me dar. Cheguei a ver o próprio pensamento que originou aquilo: Recuso-me a amar esta mulher. Minha mãe morreu. A Srta. Williams foi embora. Se eu lhe dedicar o meu amor, ela também vai me deixar.

Seguiu-se a visão de mim mesmo aos dez anos de idade, de pé junto à mesma janela da sala de jantar, enquanto o papai ia ao hospital buscar a mamãe e o Henry, nosso novo irmão. Sem

mesmo o ter visto, lá estava eu decidindo que não ia gostar do recém-chegado.

Outras cenas — centenas, milhares — sucederam-se, todas iluminadas pela luz clarividente, uma existência em que o tempo parecia ter cessado. Em tempo comum, uma simples olhadela em tantos eventos tomaria semanas; e eu sequer tinha a sensação dos minutos passando.

Quando completei doze anos, mudamo-nos para uma casa nova, situada pelo limite oeste de Richmond. Lá estava a cena. Vi a nova bicicleta que o vovô e a vovó Dabney me haviam dado, revi-me pedalando umas mil vezes por sobre a ponte da estrada de ferro, para ir vê-los em "Moss Side".

Nem faltou a tarde em que eu vim para casa e encontrei o passeio juncado de lascas de madeira de bálsamo, tudo o que sobrava do aeromodelo gigante que eu colara tira por tira, numa trabalhadeira de louco. Observei minha fúria centralizada no Henry, de três anos, que cometera esse ultraje; fúria que, com o passar do tempo, empederniu-se numa taciturna retirada do convívio de toda a família.

Também foram evocados episódios do meu tempo de curso colegial — datas, exames de química, melhor tempo da escola na corrida de uma milha. Revi o dia em que coleí grau, minha admissão à Universidade de Richmond. E, durante todo esse tempo, continuei a observar minha pose de pescoço duro e meu afastamento de minha mãe, de meu irmão Henry e mesmo da pequena Bruce Gordon. Depois, lá estava o papai chegando a casa no seu uniforme de major; lá estava eu, deslocando-me até à agência de correio para o alistamento militar. Observei o processo de chamada no *Acampamento*

*Lee*, e eu, com centenas de outros recrutas, embarcando no trem para o *Acampamento Barkeley*.

Cada pormenor de vinte anos de existência estava ali para ser visto. Tudo o que havia de negativo, de positivo, os pontos e o habitual, o comum. Eis que, então, no meio dessa visão de tudo o que ocorrera, surgiu uma questão. E a pergunta estava implícita em cada cena, parecendo — assim como as próprias seqüências — ter sua origem na luz cheia de vida ao meu lado.

*Que fez Você da sua vida?*

Óbvio que não se tratava de uma pergunta, no sentido de que Ele estivesse atrás de informação, já que era patente o que eu fizera da minha vida. E, de qualquer modo, essa retrospectiva total, perfeita e detalhada, veio dele; não de mim. Eu não teria podido, de modo próprio, recordar um décimo do que ali aparecera, se Ele não me o houvesse mostrado. .

*Que fez Você da sua vida?* A pergunta parecia dizer respeito a valores, não a fatos: o que Você realizou com as cotas de tempo que lhe foram dispensadas? E todos os acontecimentos de uma juventude tipicamente encantada pareceram, à luz dessa indagação, não apenas indiferentes, mas triviais. Não tinha eu feito alguma coisa duradoura, alguma coisa importante? Desesperadamente, procurei algo em torno de mim mesmo, algo que pudesse parecer válido à luz dessa realidade resplandecente.

Não que houvesse pecados espetaculares; só as fantasias sexuais de hábito e a reserva da maior parte dos adolescentes. Porém, se não existiam despenhadeiros horrendos, tampouco havia grandes alturas.

Tudo havia sido uma clamorosa, míope e constante preocupação comigo mesmo. Será que eu jamais ultrapassara os meus próprios interesses imediatistas? Não tinha eu feito nada que fosse reconhecido como valoroso? Finalmente, localizei o momento culminante da minha vida:

"Tornei-me Escoteiro Águia!"

De novo, as palavras pareceram emanar da Presença a meu lado:

*Isso foi a sua glória.*

Era verdade. Eu podia me ver no centro do círculo, recebendo o prêmio, inundado de orgulho, a admiração da minha família e dos meus amigos estampada no olhar que todos me dirigiam. Eu, eu, eu, sempre no centro. Será que não se tinha sucedido nenhuma ocasião em que eu houvesse permitido a alguém ocupar o ponto central?

Depois, aos onze anos, ansioso, dirigia-me a um escritório religioso, pedindo a Jesus fosse Ele o Senhor da minha vida. Mas percebi o quão rapidamente a excitação inicial se transformou em rotina monótona dos domingos. Pior, eu percebi a fadiga e a auto-estima que estavam na base de tudo. Eu era melhor do que os gurus que não iam à igreja; melhor, até mesmo, do que muitos que lá compareciam: como prova, lá estava o meu distintivo de impecável assiduidade.

Comecei, então, a apontar os meus cursos a nível de pré-médico; expliquei que ia ser um médico e ajudar as pessoas. Todavia, o Cadillac e o avião particular estavam visíveis nos bastidores das cenas de aula... naquela luz toda irradiante, eles eram pensamentos tão observáveis quanto quaisquer ações.

— De repente, senti raiva da própria pergunta. Não era justo! Claro que eu não tinha feito nada com a minha vida! Eu não tinha tido tempo... Como se poderia julgar uma pessoa que nem tinha começado a viver?

Todavia, o pensamento em resposta não revelava um só traço de julgamento. *A morte* — e a palavra estava penetrada de amor — *podia vir a qualquer idade*.

Bem, é claro. Sabia que bebês e crianças de tenra idade morriam. Não importa como, eu sempre presumira que uma vida longa me era, de algum modo, devida.

"Que dizer do seguro, cujo prêmio eu receberia ao completar setenta?" Antes que pudesse chamá-las de volta, as palavras se perdiam nesse estranho campo de manifestação, onde a comunicação processava-se por meio do pensamento, em lugar do discurso. Havia alguns meses, eu fizera o plano securitário-padrão de vida, que a polícia oferecia aos que estavam na ativa; nalgum recanto da minha subconsciência, acreditei que aquele pedaço de papel garantia a própria vida. Se já antes suspeitava de que havia alegria na Presença a meu lado, agora eu estava convicto de tanto: a luminosidade pareceu vibrar e bruxulear, numa espécie de riso sagrado — não por minha causa nem por ser tão tolo. Não se tratava de uma risada de chacota, mas, sim, o gáudio que parecia dizer que a felicidade era ainda mais duradoura, a despeito de todo erro e calamidade.

E compreendi, no êxtase daquele riso, que era *eu mesmo* quem estava, tão asperamente, julgando os acontecimentos. Fora eu quem os vira triviais, egoísticos, sem importância. Nenhuma condenação desse tipo vinha da glória

resplandecendo à minha volta. *Ele* não censurava nem reprovava. Simplesmente... me amava. Aquilo tudo era uma prova do seu amor. Simplesmente, plenificava o mundo com a Sua própria Presença e, ainda — de algum modo —, assistindo-me pessoalmente. Ali, *Ele* permanecia, aguardando minha resposta à pergunta ainda em suspenso no ar ofuscante. *Que tem Você para me mostrar daquilo que fez com a sua vida?*

Já havia entendido que, durante os meus primeiros e desvairados esforços para sair-me com alguma resposta de impacto, eu não havia — por meio nenhum — atingido o objetivo. *Ele* não estava perguntando a respeito de proezas nem de prêmios.

Como tudo o mais que se originava dele, a questão dizia respeito a amor. Quanto fora você capaz de amar? Devotara aos outros o amor que lhe devoto? Totalmente? Incondicionalmente?

Ao ouvir uma tal pergunta, apercebi-me do quão tola era a tentativa de descobrir uma resposta nas cenas que se desenrolavam. Certamente, eu não sabia que fosse possível um amor daquele tipo. Indignado, pensei: alguém devia ter me dito!

Aquele era um bom momento para atinar com o significado da vida — alguma coisa como submeter-se a um exame final e descobrir que se ia ser testado num assunto que jamais se estudara. Se era aquele o ponto de convergência de tudo, por que ninguém me havia dito?

E, não obstante esses pensamentos se originassem de autopiedade e auto desculpismo, o pensamento em resposta não

trazia nenhuma reprimenda. Nada, além de uns laivos de riso celestial, se ocultava atrás das palavras:

*Sem dúvida que eu lhe disse.*

Mas, como?!... E, ainda tentando justificar-me: como teria sido possível que Ele me houvesse dito e eu não tivesse ouvido?

*Disse-lhe através da vida que eu vivi. Disse-lhe através da morte que eu morri. E, se você me observar, verá mais...*

Com um estremecimento, notei que nos movíamos. Eu não tivera consciência de haver deixado o hospital; agora, no entanto, ele não estava à vista. Tinham evanescido os acontecimentos vivos da minha existência, os quais — antes — nos rodeavam. No lugar deles, parecia que estávamos voando bem alto, sobre a Terra, juntos, em direção a um longínquo ponto de luz.

Não se assemelhava à viagem em desdobramento, que eu antes fizera. Naquele caso, obcecavam-me os meus próprios pensamentos, e eu parecera quase tangenciar a superfície da Terra. Agora, estávamos mais alto, deslocando-nos com maior rapidez; e, sempre como me fora ordenado, com os meus olhos nele, essa forma de movimento não mais parecia estranha nem alarmante.

O ponto distante ganhou as dimensões de uma grande cidade, na direção da qual estávamos descendo. Ainda era noite, mas chaminés de fábricas largavam fumaça e muitos edifícios deixavam ver luzes acesas em todos os andares. Um oceano, ou um extenso lago, situava-se além das luzes; bem poderia ser Boston, Detroit ou Toronto; não se tratava de nenhum lugar onde eu houvesse estado, isso era certo. Mas, óbvio,

pensei, enquanto nos aproximávamos o bastante para enxergar as ruas superlotadas: tratava-se de um lugar onde indústrias de artefatos bélicos estavam operando vinte e quatro horas por dia.

Na realidade, as ruas estavam fervendo de gente. Bem abaixo de nós, dois homens investiam um contra o outro no mesmo trecho de calçada; um instante depois, um passou através do outro. O mesmo acontecia dentro das fábricas que zumbiam e nos edifícios de escritórios — onde eu podia enxergar com a mesma facilidade com que enxergava nas ruas: gente demais nas máquinas e sentada às mesas. Um homem de cabelos grisalhos ocupava uma cadeira dentro de um cômodo, ditando uma carta num cilindro que girava. Um outro indivíduo, talvez dez anos mais velho, de pé, atrás do primeiro nem uma polegada afastado, permanecia tentando agarrar o tubo condutor de fala, até que pudesse arrebatá-lo da mão do primeiro.

"Não!", dizia ele, "se você pedir cem dúzias eles cobrarão mais. Peça mil dúzias de uma vez. Pierce teria arranjado um negócio melhor. Por que você mandou o Bill naquela tarefa com a Treadwell. Prosseguiram corrigindo, dando ordens, enquanto o homem da cadeira parecia nem mesmo vê-lo ou ouvi-lo.

Notei esse fenômeno repetidamente: gente alheia aos que estavam bem ao lado. Observei um grupo de trabalhadores do tipo congregação reunidos em torno de uma cantina onde serviam café. Uma das mulheres pediu um cigarro a uma outra — na realidade, ela suplicou, já que era aquilo que desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo. A outra,

todavia, ignorava-a, enquanto tagarelava com seus amigos. Pegou um maço de cigarros no seu manto e, sem ao menos oferecer um cigarro àquela que lhe estendia a mão tão ansiosamente, tirou um e acendeu-o. Rápida como uma cobra armando o bote, a mulher que não obtivera o cigarro agarrou o que estava aceso na boca da outra. Novamente, tentou segurá-lo.

E, novamente...

Com um discreto arrepio, compreendi que ela era incapaz de retê-lo.

Pensei naquele cabo, no posto telefônico e no lençol sobre a cama do hospital. Lembrei de mim mesmo gritando para um homem que nunca retornou para me olhar. E, então, evoquei aquela gente, ali, naquela cidade, em vão tentando atrair atenções e caminhando pelo passeio sem ocupar espaço. Esses indivíduos estavam, claramente, no mesmo apuro de falta de substância em que me achava.

Na realidade, estavam mortos como eu.

Mas, era tudo tão diverso do que eu sempre imaginava ser a morte. Pude observar uma mulher, de talvez cinquenta anos, seguindo, rua abaixo, um homem de mais ou menos a mesma idade. Ela parecia muitíssimo viva, agitada e chorosa, e o homem a quem ela se dirigia enfaticamente sequer registrava sua existência.

"Você não tem dormido o suficiente. Marjorie exige muito de você. E você sabe que nunca será forte. Por que não está usando um cachecol? Você jamais deveria ter se casado com uma mulher que não pensa senão em si mesma". Havia mais, muito mais... concluí que ela era a mãe dele, a despeito de

parecerem ter quase a mesma idade. Há quanto tempo estaria ela seguindo-o dessa maneira? Era a isso que a morte se assemelhava?... Estar permanentemente invisível aos vivos, embora sempre e inteiramente absorto em negócios? Não acumuleis tesouros na Terra. Porque, onde o vosso tesouro estiver, ali estará também o vosso coração! Eu jamais fora bem na memorização das Escrituras, mas aquelas palavras de Jesus, durante o Sermão no Monte, pularam da minha mente, como um choque elétrico. Era possível que toda aquela gente sem solidez — o homem de negócios, a mulher que implorava cigarros, aquela mãe — conquanto não mais podendo entrar em contato com a Terra, ainda tivessem por lá os seus afetos. E eu?... Teria os meus?... Meio aterrorizado, pensei naquela insígnia de Escoteiro-Águia, na inscrição do anel, no ingresso da Escola Médica... Estaria meu coração centralizado em coisas como essas, ele que é o centro do meu ser?

*Fique me olhando.* Fora isso que Jesus me dissera quando nos pusemos a caminho, naquela viagem extraordinária. E, a partir do momento em que comecei a proceder assim, de todas as vezes que o olhava, o medo desaparecia, não obstante a medonha pergunta persistisse. Na realidade, eu não teria podido suportar nada do que me fora mostrado, não estivesse Ele diante de mim.

Com a rapidez do pensamento, viajáramos de cidade a cidade, por lugares aparentemente familiares, até mesmo pelos Estados Unidos e — possivelmente — pelo Canadá, regiões da Terra que eu já conhecia, salvo pelos milhares de seres não-

físicos que, agora, eu observava ocuparem também aquele espaço "normal".

Dentro de uma casa, um homem era seguido, cômodo após cômodo, por um outro, mais moço, que repetia: "Desculpe, pai! Eu não sabia o que aquilo ia causar à mamãe. Eu não compreendia". Porém, era óbvio que o interlocutor não podia escutá-lo, embora eu pudesse ouvi-lo claramente. O senhor estava levando uma bandeja para um quarto onde uma mulher idosa permanecia sentada sobre uma cama.

"Desculpe, pai", o jovem continuava, "lamento, mamãe."

E aquilo prosseguia, num modo contínuo, uma vez em cima da outra, dito a ouvidos que não podiam ouvir.

Sentindo-me frustrado, virei-me para a claridade ao meu lado. Mas, conquanto experimentasse a Sua compaixão inundando-me como uma torrente, não alcancei nenhuma compreensão.

Por diversas vezes, detivemo-nos ante cenas semelhantes. Aqui, era um rapaz que ia nas pegadas de uma adolescente, pelos corredores de um colégio, repetindo: "Desculpe, Nancy!" Mais adiante, eram as súplicas de perdão que uma mulher de meia idade dirigia a um homem de cabelos grisalhos.

"Por que, Jesus, eles estão tão tristes?", indaguei, meio suplicante. "Por que ficam falando com gente inapta a ouvi-los?"

E, então, o pensamento se fez sentir, vindo da Presença: *São suicidas, agrilhoados a cada consequência do ato cometido.*

Embora sabendo que isso provinha dele, não de mim, tal idéia encheu-me de assombro, porque não mais presenciei cenas

como aquelas. Contudo, eu havia apreendido a verdade que Ele me ensinava.

Aos poucos, comecei a reparar em algo mais. Todas as pessoas vivas que nós estávamos observando traziam em torno de si mesmas uma pálida luminescência, semelhante a um campo elétrico que sobrepairava à superfície de seus corpos. Tal luminosidade acompanhava-as em seus movimentos, como se fosse uma segunda pele, feita de luz pálida e quase imperceptível.

De início, pensei que se tratasse de um reflexo do brilho da Pessoa que permanecia ao meu lado. Todavia, não notava reflexo nenhum, por exemplo — nos edifícios em que entrávamos, nem nos objetos inanimados. Percebi que tampouco era observável nos seres não-físicos. Via, agora, que nem o meu próprio corpo possuía aquela espata esmaecida.

Estávamos assim, quando a luz conduziu-me para dentro de um bar churrascaria sujo, perto do que parecia ser uma grande base naval. Uma porção de pessoas, marinheiros — em sua maioria —, fazia uma fila de dar voltas, dentro do estabelecimento, enquanto outras socavam as botas de madeira na parede. Alguns poucos tomavam cerveja, mas a maior parte parecia entornar uísque tão rápido quanto rápidos pudessem ser os dois suados garçons.

Observei, então, uma coisa chocante. Uma parte dos homens que estavam de pé dentro do bar pareciam incapazes de levar os drinques até aos lábios. Seguidamente, tentavam agarrar as doses ao alcance da mão; estas, porém, passavam através das canecas, do balcão de madeira de lei e, até mesmo, dos braços e corpos dos beberrões à volta deles.

Faltava a cada um desses indivíduos a auréola de luz que circundava os outros.

O casulo de luz deve, nestes termos, ser propriedade exclusiva de corpos físicos. Os mortos — nós que perdemos a solidez — haviam perdido também aquela "segunda pele". E era óbvio que os vivos — cercados de luz, os que na realidade estavam bebendo, falando, empurrando-se mutuamente — não podiam nem ver os desencarnados em sede desesperadora, no meio deles, nem sentir-lhes o empurra-empurra frenético para chegar até àqueles copos. Embora também me fosse claro, eu estava vendo, que a gente não-sólida podia, a um só tempo, ver e ouvir uns aos outros. Entre eles, irrompiam, constantemente, discussões furiosas a respeito de copos que ninguém podia realmente levar aos lábios.

Eu pensei que já tivesse visto bebedeira grossa nas festas de conagraçamento, em Richmond; todavia, o jeito pelo qual civis e militares se comportavam ali batia todo o resto. Vi quando um marujo ainda moço se ergueu, cambaleante, de um tamborete e deu dois ou três passos, estatelando-se no chafo. Dois dos seus companheiros abaixaram-se e começaram a arrastá-lo para longe da aglomeração.

Mas, não era bem aquilo que eu estava vendo. O que me espantava era como o casulo de luz que envolvia o marinheiro inconsciente pura e simplesmente se abriu! Seccionou-se bem na coroinha no alto da cabeça, e começou a parecer que estava sendo descascado, até aos ombros. Instantaneamente, mais lesto do que eu jamais vira alguém se mover, e um daqueles seres — que estivera com ele, dentro do bar — já estava em cima do rapaz. A criatura estivera, como sombra

sedenta, rondando o marujo, vorazmente lhe acompanhando a cada gole. Agora, parecia que saltava sobre ele como uma fera salta sobre a presa.

Um segundo depois, a figura tinha — para minha absoluta perplexidade — desaparecido. Tudo acontecera antes mesmo que os dois homens tivessem tido tempo de arrastar o fardo inconsciente de sob os pés dentro do bar. Por um minuto, eu vira — distintamente — dois indivíduos; no momento em que eles estearam o moço a uma parede, havia apenas um.

Observei, estupefato, que a cena se repetiu por mais duas vezes. Um homem desmaiou, rapidamente se produziu uma rachadura no casulo, e um daqueles seres arremessou-se sobre o ponto, desaparecendo dentro do outro homem, quase como se se houvesse fundido com ele.

Seria, então, aquela cobertura de luz algum tipo de escudo de proteção? Tratar-se-ia de proteção contra... contra seres desencarnados, como eu? As criaturas ora sem substância tinham, presumivelmente, possuído corpos sólidos, tal qual eu mesmo. Suponha-se que, enquanto nesses corpos, houvessem desenvolvido uma dependência do álcool, que ultrapassava os limites físicos. Essa dependência tornara-se mental; até mesmo espiritual. Quando então perdiam o corpo físico, a alternativa era única: ou se apossavam, ainda que por diminuto lapso de tempo, de um outro corpo físico, ou estariam eternamente desvinculados daquilo que nunca haviam deixado de desejar ardentemente.

Uma eternidade como essa seria um tipo de inferno... o pensamento causou-me um arrepio. Toda vez que pensava em inferno — se é que pensava nele —, era em termos de um

lugar cheio de fogo, sob a Terra, onde homens maus — como Hitler — estariam para sempre queimando. Mas, e se existisse um nível de inferno bem sobre a superfície?... Num círculo infernal, invisível e insuspeitado às pessoas vivas, que ocupavam o mesmo espaço?... Que tal se ele significasse a permanência na Terra, mas a total e irrevogável incapacidade de entrar em contato com ela? Pensei naquela mãe cujo filho não podia ouvi-la... a mulher que queria aquele cigarro. Pensei em mim mesmo, cuidando unicamente de chegara Richmond, incapaz de me fazer visível a quem quer que fosse, impossibilitado de receber auxílio.

Querer mais, queimar de desejo exatamente onde se tem menos poder, — isso seria verdadeiramente o inferno.

Com um estremecimento, compreendi que não apenas "seria"... mas que *era*. Aquilo era o inferno: e eu era parte dele tanto quanto aqueles outros seres desencarnados. Morrera, tinha perdido meu corpo físico. Agora, eu existia numa região que de modo algum me corresponderia. . .

Mas, se aquilo era o inferno, se não havia nenhuma esperança, então por que Ele estava ao meu lado? Por que meu coração pulava de alegria a cada vez que eu o fitava? Pois era Ele, esmagadoramente Ele, a impressão capital da jornada.

Os panoramas e choques que me assaltavam eram coisa alguma, comparados ao que, na essência, estava acontecendo e que era, basicamente, isto: eu estava me apaixonando pela Pessoa ao meu lado. Olhasse eu pelo prisma que fosse, Ele permanecia o motivo real da minha atenção. O que quer que eu visse, nada se comparava a Ele.

E esta era outra das coisas que me estavam frustrando: se eu podia vê-lo, por que ninguém mais podia? Imediatamente, pensei: Ele era muito luminoso para a sensibilidade óptica dos que estavam vivos. Todavia, com certeza os seres vivos por que passávamos registravam, de algum modo, a torrente de amor que se espairava, como o calor se expandindo de um fogo poderoso!

E aqueles outros, os que — como eu — não mais possuíam olhos físicos, passíveis de destruição?... Como era possível que, simplesmente, deixassem de ver o Amor e a Compaixão abrasadores, bem no meio deles?... Como era possível que lhes escapasse a presença de alguém mais próximo e mais brilhante que o sol do meio-dia?

A menos que...

Por vez primeira, ocorreu-me excogitar sobre a possível significação do que tinha acontecido, quando — aos onze anos de idade — me dirigi para o altar da igreja. Talvez se tratasse de algo cuja importância era infinitamente maior do que eu havia podido imaginar. Com efeito, seria realmente possível que eu tivesse "nascido de novo", como disse o pregador? Ter-me-iam sido dados novos olhos, soubesse-o ou não? Ou, então, poderiam também estes outros vê-los, bastando — para isso — que a atenção não estivesse prisioneira no mundo físico que haviam perdido?

"Onde estiver o seu coração..."

Enquanto o meu coração tinha estado exclusivamente decidido a chegar a Richmond numa certa data, tampouco fora eu capaz de ver Jesus. Talvez fôssemos capazes de nos

constituirmos em impedimento para Ele, toda a vez que tivéssemos a atenção centralizada alhures.

Movíamos-nos, de novo.

Deixáramos a base naval, com sua circunferência de ruas e bares surrados e pardacentos, e estávamos, agora, na orla de uma extensa planície, nesta dimensão onde viajar parecia não despender tempo nenhum. Até esse ponto da nossa jornada, tínhamos visitado paragens onde vivos e mortos coexistiam, lado a lado. Para dizer melhor: onde seres desencarnados, de todo não-registrados pelos viventes, flutuavam bem em cima de coisas e sobre pessoas, guiados pelo centro de seus desejos.

Agora, entretanto, não obstante fosse patente que estávamos ainda na superfície da terra, nalgum lugar, eu não podia ver nenhuma mulher ou homem vivo. A planície estava tomada por indivíduos, apinhada de hordas integradas por seres desencarnados verdadeiramente fantasmagóricos; não havia, por ali, uma só pessoa sólida e cercada de luz. Aqueles milhares de gentes não tinham, obviamente, mais substância do que eu próprio. E, dentre todos os tipos de seres em que eu já pusera os olhos, eram aqueles os mais contrariados, frustrados, os mais raivosos e encolerizados, os mais absolutamente miseráveis.

"Senhor Jesus!", exclamei. "Onde estamos?"

Minha primeira impressão foi a de que estávamos contemplando algum campo de batalha: por todos os lados, aquelas criaturas juguladas ao que se assemelhava a uma sequência de lutas mortais, estorcegando-se, esmurrando-se, mutuamente se arrancando os olhos. Não poderia ser uma guerra moderna, visto não haver tanques nem canhões.

Quando olhei de mais perto, pude perceber que não existia qualquer tipo de arma; somente mãos, e pés, e dentes. Observei, então, que ninguém estava sendo ferido. Não havia sangue, nem corpos juncando o solo, um golpe que eliminasse um oponente tê-lo-ia — naquelas circunstâncias — deixado intacto, tal qual dantes.

Embora parecessem estar literalmente uns em cima dos outros, ainda assim era como se esmurrassem o ar. Finalmente, compreendi ser óbvio que — desprovidos de substância — não podiam tocar-se. Não podiam matar, muito embora, sem sombra de dúvidas, o desejassem, porque suas vítimas intencionais já estavam mortas. Por isso entrechocavam-se em frenesi, numa crise de raiva impotente.

Se, antes, eu achava que estava vendo o inferno, agora tinha certeza. Até àquele momento, a miséria por mim observada vinha consistindo num encadeamento frustrado com o mundo físico, do qual nato mais fazíamos parte. Agora, percebia existirem outras espécies de grilhões. Aqui não existiam objetos sólidos nem gente para escravizar a alma. Aquelas criaturas pareciam estar entre grades de hábitos mentais e emocionais, enjauladas no ódio, na concupiscência, em formas-pensamento destrutivas.

Ainda mais hediondos e deprimentes do que as dentadas e os pontapés era os abusos sexuais, que muitos perpetravam em febricitante pantomima. Por toda a nossa volta, tentava-se cometer atos de perversão com os quais eu sequer sonhara. Era impossível dizer se eram sons reais ou lamentos de frustração que nos alcançavam ou se correspondiam à transferência de pensamentos de desespero. Isso, em se

considerando aquele mundo desencarnado, não parecia, na realidade, importar. Fosse qual fosse o pensamento, não importa o quão fugaz ou involuntário, a ação imediatamente tomava corpo, mais pormenorizada do que as palavras poderiam expressar, mais rápido do que as ondas sonoras poderiam propagá-las.

E o diapasão dos pensamentos tinha a ver com o conhecimento superior, ou habilidades, ou embasamento último do emissor... "Eu lhe disse!" "Sempre eu soube disso!" "Não avisei?...!" Frases como essas ecoavam, aos guinchos, umas após as outras. Nesse meio, e com uma sensação de mórbida familiaridade, reconheci meu próprio pensamento. Isso era eu, meu próprio tom de voz — o virtuoso, o laureado, o carola. Até os vinte anos, eu não havia, ainda, desenvolvido nenhum hábito físico ergastulante; não como o haviam feito os seres que eu vira em desornado empenho por se aproximarem daquele bar. Todavia, aqueles ganidos de inveja, da auto-importância ferida, eu os escutara muitíssimo bem.

Uma vez mais, contudo, não partiu condenação da Presença a meu lado; partia-lhe do coração apenas compaixão por aquelas infelizes criaturas. Era evidente não ser desejo seu que elas estivessem, ali.

O que, então, as mantinha naquele lugar? Por que cada um simplesmente não se levantava e saía? Eu não via razão que justificasse o porquê do não-afastamento da pessoa-alvo dos esganiçamentos daquele homem de carantonha. Nem entendia por que aquela mulher não desaparecia das vistas do outro que, tão furiosamente, esmurrava-a com punhos insubstanciais. Na realidade, nenhum daqueles seres

doentiamente irados podia reter suas vítimas. Não havia muros. Era óbvio que nada os impediria de sozinhos e simplesmente, partir dali.

A menos que... a menos que, naquela região de Espíritos desencarnados, o "sozinho" exprimisse uma ficção. Não havia recantos privativos num universo onde inexisteriam paredes ou lugares que não fossem habitados por outros seres a que se estava constantemente exposto.

Pensei, tomado de súbito pânico: como vai se viver para sempre num lugar onde os meus mais entranhados e secretos pensamentos não tinham nada de privacidade? Nada de os mascarar, nada de os dissimular; não havia jeito de fingir ser aquilo que eu não era realmente. Que intolerável! A não ser, claro, que todos à minha volta tivessem o mesmo tipo de pensamentos... A menos que achar os outros tão detestáveis quanto nós mesmos fosse uma espécie de consolação, mesmo que à nosso alcance estivesse apenas a instilação mútua do veneno que segregávamos.

Talvez fosse essa a explicação para esse lugar medonho. Talvez, no curso de eons ou segundos, cada criatura ali houvesse buscado a companhia de indivíduos igualmente presunçosos e iracundos, até que passassem a integrar aquela sociedade de danados.

Talvez não fosse Jesus quem os abandonara, mas eles que se houvessem evadido da luz que lhes revelava a própria treva. Ou, então. . . não estariam eles tão isolados quanto a princípio pareciam estar... Aos poucos, eu me tornava consciente de que havia algo mais naquele plano de formas que se engalfinhavam. Pressentia-o, quase que desde o princípio;

todavia, por longo tempo fora incapaz de localizar o de que se tratava. Atingi meu objetivo, não sem um choque que me deixou apavorado.

Seres aparentemente feitos de luz sustentavam aquela planície toda infelicidade. Suas dimensões e seu brilho enceguedor haviam sido os responsáveis pelo fato de minha inapreensibilidade no que a eles respeitava. Agora que eu adaptara meus olhos de forma a registrá-los, podia ver que essas imensas presenças inclinavam-se sobre as pequenas criaturas. Talvez até estivessem conversando com elas.

Esses seres brilhantes não seriam anjos? E a luz ao meu lado... não seria também um anjo? Mas o pensamento que tão indelevelmente se imprimira na minha mente, naquele pequeno quarto de hospital, fora: "Você está na presença do Filho de Deus". Seria incrível que cada um desses outros espectros humanos - desventurados e indignos como eu também, estivesse na Sua presença? Numa região onde espaço e tempo não mais obedeciam a qualquer lei que eu conhecesse, poderia Ele estar acompanhando cada um deles como acompanhava a mim?

Ignorava-o. Tudo o que com clareza eu percebia era o fato de que nenhum daqueles seres atrabiliários fora abandonado. Eles estavam recebendo assistência; velava-se por eles.

E o fato igualmente observável era que nenhum deles tinha conhecimento do que se passava. Se Jesus ou Seus anjos estavam falando com eles, era pacífico que não ouviam nada. A torrente de rancor nascida em seus próprios corações era ininterrupta; seus olhos só buscavam um pobre circunstante

para humilhar. Ter-me-ia parecido impossível desconhecer os mais impressionantes e avantajados componentes de toda a paisagem, salvo porque, de mim mesmo, não tivera olhos de ver.

Agora que me conscientizará dessas presenças brilhantes, na realidade compreendi o aturdimento em que vira tanta gente mergulhada, sem sequer perceber o fato, enquanto Jesus poderia, a qualquer tempo, desvelar-me a realidade, bastando que, para tanto, eu estivesse pronto. Havia também anjos povoando as cidades vivas que tínhamos visitado. Tinham estado presentes nas ruas, nas fábricas, nos lares e até mesmo naquele áspero bar, onde ninguém tinha mais consciência da existência deles do que eu mesmo.

E, imediatamente, atinei com o denominador comum de todas as cenas até o momento: tratava-se da incapacidade de ver, de compreender Jesus. Quer se tratasse de um apetite físico, de uma autocentralização ou de uma preocupação mundana, não importava. . . o que quer que caísse na trajetória da sua luz não poderia, ser negativo, continuar vivendo.

## 6

Movíamo-nos, de novo. Ou — melhor — a cena à nossa frente estava, de algum modo, mudando, ampliando-se. A qualidade da luz é que era diferente, enquanto — repentinamente — o ar adquirira maior transparência, facultando-me a visão do que já, por muito tempo, estaria ali. Ainda uma vez, acontecia como se Jesus apenas me pudesse revelar o que minha mente fosse capaz de apreender.

Mostrara-me, primeiro, um domínio infernal, povoado de seres apanhados na armadilha de alguma espécie de auto-atenção. Agora, começara a perceber, por detrás, além e através de tudo aquilo, uma nova realidade! Edifícios enormes cravavam-se num belo parque ensolarado, cujas várias estruturas se interrelacionavam, como se houvesse um padrão para a maneira na qual estavam dispostos; algo que me evocava uma bem planejada universidade, com a exclusão do ridículo que consistiria comparar aquilo tudo a qualquer coisa na Terra. Era mais como se todos os colégios e escolas do mundo não passassem de fragmentadas reproduções dessa realidade.

Parecia que tínhamos, de repente, passado a uma dimensão de toda outra, quase um outro tipo de existência. Depois do clamor das belicosas cidades e das vozes estridentes na planície, fazia-se, ali, sentir uma paz total. Quando entramos num dos edifícios e começamos a descer por um corredor de teto alto, ao longo do qual se alinhavam altos portais, o ar revelava-se tão silencioso que me causou verdadeiro espanto a visão de gente pelo caminho.

Não podia dizer se se tratava de homens ou de mulheres, se eram velhos ou jovens, pois estavam — todos —, da cabeça aos pés, cobertos por mantos com capuz, leves e soltos. Todavia, a atmosfera local em nada se assemelhava ao que eu imaginava fosse um monastério. Era mais como um formidável centro de estudo, fremindo na excitação de grande descoberta. Cada pessoa por que passávamos, nos grandes saguões e pelas escadas curvas, parecia absorta até à medula numa qualquer atividade centralizadora; trocavam-se poucas

palavras. Mesmo assim, eu não registrava qualquer sinal de inamistoso, mas - sim — um alheamento de total concentração.

O que quer mais que aquela gente fosse, todos se revelavam extrema e soberanamente desprendidos — absortos nalgum objetivo além deles mesmos. Vislumbrei, através de portas abertas, recintos enormes, ocupados com aparelhagem complexa. Em muitos deles, figuras como as já descritas inclinavam-se sobre mapas e diagramas intrincados, ou tomavam posição junto às elaboradas mesas de controle onde piscavam luzes. Os primeiros vagidos de uma educação científica me haviam feito experimentar uma pontinha de orgulho. Na universidade, eu me especializara em Química, concluía o curso secundário de Biologia, estudara Física e Cálculo. Mas, se aquilo que via — agora — era alguma modalidade de atividade científica, tudo estava tão além do que eu conhecia que sequer me era possível supor do que se tratava. De algum modo, pude sentir que se estava realizando alguma vasta experiência, talvez dúzias e dúzias de tais experiências.

"Mestre", perguntei, "o que estão fazendo?"

Mas, conquanto o Saber se irradiasse Dele como língua de fogo; embora pressentisse eu que, naquele pujante "campus", cada atividade tinha sua fonte em Deus, nenhuma explicação me iluminou a mente. Como dantes, amor era o que se comunicava: compaixão por minha ignorância, uma compreensão que envolvia toda a minha incapacidade de compreender.

E algo mais... A despeito do Seu óbvio prazer quanto aos seres à nossa volta, captei a sensação de que nem mesmo aquilo representava o máximo; penetrei na idéia de que Ele tinha coisas muitíssimo mais importantes para me mostrar. Bastava que eu pudesse vê-las.

E, assim, continuei a segui-lo por outros edifícios naquele domínio do pensamento. Ingressamos num estúdio onde estava sendo composta e executada música de uma complexidade que eu sequer podia começar a acompanhar. Havia ritmos complicados, tonalidades inexistentes em qualquer escala por mim conhecida.

"Mas, é claro!", apanhei-me pensando... "Bach é apenas o começo!"

A seguir, atravessamos uma biblioteca do tamanho da Universidade de Richmond. Fitei o interior de recintos literalmente ocupados com documentos de pergaminhos de argila, de couro, papel e metal, enfileirados do chão ao teto. Nesse momento, ocorreu-me:

"Aqui estão reunidos os livros que têm importância no universo".

De imediato, imaginei que isso era impossível. Como se faria que, nalgum lugar além da Terra, livros pudessem ser escritos! Todavia, o pensamento se mantinha, muito embora minha mente o rejeitasse. "As obras capitais do Universo"... a frase ia e vinha, enquanto percorríamos as salas de leitura abobadadas, cheias de sábios silenciosos. Então, à porta que dava para uma das menores Salas, à semelhança de um anexo, invadiu-me este pensamento: "Aqui está localizado o cérebro desta terra".

Sáímos, novamente, no parque silencioso, onde reinava sadia expectativa. Depois, entramos num edifício abarrotado de maquinário tecnológico. Dentro de uma estranha estrutura esférica, um estreito jirau levou-nos até sobre um reservatório de alguma coisa que parecia ser água comum. Entramos e saímos de lugares que se assemelhavam a gigantescos laboratórios, bem assim no que poderia ter sido alguma espécie de observatório espacial. E, à medida que prosseguíamos, meu estado de estupefação crescia.

"Senhor", especulei... "será isto... o céu"? A tranquilidade, a reverberação luminosa, tudo era — seguramente — celestial! Também o eram a ausência de "self", de ego. "Quando estes seres estavam na Terra, acaso ultrapassaram desejos egoísticos?"

*"Sim, eles os ultrapassaram, e continuaram a ultrapassá-los."*

Naquela atmosfera concentrada e ansiosa, a resposta brilhou como a luz do sol. Mas, pensei eu, se o crescimento íntimo podia continuar, então aquilo não era tudo. Então... então devia faltar alguma coisa até mesmo àqueles seres transbordantes de serenidade. E, de repente, comecei a imaginar se não era a mesma coisa o que faltava no "círculo inferior". Estariam essas criaturas desprendidas e silenciosamente indagadoras de algum modo falhando em ver Jesus? Ou, talvez, em vê-lo pelo que Ele mesmo representava? Era pacífico que recebiam dele sugestões e laivos; era óbvio que aquilo que buscavam tão concentradamente outra coisa não era senão a verdade. Mas, e se até mesmo a sede pela verdade pudesse impor desvio quanto à *Verdade, ela mesma?* A verdade que estava ali,

bem no meio deles, enquanto a procuravam em livros e tubos de ensaio...

Ignorava-o. E perto do Seu inexprimível amor, meu próprio aturdimento e todas as perguntas que se desejava pôr revelavam-se de somenos. Talvez, concluí - finalmente -, Ele não possa me dizer mais do que eu possa compreender: quiçá inexístiam em mim, até aquele momento, sensores aptos a captar e decodificar uma explicação?

A Personalidade à meu lado continuava a ser o evento central, de absoluta propriedade. Quaisquer fossem as ocorrências que me apontava, tudo era adicional; Ele permanecia, incontestavelmente, o verdadeiro foco da minha atenção.

Talvez aí residisse o motivo por que eu não houvera atinado com o exato momento em que deixamos a superfície da Terra.

Até aquele ponto, mantivera eu a impressão de que havíamos estado viajando sobre a própria Terra, embora não me fosse possível imaginar de que modo isso se dava. Até mesmo o que eu fora levado a crer por um "plano superior", caracterizado por aprendizagem e pensamentos profundos, não estava assim tão em apartado do "plano físico", onde seres sem corpo permaneciam encadeados a um mundo sólido.

Agora, entretanto, parecia que havíamos deixado a Terra para trás. Não mais a divisava. Ao invés disso, era como se estivéssemos num vácuo imenso com a única diferença em que sempre pensara naquilo como em domínio assustador, expresso numa palavra intimidadora; e, ali, isso não se dava.

Um qualquer indício de inopino parecia transvibrar a imensidão do vazio.

Foi então que, a infinita distância, longe demais para ser registrada por qualquer tipo de visão de que já ouvira falar... foi então que divisei... uma cidade. Cintilante, aparentemente sem fim, brilhante o suficiente para se impor à distância inimaginável que medeava. A claridade parecia originar-se das próprias paredes e ruas desse lugar, e de seres que, agora, eu sabia estavam se deslocando por ela. Para ser mais preciso, a cidade e tudo o que a integrava parecia ser estruturado em luz, do mesmo modo que a Figura ao meu lado.

Até àquele momento, eu não havia lido o Apocalipse. Fiquei de queixo caído diante daquele remoto espetáculo, imaginando o quão brilhantes deveriam ser cada prédio e cada habitante para se fazerem vistos a tantos anos-luz de distância. Seriam aqueles seres resplandecentes — pensava eu, maravilhado — os que haviam conservado Jesus como centro de suas vidas? Estaria, finalmente, contemplando os que O teriam procurado em tudo? Os que nisso se haveriam empenhado tanto e com tal proficiência que se haviam assimilado a Ele, penetrando a Sua própria forma?... Mal não propusera a questão, e duas das figuras radiosas como que se destacaram da cidade, vindo ao nosso encontro, arremetendo através daquela infinitude na velocidade da luz.

Mas, na mesma proporção em que elas vinham em nossa direção, nós nos afastávamos... até mais rapidamente. Aumentou a distância, a visão esmaeceu. Mesmo que eu

exclamasse em protesto de angustiosa frustração, e conquanto o fizesse, sabia que minha visão imperfeita não reunia condições para, senão por um átimo, reter um quê daquele céu verdadeiro, supremo. Ele me havia mostrado tudo o que eu mesmo tornara possível. . . Agora, estávamos muito longe, deslocando-nos velozmente.

De repente, paredes fecharam-se à nossa volta. E tudo ficou tão estreito, tão à semelhança de uma caixa, que levou alguns segundos até que eu reconhecesse o pequeno quarto de hospital, de onde nos afastáramos ao que parecia ser uma vida.

Jesus ainda se erguia ao meu lado; caso contrário, a consciência não poderia ter suportado a transição do espaço infinito para as dimensões cubiculares daquele quarto. Nos meus pensamentos, a cidade gloriosa ainda faiscava e incandecia, acenando e atraindo-me. Notei, com total indiferença, que havia um vulto deitado sob o lençol, na cama que quase tomava o quarto minúsculo.

E, não obstante estas sensações de restrição, a Presença dizia-me que, de algum jeito, eu tinha algo a ver com aquela forma coberta; dizia-me que seus planos em relação a mim envolviam também aquela coisa semelhante a uma massa informe. Eu me aproximava da coisa, que — aos poucos — tomava o meu campo de visão, apagando a Luz. Em desespero, supliquei que não me deixasse; que me preparasse a fim de que eu pudesse compreender e participar daquela cidade ofuscante. Pedi-lhe que não me abandonasse naquele lugar escuro e estreito.

Como uma história há muito tempo quase esquecida, lembrei-me de mim mesmo, esquadrinhando saguões e enfermarias, naquele mesmíssimo hospital, querendo — desesperadamente — achar o corpo que estava sobre aquela cama. Vindo do instante mais solitário de toda a minha existência, eu havia saltado para a mais perfeita noção de posse que já conhecera. A Luz do Mestre penetrava a minha vida, preenchendo-a completamente e a idéia de me separar Dele era mais do que eu podia suportar.

A um só tempo, enquanto eu continuava a implorar, senti a consciência escapando. Minha mente começou a turvar-se... Não mais sabia pelo que eu lutava. Minha garganta estava em fogo e o peso sobre o meu peito me esmagava.

Abri os olhos, mas havia algo diante do meu rosto. As cegas, tateei os cobertores, tentando descobrir o que era que estava me cobrindo; todavia, mover os braços era algo semelhante a tentar içar barras de chumbo. Finalmente meus dedos se entrelaçaram. Com os da mão direita, toquei um aro com uma pedra oval, que estava no anular da mão esquerda. Devagar, girei-o e girei-o, na medida que o breu mais se fechava sobre mim.

Quatro sessões me haviam sido necessárias para relatar a Fred Owen esse tanto da minha história. Durante todo o tempo, ele me interrompia para fazer perguntas ou propor interpretações e para me fazer ciente de que não estava, necessariamente, engolindo uma palavra que fosse.

Agora, entretanto, estava sentado, absolutamente quieto, enquanto os números do relógio digital sobre a minha mesa iam rodando. Quando chegou o meu outro paciente, ouvi a

porta externa abrir e fechar, olhei o relógio: tínhamos mais dez minutos.

"Você... tinha retornado ao seu corpo?" ele perguntou finalmente.

"Esse é o modo por que, agora, eu o interpreto", disse eu. "Quando isso ocorreu, não era muito o que eu sabia das coisas. Permaneci quase inconsciente durante os outros dois ou três dias. Só tive sonhos febris, do tipo pesadelo — o tipo da coisa que você espera acontecer durante uma doença grave".

Aquilo era o principal, eu lhe disse. Quando a consciência começou a voltar, o de que mais eu me apercebia era de estar *doente*. Meus distúrbios físicos impregnavam tudo o que me cercava. Mas, enquanto eu estivera... fora do corpo? — não mais sabia descrevê-lo — inexistia qualquer dor. Nenhuma sensação física.

A outra coisa de que, com toda a segurança, eu podia relembrar — prossegui — era ter aberto os olhos com uma dor de cabeça de elefante, vendo uma enfermeira sorrindo para mim.

"É bom tê-lo de volta conosco", disse ela. "Por um instante, nós pensamos que você não fosse conseguir".

Lambi os meus lábios, rachados de febre, e consegui rosnar:

"Que dia é este?"

"Véspera de Natal, cabo Ritchie".

Acrescentou que a folga do feriado para o pessoal do hospital havia sido cancelada, por causa da epidemia de gripe e da alta incidência de pneumonia que grassava pelo acampamento.

Tentei arquitetar uma outra pergunta, de modo a que ela não saísse. Eu precisava, de algum jeito, comunicar à enfermeira o que se havia passado comigo.

Sim, disse, tinha nevado durante quase todos os dias. Seu nome, revelou-me, era Tenente Irvine.

"Acabo de ter a mais estarrecedora experiência", falei, sem rebuços. "Foi algo que deve ser conhecido de cada pessoa sobre a Terra."

Fui interrompido por um acesso de tosse. A Tenente Irvine teve de passar o seu braço pelas minhas costas e me soerguer, para me dar um gole d'água.

"Não fale mais agora", atalhou. "Virei visitá-lo, mais tarde".

E, com efeito, comecei a imaginar... O que ia eu dizer? "Acabo de ver a Deus? Estive no inferno? "Vislumbrei o céu?" Ela ia pensar que eu estava doído.

Por toda aquela semana, fosse quando fosse que alguém entrava no pequeno quarto, esforcei-me por descrever a Luz que enchera aquele espaço, ali mesmo, bem assim a pergunta medular que Ele me pusera, jamais conseguindo ir além das primeiras poucas palavras.

"Descanse um pouquinho agora. Não tente andar", dizia o doutor ou a enfermeira. E, na realidade, minha voz não passava de um crocito entrecortado. Era óbvio que a equipe estava mais interessada em assuntos como taxa de metabolismo, minha temperatura e a quantidade de soro intravenoso que eu estava tomando. A atenção que me estava sendo dispensada era sinal evidente de que eu estava sendo considerado mais do que um caso rotineiro. E, gradualmente, na medida em que os dias passaram, reuni

tudo o que se havia desdobrado no andar do hospital, enquanto — da minha perspectiva de eventos — eu estava encontrando Jesus.

"Por hoje, a nossa hora acabou", disse a Fred, "mas se você quiser, amanhã" lhe direi o que eu descobri com os doutores".

Fred estava, agora, vindo diariamente, muito embora a curta caminhada desde a quadra do parque o deixasse com falta de ar. Então, foi na tarde seguinte que resumi a minha história...

## 8

Soube que, depois de haver desmaiado na frente daquela máquina de Raios X, eu fora levado para uma pequena sala de isolamento, numa enfermaria próxima, onde minha condição tinha sido diagnosticada como pneumonia dupla. Em 1943, "drogas milagrosas" ainda estavam na infância, de modo que, durante as 24 horas seguintes, e a despeito de tudo o que o hospital pudesse fazer, meu estado agravou-se. Dia 21 de dezembro, de manhã cedo, 24 horas depois de ter sido levado inconsciente para dentro da saleta, o auxiliar de enfermagem distribuía os medicamentos prescritos, quando, ao chegar ao cubículo onde eu me encontrava, tentou, mas não conseguiu, achar o meu pulso. Conferiu meu ritmo respiratório... Nada. A seguir, tirou minha pressão... Novamente, nada. Então, saiu correndo à procura do oficial do dia.

Ele chegou a toda e fez todos os exames de novo, obtendo os mesmos resultados. Finalmente, empertigou-se e disse para o auxiliar: "Muito bem, está morto. Quando terminar o serviço, prepare-o para necrotério." Disse isso gravemente: naquele mês, outros óbitos já tinham ocorrido no Acampamento Barkeley. Foi com relutância que ele endireitou meus braços sobre os cobertores, cobriu-me o rosto com o lençol e voltou para a enfermaria, a fim de fazer pelos vivos o que lhe fosse possível.

O auxiliar continuou com as suas rondas. Deve ter sido neste momento que eu, na minha desesperada busca sem corpo, cheguei de volta àquele pequeno cômodo e vi a pessoa coberta por um lençol.

Segundo os registros hospitalares, o rapaz retornou ao pequeno cômodo, mais ou menos nove minutos depois, para iniciar os preparativos do cadáver, na transferência ao necrotério. Mas, não se teria movido aquela mão sobre o cobertor?

Novamente, o rapaz disparou à cata do oficial do dia, que voltou com ele, examinou-me pela segunda vez e, também pela segunda vez, declarou-me morto. O jovem contínuo — durante a longa e solitária vigília noturna — sem dúvida estava imaginando coisas.

Foi então que ocorreu o fato, cujo impacto integral só anos depois eu atinei. No momento em que dele tomei consciência, surpreendi-me — é certo; mas não a ponto de emudecer de assombro, como acontece hoje em dia, a cada vez que medito sobre ele.

O rapaz recusou-se a aceitar o veredicto do oficial seu superior. "Talvez" — sugeriu — "o senhor pudesse aplicar-lhe uma injeção de adrenalina diretamente no músculo cardíaco".

Em primeiro lugar, em se tratando de um soldado raso, era simplesmente inconcebível que ele tergiversasse um oficial, especialmente sobre assunto médico, e, ainda mais, levando-se em conta tratar-se de alguém não-especializado, enquanto se tinha, no oficial, um médico formado. Em segundo lugar, o que o moço estava sugerindo era, do ponto de vista médico, ridículo. Era verdade que, naqueles dias, antecedentes ao uso generalizado de massagem cardíaca e eletrochoque, a injeção direta de adrenalina no coração, às vezes — em casos de parada cardíaca —, era tentada. Isso, porém, só na hipótese de o coração ter parado em razão de algum trauma ocorrido com um paciente essencialmente saudável, como num caso de afogamento, em que a reativação cardíaca oferece alguma esperança de restabelecimento final.

Todavia, a partir do instante em que a deterioração é do sistema inteiro, originária de uma moléstia como a pneumonia, algumas contrações cardíacas obtidas a mais não levavam a nada. Tecnicamente, pode-se conseguir uns poucos minutos de batimentos, mas em nada isso altera a condição geral. E o meu estado era, realmente, de todo irreversível... qualquer profissional da Medicina saberia disso. Depois de tanto tempo sem oxigenação, estaria irrecuperavelmente danificado.

E, ainda assim, mesmo no perfeito juízo da inutilidade do expediente, esse ilustrado oficial acolheu a sugestão daquele desinformado indivíduo, que o margeava. "Pegue na sala de material um pacote esterilizado", ordenou-lhe. Assim que o moço retornou, o oficial encheu a seringa com a adrenalina de um frasco e cravou-me a agulha no coração.

Os batimentos recomeçaram, se bem que, a princípio, irregulares. Então, enquanto os dois observavam, incrédulos, assumiram uma pulsação rítmica. Logo depois a respiração começou. Minha pressão arterial subiu. Meu fôlego cresceu-se...

De modo algum se tratava de uma pronta recuperação. Isso passou-se três dias antes que eu ficasse consciente, cinco dias antes de eu ser retirado da lista de casos críticos, e duas semanas antes de eu andar. Somente agora, porém, quando já ficaram para trás vinte e sete anos da minha própria experiência médica, é que posso aquilatar do pasmo com que toda a equipe tinha acompanhado o meu progresso. Ao tempo em que me achei suficientemente bem para fazer perguntas, o oficial de serviços naquela noite e o contínuo, cujo pressentimento provara estar correto, haviam, ambos, partido com uma unidade através dos mares. Recebi, não obstante, uma visita pessoal do Dr. Donald G. Francy, o Comandante a quem o oficial do dia narrara os acontecimentos da noite. O Dr. Francy classificou a minha recuperação como "o caso médico mais espantoso que já encontrei". Anos depois, deu uma declaração tomada a termo por notário público, em que dizia: "O virtual retorno da morte que ocorreu com o cabo George G. Ritchie, bem

como sua reassunção ao vigor da saúde, tem de ser explicado por outros meios que não os naturais".

## 9

Aquela época, entretanto, os pormenores do meu restabelecimento interessavam-me muito pouco, disse-o a Fred Owen. Eu encarava a minha volta a esta vida como uma calamidade; teria, mesmo, ficado com aqueles que trabalharam para me reviver, se eu tivesse tido força para tal.

Durante a maior parte do tempo, permaneci na cama, um jovem muito doente, batalhando com o imenso Encontro que mantivera, ali mesmo, naquele cubículo. Fiquei pensando em Jesus, querendo descobrir como contar a outros sobre Ele, imaginando como eu poderia viver onde não pudesse vê-lo.

Foi num dia em que a minha separação parecia mais fácil de suportar que alguém entrou no quarto. Contínuos lotados na enfermaria, enfermeiras, médicos — não importava quem fosse —, o fato era que meu coração dava um salto quando quer que alguém aparecia. A Tenente Irvine — descobri que o seu prenome era Retta — estava peculiarmente interessada em "investigar", como ela colocava a questão; e a cada vez eu novamente tentava dizer-lhe o que me ocorrera. "Era como o sol mais brilhante que você já viu, só que não um sol que queimava..." O problema estava em que me faltavam palavras capazes de expressar ainda que fosse o aspecto mais pálido de tudo. Eu

podia observar que as minhas tentativas só a desorientavam, parecendo-lhe um quebra-cabeça.

Pensando bem, percebi que Retta Irvine não podia ter mais de vinte e seis, vinte e sete de idade, uma lourinha alinhada, dona de um sorriso agradável, que — não obstante — parecera aos meus olhos uma mulher de meia-idade, mais velha do que eu, e a quem me seria possível extravasar meus problemas. Já que não conseguia fazê-la compreender a Luz e os mundos que Ele me havia mostrado, comecei a falar-lhe a respeito do meu curso de Medicina e de como eu deveria ter iniciado as aulas, três semanas antes. Simpatizou imediatamente com esse assunto. Era uma curtição falar com ela. Por que não percebera, antes, como era maravilhoso olhar dentro de um rosto humano e ver que ele estava olhando para mim, falar e observar-lhe a reação?...

Tão logo me foi possível trautear para fora do pavilhão principal, minha disposição melhorou ainda mais, e comecei a acutilar todo o pessoal com meus pedidos de remoção para um dos leitos normais, onde eu tivesse gente de ambos os lados. Fiquei impressionado ao me lembrar de como eu — uma pessoa tímida e bastante introvertida — fora capaz de enfrentar uma tal experiência. Fora só no escotismo e na Fraternidade que eu me sentira à vontade com outras pessoas; e a causa dessa descontração havia sido o contato constante com o mesmo grupo. Agora, de repente, dava comigo mesmo cumprimentando ilustres desconhecidos como se fossem velhos amigos do peito. A extrema solidão que eu conhecera, enquanto — invisível e insuspeitado —

vagava por aqueles mesmos pavilhões, causara-me uma profunda reviravolta.

Todas as vezes que, à noite, as luzes eram desligadas e que a conversa aos poucos silenciava, eu me deitava, mirando o arco das luzes noturnas da ala, repensando cada detalhe daquela extraordinária noite quando a Luz entrara, ela própria, naqueles insípidos alojamentos de madeira. Estaria Ele ainda aqui?, comecei a me perguntar. Seria apenas porque Ele fosse excessivamente ofuscante para os nossos olhos físicos que nenhum de nós O podia ver?

Fiquei desencorajado de sequer tentar transmitir aos outros o que eu vira. Desencorajado e, também, um tanto ou quanto cioso. Estava desfrutando demais a recente camaradagem do pavilhão para me arriscar a ser posto no ostracismo, como se fosse um biruta. Não obstante, a cada noite, durante horas, eu me recordava de cada uma das visões, de cada som peculiar àquele tempo incrivelmente vívido. Primeiro, aquele domínio infernal, que me fora permitido olhar pelo mais longo intervalo. Aquele lugar, de onde as criaturas sequer podiam escapar, muito embora não mais pertencessem à Terra, escravas dos envolvimento, das ânsias desvairadas e do orgulho que haviam permitido as dominasse aqui. A seguir, a rápida visita aonde o próprio eu ficara para trás, onde tudo era busca impessoal da verdade, onde eu quase pudera imaginar-me no céu, exceto por aquela fugaz revelação. E, então, a cidade gloriosa... vira-a por um simples instante, e — no entanto — permanecera o mais nítido de toda a experiência... o mais dolorosamente nítido.

Que significava aquilo tudo? Por que, dentre todas as pessoas, fora eu aquela a quem tais coisas deveriam ser mostradas? E, acima de tudo, que deveria eu fazer a respeito, agora?

Era isso o que Fred Owen estava me perguntando, afundado na cadeira de braço perto da minha, contando o tempo das palavras entre respirações difíceis.

"Isso fez alguma diferença de peso?", indagou. "Quero dizer, diferença na sua vida, naquilo que você realizou. Porque, do contrário, a coisa é — toda — muito fascinante, um caminho íntimo para Deus, e toda aquela história; mas, eu não vejo o quanto isso importe".

Um caminho íntimo... Acaso eu detectara uma ponta de inveja, naquelas palavras? Se fosse isso, e estaria claro que eu não obtivera sucesso na transmissão da essência da experiência.

Lembrei a Fred que aquilo não era viagem direta para o céu. Se é que, de algum jeito, eu tinha visto o céu, isso teria sido a uma distância enorme, inatingível pela pessoa que eu, por então, era, que podia conceber, ou em que me podia transformar. Nem acreditava pudesse um garoto na casa dos vinte ter mergulhado nas profundezas do inferno; por exemplo, eu não vira o lago de fogo que consta da Bíblia.

O que, porém, tinha visto da outra vida, tal como estava aparentemente sendo vivida por gente muito semelhante a mim, era inferno. O bastante para encher-me de um terror a qualquer atitude, hábito, prioridade que me pudesse determinar uma existência como algumas daquelas. Disse a Fred que, desde aquela noite, no Texas, nada comigo

ocorrera por acaso; nenhum encontro com pessoas fora sem importância. Desde aquele tempo, cada minuto de cada dia me autoconscientizava da presença de um mundo maior.

E, bastante estranho, fora — não o terror — mas a glória daquele mundo que tornara tão árdua a minha volta a esta vida. O contraste entre o amor de Jesus e o mundo no qual eu me encontrei, tendo de continuar a viver, fez o ano que se seguiu à doença o mais difícil da minha vida.

"Que diferença fizera", Fred perguntava-me. Eu sabia que, para jogar limpo com ele — tal como eu concordara em jogar — seria necessário contar-lhe, e contar-lhe honestamente, o que aconteceu depois.

## 10

Três semanas depois do meu encontro astral com o Cristo, a Tenente Irvine parou junto à minha cama com boas e inesperadas novas. A Escola Médica de Virgínia tinha deixado em aberto a minha matrícula! Deveria apresentar-me para as aulas, assim que pudesse viajar para o leste!

Uma vez mais, a minha convalescença transformou-se numa corrida contra o tempo: cada dia de aulas perdido significava mais a compensar, menos oportunidade de acompanhar o programa. "Nós não temos permissão de mostrar aos pacientes as suas papeletas, mas eu lhe digo, com toda certe-

za, que eles não o deixarão sair daqui antes de engordar outros 7 quilos".

Então, comecei a comer, empanzinando-me com pire de batatas, que grudava na minha boca ressequida como se fosse goma arábica; bebendo leite até que a visão de uma embalagem metálica me fizesse o estômago subir à garganta. Finalmente, num dia claro e ventoso de janeiro, exatamente um mês depois de ter sido listado para iniciar o estudo médico, recebi do Hospital do Acampamento Barkeley minha dispensa oficial. Fiquei olhando fixamente para a passagem de trem nas minhas mãos. O Exército, muito mais do que um assento, havia reservado uma cabine-leito para que eu saísse de Abilene na tarde seguinte, o que era um luxo nunca visto, em se tratando de um soldado raso. Além disso, levava comigo uma indicação de que havia ainda muito a recuperar. Quando me deram alta, meu peso, conforme constava dos documentos, era sessenta quilos e oitocentos gramas, vinte menos que os oitenta e oitocentos com que me apresentara. E eu sabia que quase sessenta e um quilos era, pelo menos, 7 quilos a mais do que já pesara.. .

Mas, o ponto era que eu estava indo para a Faculdade de Medicina: haviam reservado a minha vaga! Telefonei à minha madrastra para informar-lhe a que horas o trem chegaria a Richmond. Durante todo o tempo em que eu permanecera hospitalizado, ela escreveu-me com regularidade, dizendo saber que eu estava muito doente para responder. Sentia-me feliz em deixar a coisa correr naquele pé, feliz com o correio do hospital, que a mantivera informada. Nunca fora muito bom na comunicação com ela.

Olhei pela janela do Pullman, à medida que a paisagem do campo ficava para trás. Texerkana... Little Rock.. . Memphis... comboios diversos, máquinas diferentes tracionando o vagão para o leste.

Começamos a subir em direção de Charleston, desde oeste de Virginia, cujas fronteiras cruzamos. Como tudo era belo! — Convington, Clifton Forge, Waynesboro. Os riachos ondulantes, as florestas onde eu acampara com a minha tropa, nos tempos de escotismo... Depois, descemos a encosta leste da Serra Azul, em direção a Charlottesville e, finalmente, direto para Richmond.

Estava escurecendo de novo quando alcançamos a cidade, 48 horas depois do embarque, em Abilene. Sob a pista do elevado, o tráfego do "rush" arrastava-se, parachoque com parachoque, através das ruas enlameadas. No meio do crepúsculo antecipado, peculiar ao inverno, distingui, mais adiante, a vasta massa de tijolos do Armazém da Rua Principal. Com o coração às marteladas, eu me debatia dentro do sobretudo.

Fosse pela fraqueza ou pela excitação de estar em casa, tosse pelo que fosse, minhas pernas estavam tremendo e o peso da capa quase me derrubava. Pela janela da composição, pude ver que a plataforma da estação estava apinhada de viajantes, a maioria de uniforme como eu.

Então, divisei a minha madrastra. Alta, mais magra do que eu lembrasse, com os cabelos castanhos, que iam até à cintura, presos num coque, debaixo do chapéu, ela trauteava ao

longo da plataforma, arrastando, atrás dela, o Henry, que estava com dez de idade.

Puxei de sob a poltrona o meu equipamento e, com dificuldade, avancei pelo corredor do trem; em Abilene, haviam designado alguém que carregasse a pesada mochila para mim. Mamãe me identificou tão logo desci os degraus. Um momento depois, e seus braços me apertavam, enquanto o Henry tentava subir nas minhas costas. Não disse uma palavra a respeito da minha aparência; uns passos a mais, porém, e ela, esticando-se, tirou-me a mochila. Provavelmente com a mesma intenção, conduziu-nos ao elevador, ao invés de nos fazer chegar à rua pela escada, ao mesmo tempo que ia me pondo a par de um mundo de notícias de família.

Bruce Gordon tinha pegado um resfriado, e estava de molho. O Natal havia sido vazio, porque papai e eu não estávamos. Vovó Dabney tinha me convidado para tomar café-da-manhã, no dia seguinte, em "Moss Side", antes da minha apresentação na Faculdade de Medicina, às 9:00h — "Pode estar certo de que vai comer sonhos..."

Quando, mais tarde, naquela noite, Henry e Bruce Gordon já dormiam, mamãe e eu nos sentamos na sala de estar, levando a gemada que ela guardara.

"George?"

Olhei para cima e encontrei-lhe os olhos castanhos bem nos meus. "Alguma coisa lhe aconteceu, George. É algo sobre que você possa falar?"

Impotente, dei de ombros. Enquanto criança, eu sempre suspeitara de que ela podia ler meus pensamentos. E eis que,

de súbito, ali mesmo — naquela sala familiar —, com a foto do papai sobre o console, sucedeu algo esquisito. Depois de ter estado, por semanas, tentando descrever a alguém mais a minha experiência de desdobramento, vi-me, de inóipino, atingindo o alvo. Vale dizer: contando tudo à minha madrasta, aquela mulher, a quem — durante toda a minha vida — eu opusera resistência em termos de comunicação. Eis que eu lhe exprimia aquilo que fora incapaz de dizer a quem quer que fosse.

Pude ouvir-me descrevendo-lhe como eu saltara do leito e me voltara para dar com um jovem ainda deitado ali. Ouvi-me, a mim mesmo, discorrer a respeito do vôo frenético em direção a Richmond, e sobre a volta ao Acampamento Barkeley, à procura de mim mesmo; sobre a Luz e a jornada a que nos lançamos...

Ela ouviu todo o relato, sem pronunciar uma palavra, raramente mudando de postura no sofá, buscando-me o rosto com aqueles olhos que não perdiam coisa alguma. A medida que eu falava, ia me dando conta de algo tão estarrecedor quanto aquela torrente de palavras na boca de um jovem como eu, que — comumente — parecia ter a língua amarrada. Não se tratava de que ela cresse em mim, o que claramente aconteceu. Tratava-se, na verdade, de alguma coisa que se estava desenrolando dentro de mim, uma surpreendente mudança de ponto de vista, chegando ao extremo de eu me ver, num dado momento, olhando não para a madrasta de George Ritchie, mas para Mary Skeen Ritchie, uma pessoa com a sua própria história.

Pela primeira vez em minha vida, eu estava enxergando a jovem e intrépida mulher que não apenas assumira o papel de mãe em relação a Mary Jane e a mim, mas que fora a administradora severa de uma família cujo chefe só estava em casa durante os fins de semana.

Embora eu continuasse a falar, "ouvi" algo que o papai uma vez me contara, algo a que nunca, dantes, prestara atenção: que havia sido a nossa madrastra quem firmara pé em aguardar três anos para ter filhos dela mesma, de modo a que Mary Jane e eu pudéssemos tê-la exclusivamente para nós.

Continuei falando a respeito da cidade celestial, e bem assim de como eu ansiara vê-la de mais perto. Todavia, o que pela primeira vez estava entendendo era o quão ameaçador o novo casamento do papai para a vovó Dabney, o porque de — tão frequentemente — ela me haver recordado de que Mary Skeen não era a minha verdadeira mãe. Recordei-me do meu retraimento de juventude, do meu emburramento e hostilidade; agora, porém, eu estava podendo avaliar a mágoa que aquilo tudo deveria ter causado àquela mulher adorável, sentada à minha frente.

Quando terminei a minha história, permanecemos, ambos, por um longo tempo, em silêncio. Finalmente, mamãe sussurrou:

"George, Deus confiou-lhe enormes verdades".

Ele ainda o está fazendo, pensei! Agora mesmo, enquanto eu discorria sobre a absoluta aceitação que encontrara nele, nascia em mim uma novíssima habilidade em aceitar mamãe por ela mesma.

Que misterioso poder estaria contido na simples narrativa dessa experiência? Eu tinha ficado imaginando o que Deus esperava de mim, depois de um tal encontro... Pura e simplesmente... falar sobre aquilo tudo? Seria isso parte da resposta?

## 11

Se, contudo, a volta ao lar fora melhor do que eu esperava, o início das aulas, no outro dia, foi pior. Eu enfrentava uma defasagem de um mês em relação ao resto da turma; mal poderia levar para casa a pilha de livros que me deram, abandonando qualquer esperança de leitura e compreensão. Naquela semana, durante as conferências, os mestres deixaram voar palavras decassilábicas, em Latim. Só se via estudantes à minha volta, ocupados em escrevinhar nos caderninhos, enquanto eu tentava simplesmente entender qual era o assunto.

Minha saúde também trabalhou contra mim. O simples caminhar de um edifício aos outros, na própria cidade universitária, deixava-me exausto; e o ato de me concentrar numa palestra por mais de alguns minutos era-me impossível. Seguidamente, durante as noites, minha cabeça estalava, e eu percebia que estivera dormindo à escrivaninha.

A cada aluno de primeiro ano tinha sido fornecida uma pasta marrom de papel comum, contendo uma coleção de ossos humanos — costela, vértebra, cúbito e rádio — a qual dever-se-ia conhecer bem. Um dia, sem saber onde havia

colocado a minha pasta, retornei, ansiosamente, ao laboratório de anatomia. "Você por acaso viu uma sacola de ossos?", perguntei a um estudante que estava de pé, junto à porta.

Ele tirou uma linhada da minha forma emaciada, e respondeu: "Claro, meu velho. Está de pé, bem na minha frente".

E foi assim que, aos poucos, fui entrando numa fase destrutiva. A preocupação começou a consumir o meu tempo de estudo. Meu rendimento ficou ainda pior, enquanto cresceu ainda mais a preocupação. Todos os outros pareciam extremamente seguros, confiantes no que faziam. À medida que as semanas passaram, comecei a me sentir como um debilóide perdido no meio de gênios.

Foi quando, em maio, sucedeu algo maravilhoso.

Já havia alguns anos que eu conhecia Marguerite Shell; desde que o seu irmão, Bob, agregou-se ao pessoal da Phi-Gama, na Universidade de Richmond. Bob Shell rapidamente se tornou o meu melhor amigo. Conheci Marguerite na residência dele, em Lawrenceville, uma pequena cidade, mais ou menos a 112 quilômetros ao Sul de Richmond. Ela era uma garota do tipo "mignon", cabelos castanhos, de olhos de um azul-manhã-de-abril. Achei que Marguerite Shell era a menina mais bonita que eu já vira. Quanto, porém, a encontros, eu estava ciente de não ter a menor chance. Ela era extremamente benquista; com efeito, logo depois que nos conhecemos, foi fisgada por um outro irmão de Fraternidade.

Agora, Bob Shell estava engajado no projeto Navy V-12, na Universidade de Richmond. Uma noite, telefonou com boas notícias. Marguerite e o namorado haviam rompido.

Aquilo foi uma surpresa, mas surpresa ainda maior foi quando eu liguei para ela, marcando um encontro, e ela aceitou. O racionamento de gasolina era um problema no tempo de guerra; mas, conversei com a vovó Dabney sobre me emprestar o seu Oldsmobile cor-de-água, juntamente com cupons suficientes para uma viagem de ida e volta a Lawrenceville. Aquele Oldsmobile 1941 era um dos carros mais bonitos jamais construídos, com sua forma aerodinâmica e o radiador de cromo. Fiquei pensando no figurão que eu faria dentro daquele carro, dirigindo-me para a casa dos Shell.

De algum modo, a minha auto-estima ficou lisonjeada quando Marguerite olhou, por cima do meu ombro para a porta do carro, perguntando: "Onde está o Bob?" Mas, não obstante ter estado — como é óbvio — à espera de nós dois, ela saiu comigo e tivemos uma noite maravilhosa. Depois disso, gastei meu tempo disponível mendigando da escola passes de oito horas e, da família, cupons para gasolina.

Lá pelo meio do verão, eu estava sabendo que desejava Marguerite para minha esposa, mais do que qualquer outra coisa que jamais quisera. Igualmente, sabia que não podia pedir fosse quem fosse em casamento sem contar-lhe o mais importante evento da minha vida. Foi assim que, gaguejando e vacilando, tentei, por inúmeras vezes, descrever-lhe o que ocorrera no hospital de Berkeley. E, de todas as vezes, via o brilho de sua face esmaecer, seus olhos

azuis denotarem mais ansiedade, o que me obrigava a mudar de assunto às pressas. Estava evidente que ela interpretava a ocorrência como uma ilusão mental. De qualquer modo, à maneira de como agiam muitos casais durante a guerra, nós tentamos ser mais práticos e objetivos, instintivamente nos distanciamos dos temas morte e futuro.

Então, em agosto, fui convocado a comparecer diante de um dos administradores da escola. Em sua sala pequena e sem ar, comunicou-me que eu retornaria à ativa, a menos que obtivesse conceito B, tanto em Bioquímica quanto em Bacteriologia, nos exames finais daquele período. Muito mais, teceu críticas nada lisonjeiras sobre a minha cabeça e sobre a incompetência mental de quem quer que me houvesse admitido no programa, enquanto, de pé, em sinal de atenção, eu permanecia, a quase 1 metro entre a porta e sua mesa, sentindo que me abandonavam os últimos fragmentos de autoconfiança.

Eu estava muito envolvido em meus próprios problemas para perceber que aquele homem vibrava a mesma língua sarcástica contra todos os estudantes, o que — sem dúvida — era parte de uma estratégia calculada para, antes que conseguíssemos alcançar a frente de batalha como médicos-de-campo, afastar os truculentos e os autoconfiantes. No que concernia a mim, a sua avaliação simplesmente confirmava a minha própria: eu era muito pateta para ser um médico.

Ao longo das seis semanas seguintes, enquanto me debruçava em cima de trechos de livros, as palavras dele tocavam em minha cabeça como um disco empenado. Minhas médias finais, nas duas disciplinas, corresponderam a D e E!

Fui novamente chamado ao seu gabinete, dia 25 de setembro. As suas primeiras palavras foram enérgicas e oficiais. Tratava-se de reivindicação efetivamente imediata para o Acampamento Barkeley. Igualmente efetiva, desde aquela data, a reclassificação para trabalhos ativos no estrangeiro. Então, aditou uma nota pessoal:

"Ritchie, se você retornar desta guerra com vida, irei pessoalmente providenciar para que jamais consiga ser admitido, nesta ou noutra qualquer Faculdade de Medicina. Você desperdiçou o tempo dos professores e do pessoal e impediu que um outro qualquer estudante, capaz de aproveitar bem uma tal oportunidade, se engajasse no Programa. Eu vou cuidar para que nunca mais esbanje o tempo e os recursos da profissão médica".

Não me recordo de como consegui chegar à passagem do "hall"! Só me lembro de ter observado gente ocupada, passando velozmente à minha frente, pessoas que estavam nos lugares onde deviam estar; lembro-me também de haver atinado com o fato de que andar para a direita ou para a esquerda, subindo ou descendo escadas, não fazia a mais leve diferença para ninguém sobre a Terra. Foi o mais frio e glacial dia da minha vida.

Era, também, meu vigésimo primeiro aniversário.

No dia em que se esperava que a vida começasse, a minha havia perdido o seu propósito. Que me restava fazer, senão retornar ao treinamento na poeira do Texas, e — por fim —, eventualmente, receber uma bala, em algum lugar da Europa ou da Ásia? Por que, Jesus?, fiquei perguntando. Por que eu não pudera, logo de início, ficar com Você?

O pior de tudo era que a mamãe estava planejando uma grande festa-surpresa para mim, naquela noite. Marguerite, que — por então — estava trabalhando em Richmond, viria. Minha irmã Mary Jane, cujo marido estava no Pacífico, ia estar presente; e também a irmã mais velha de Marguerite, com o marido, além de muitas outras pessoas. Haveria presentes, e congratulações, e cartões cheios de bons votos para o futuro.

Vagarosamente, encaminhei-me para o meu armário individual e demorei o máximo possível a esvaziá-lo. Textos de Medicina, cadernos de anotações cheios de páginas com manchas de tinta, minha sacola de ossos. E agora?... Como poderia pedir a Marguerite que se casasse comigo, quando — supondo que eu regressasse vivo da guerra — não teria meios de mantê-la depois?

Veio-me o pensamento de como seria fácil subir até ao laboratório de Química e misturar uns poucos ingredientes dentro de um copo graduado.. . Eu podia ser burro demais para me tornar médico, mas compreendera o suficiente das conferências sobre venenos; não seria o primeiro ex-estudante de Medicina a escolher esse caminho de fuga.

A imagem permaneceu na minha mente apenas por um átimo, enxotada por outra: os suicidas, que eu vira algemados às exatas situações de que haviam tentado eximir-se, num sítio onde um minuto poderia durar uma eternidade. Se naquela noite eu não era capaz de enfrentar o desapontamento de Marguerite, em relação a mim, como o suportaria num verdadeiro "para sempre"? Vi aqueles olhos torturados, ouvi-lhes o "desculpe-me", numa repetição sem

fim, sem que as súplicas, por um momento sequer, atingissem os ouvidos aos quais eram dirigidas... e eu sabia que aquilo tudo se interporia, para sempre, entre mim e qualquer impulso sério de supressão da minha própria vida. Compareci à minha festa de aniversário. Soprei as velas do meu bolo, desembrulhei fitas e papel de seda, e ri com as piadas sobre quanto dinheiro ganhavam os médicos. Então, quando os outros já tinham ido, contei a mamãe e a Marguerite.

Elas foram maravilhosas, recordando-me de que, por aquele tempo, já um quarto da turma havia sido eliminado. Marguerite ressaltou que, se não eu, alguém mais estaria sentindo desapontamento, o que só me fez sentir pior em relação à garota para quem eu estava dizendo adeus.

É claro que, no jargão do Exército, "imediatamente" significava "depois de uma demora infinita", de modo que se escoaram quase três semanas antes que chegassem as ordens para a minha reapresentação no Acampamento Berkeley. Saí cedo, numa manhã de outubro, juntamente com três outros estudantes de Medicina que, como eu, não tinham conseguido acompanhar o programa. Um dos companheiros possuía um carro, um velho Plymouth negro; combináramos o revezamento na direção.

Formávamos um grupo bastante silencioso, dirigindo-nos para oeste, através de gloriosas cores de outono. Fiquei pensando no papai, que estava alhures, na França. A grande invasão do *Dia D* ocorrera quatro meses antes, e a unidade do papai seguira as primeiras tropas, desde as cabeças-de-praia até o interior da França. Foi durante esse avanço que

aconteceu a grande contribuição de papai à guerra. Os alemães, na proporção em que batiam em retirada, tinham sido forçados a abandonar uma das grandes reservas naturais da Europa: os brejos turfosos da Bélgica e da França, os quais eram vastos reservatórios naturais de combustível. Para evitar que essa riqueza caísse nas mãos dos aliados, os alemães em retirada sistematicamente inundavam os pântanos baixos, inutilizados por muitos anos, ao que a maior parte das pessoas acreditava.

O problema foi entregue ao papai: de então a seis semanas ele operacionalizou os brejos. Papai era um herói, seu nome foi mencionado em histórias de jornais e em relatórios oficiais.

E o seu filho?... Estava tomando o rumo de um Acampamento de Serviço Militar, exatamente onde estivera treze meses antes.

A única perspectiva luminosa que, durante aquele cintilante outubro, apareceu no meu horizonte foi da carta que, uma semana antes, chegara da França, sugerindo que papai poderia estar em casa pelo Natal.

Na primeira noite de viagem só fomos até Cincinnati, sem falar muito, cada um de nós lutando com pensamentos como os meus. No dia seguinte, descansamos um pouco, revezando-nos ao volante, falando sobre nossas namoradas, os acontecimentos mundiais, a pescaria que fizéramos ou deixáramos de fazer durante o verão — ou seja, falamos sobre tudo, menos Faculdade de Medicina e guerra.

Louisville, Memphis. Chegamos ao Mississippi ao entardecer do terceiro dia e movemo-nos para o sul, ao longo da

margem oriental, rumando para a travessia do rio, em Vicksburg. Milharais e lavouras de açúcar estendiam-se, vazios, longitudinal e radialmente a ambos os lados do Mississipi; eram quilômetros e quilômetros de restolho ocre, ao sol poente. Para trás de nós, Vicksburg, sobre a sua alta chapada. Pete estava dirigindo; os outros, prestando atenção às indicações relativas à ponte que aparecia no nosso mapa.

Na cidade, Pete entrou por uma rua que descia em direção ao rio. "Algum sinal?", perguntou-me por cima do próprio ombro. Do ângulo em que me postava, no banco traseiro, eu devia vigiar a janela da esquerda.

Não respondi. Durante o último quilômetro e tanto, minha boca estivera seca, e meu estômago, retesado. Alguma coisa no traçado daquela cidade parecia estranha e impossivelmente familiar.

Eu sabia jamais ter estado antes ali; não obstante, conhecia exatamente o aspecto que a margem ia tomar na curva seguinte, como iam ser os cruzamentos... Lá estava! Tal qual eu soubera por antecipação. E, de inópino, eis que era capaz de jurar que, bem à frente, naquela mesma rua, a alguns quarteirões, daríamos com um prédio de estrutura branca, teto vermelho, com os dizeres "Café", em letras de neon encimando a porta.

"Lá está! Vire à esquerda!" O cara da frente, perto do Pete, apontou para uma pequena indicação na esquina. "A ponte deve estar para trás, naquela direção."

Pete reduziu a velocidade e estendeu a mão, dando sinal de que ia virar à esquerda.

"Por favor!" — minha voz soava áspera — "Não pare, Pete! Continue em frente".

O rapaz que tinha visto a sinalização virou-se para me olhar.

"A placa indica aquele caminho", falou.

"Eu sei. Eu... é só que eu gostaria de seguir mais alguns quarteirões nessa direção. Só isso".

Agora, todo mundo dentro do carro estava olhando para mim. "Pensei ter reconhecido alguma coisa", disse eu.

Pete deu de ombros e endireitou o volante. "É muito longe?", perguntou, acelerando vagarosamente.

Meu coração estava batendo muito rápido para eu falar. Um quarteirão adiante, na esquina, do meu lado, estava um *Café* todo branco, o qual abria por toda a noite, com um teto vermelho. O anúncio luminoso, em cima da porta, estava ofuscado sob o brilho da luz do dia, mas ainda podia ser visto, apoiado na janela da direita.

Ali estava a calçada onde eu caminhara ao lado de um homem que não me podia ver. Ali estava o posto telefônico junto ao qual permanecera por tanto tempo... Por quanto tempo? Em que tipo de tempo e em que espécie de corpo?

"Pare!", gritei. Pete estava passando pelo pequeno restaurante. Ele meteu o pé no freio... novamente, eu pude perceber que todo mundo me olhava. Tratava-se de uma rua comuníssima, semelhante a dúzias de outras pelas quais estivéramos dirigindo, desde que havíamos saído de Richmond.

"Pensei que você nunca tivesse estado no Mississipi", disse o Pete.

Minha mão transpirava, segura à maçaneta da porta. Eu estava doido para saltar daquele carro, atravessar aquela rua até ao posto de telefone, deitar a mão naquele telegrafista, segurá-lo e sacudi-lo. Queria abrir a porta daquele *Café*, entrar e observar quem quer que estivesse por ali, de visita. Queria formular alguma pergunta: que horas são?, por exemplo... Qualquer coisa, só para escutar a minha própria voz e ouvir a resposta.

Soltei a maçaneta e forcei meus olhos a se afastarem do *Café* da esquina. Foi então que respondi à pergunta do Pete: "Eu também..."

Que mais podia dizer? Estivera aqui uma noite, ao mesmo tempo que permanecia deitado num leito de hospital, no Texas?

Pete sacudiu o volante, impacientemente, e seguiu as placas, subindo as ladeiras em direção à ponte. Mas, sobre o mapa que estava no meu colo, meu dedo traçou uma linha: Abilene, no Texas — passando por Arkansas e Louisiana... uma linha reta, exatamente a leste, de Abilene a Vicksburg, no Mississippi. Enquanto passávamos sobre a extensão d'água, larga e barrenta, uma voz dentro de mim estrondeava:

*Então, foi aqui! Vicksburg, Mississippi. Foi aqui onde eu parei durante aquela impetuosa corrida sem corpo. Aqui, me detive, aqui raciocinei, daqui eu voltei...*

## 12

Dessa vez, fiquei só duas semanas no Acampamento Barkeley. Naturalmente, os soldados com quem eu treinara

havam tomado o navio para as frentes de batalha por todo o mundo, e, desde então, outros grupos de recrutas tinham ido e vindo. Fui indicado para o Corpo Médico-Administrativo, em razão do meu treinamento médico, e lotado numa companhia de reserva, aguardando indicação para um hospital-de-campo. Nesse ínterim, a rotina do acampamento era a mesma para todos: marchar dez horas por dia, no meio da poeira que bloqueava a garganta e feria os olhos.

Na primeira hora de folga, fui correndo até ao hospital visitar a Tenente Irvine. "Foi um erro", disse, quando eu lhe contei a respeito do meu desempenho medíocre na Faculdade. "Você sabe que ainda não estava cem por cento quando saiu daqui. Da próxima vez, depois da guerra, você vai sair-se melhor".

Ela parecia depositar tanta confiança em mim que eu não lhe contei o que o administrador tinha dito. Como eu queria poder contar-lhe sobre a passagem por Vicksburg e a visão do *Café* onde ficara, enquanto meu corpo físico permanecia deitado, ali mesmo, naquele pavilhão hospitalar! Contudo, minhas desastradas tentativas de descrição a Marguerite haviam me ensinado uma coisa: Discorrer sobre os eventos daquela noite era algo que exercia um estranho poder — um poder que Deus poderia aplicar. Mas, teria que ser na sua sincronização, conforme se dera com a Mamãe, na nossa sala de estar, na noite em que regresssei de Richmond. Não era uma faculdade que eu pudesse empregar por mim mesmo, discorrendo sobre o assunto por minha própria

conta e razões. Se o fizesse, tal qual se deu com Marguerite, sairia uma verdadeira mixórdia.

No começo de novembro, fui mandado para o Acampamento Rucker, no Alabama, para treinar como técnico médico e cirúrgico, no 123º Hospital de Retirada. A Batalha prosseguia na Europa, e unidades como o 1239 eram reunidas e embarcadas para a frente, tão rapidamente quanto se pudesse achar pessoal. Só obtive um fim de semana livre, bem antes do Dia de Ação de Graças, para uma rápida viagem do Alabama até Virginia, e uma breve estada com Marguerite e minha família. Mamãe ainda esperava que papai estivesse em casa pelo Natal, e — agora — todas as minhas esperanças convergiam para vê-lo antes que eu mesmo zarpassse para a França.

O 123º tomou o trem no Acampamento Rucker, na véspera do Natal de 1944, passando pelo Acampamento Kilmer, em New Jersey, e dirigindo-se para o embarque. Durante aquela noite, enquanto eu tentava conciliar o sono, no leito superior do beliche, meus pensamentos continuaram a regredir até à véspera do Natal passado, quando acordara num leito de hospital, sentindo dor no peito e recordando-me da mais amorosa presença que jamais conhecera.

Onde teria Ele estado durante o ano que passou?... Onde teria estado esse Jesus que eu conheci? Ele não podia ter mudado, nem ido embora — aquela Luz era onipenetrante demais para que eu pudesse imaginar qualquer lapso de tempo ou extensão de espaço que Ele não preenchesse. Mas aquilo, agora, era simples imaginação. Por que era que Ele não fazia mais diferença para o jeito que eu conduzia as

coisas? Talvez você esperasse — disse, com os meus botões — que qualquer indivíduo que houvesse passado por uma experiência como a sua, quem quer que — ainda pálidamente — houvesse tido um vislumbre do amor que alicerça o universo; talvez você esperasse que essa pessoa não mais se aborrecesse com acontecimentos exteriores.

Eu, porém, me aborrecia. Estava terrivelmente aborrecido. Estava irritado com a fanfarronice daquele sargento que sentava três cadeiras à minha frente; ele e o odor do seu charuto enorme empestando o vagão. Incomodava-me a troça que os homens do 123º - especialmente os do Monte, vindos das grandes cidades — faziam do meu sotaque sulista e de minhas idéias de cidade pequena. Ao invés de, agora, estar apto a sacudir todas essas coisas, ei-las que se impunham, cada vez me perturbando mais.

Lá pela manhã, deteve-se o comboio — demoradamente — num trecho escuro da linha férrea. Passava uma estrada nas cercanias; vez por outra, via faróis de veículos atravessando um elevado, à frente. Então, rompeu uma alvorada fria... uma qualquer coisa, como se fosse um caroço, veio-me à garganta. Estávamos no pátio de manobras de Acca, fora de Richmond, Virgínia, a menos de dois quilômetros da minha casa! Lá estava a usina da velha Estrada de Ferro de Richmond, Fredericksburg e Potomac, aonde o vovô Dabney costumava trazer-me para olhar os trens. E aquela ponte! Eu devo ter pedalado a minha bicicleta umas mil vezes, sobre aquela estrada, entre a casa da minha gente e "Moss Side".

Era manhã do Natal, e minha família estava bem ali, a pouco menos de dois quilômetros do outro lado daquelas

árvores. A nostalgia que eu havia lutado para constringir, extravasou numa inundação. Será que Henry e Bruce já estavam de pé? Eles eram sempre os primeiros a levantar no dia de Natal. E o Papai... teria chegado a casa ontem? Será que estávamos a menos de dois quilômetros um do outro, bem naquele instante, depois de termos estado separados por milhares de quilômetros e uma guerra?...

Por volta das 7:00h, houve uma sacudidela e um rangido de rodas; o trem começou a mover-se, de novo. Acelerando, diminuindo, parando, levou o dia inteiro para alcançar o Acampamento Kilmer. Foi o Natal mais longo da minha vida.

Falei com a minha família de uma cabine telefônica, nalgum lugar do acampamento. Papai chegara a casa; ele havia alcançado Richmond na véspera do Natal...

Nossa data de levantar âncora ainda não era conhecida, é claro, mas eles estavam dando uma folga de doze horas, no dia 28. Não era o bastante para voltar até Richmond, mas eu conseguiria ir até Washington e voltar.

E foi assim que a família subiu por trem, até Washington, e eu desci de New Jersey. Antes mesmo que o meu vagão parasse, vi-os de pé, na plataforma da Estação Nacional de Washington, embora, um momento antes, já tivesse reconhecido um homem de cabelos grisalhos parado junto à mamãe. Quando fui para a Europa, o cabelo do papai era negro como azeviche. Sua cabeleira e as linhas do seu rosto testemunhavam aquilo por que ele passara; de si mesmo, de modo próprio, falava somente de coisas alegres — como sua família parecia bem, quanto eu ia gozar a região dos campos

na França. Tivemos meia hora sentados num banco na sala de espera dura de gente. Então, o meu trem de regresso chamou e, da janela, acenei, até que os perdi na multidão de outros adeuses da guerra.

## 13

O 123º embarcou no "SS Brasil" no dia de ano de 1945, enquanto — pelas docas — a Cruz Vermelha distribuía sonhos e uma banda tocava "My Mama Done Tol'Me". Viajávamos há três dias quando o vapor foi atingido por uma das furiosas tempestades do Atlântico Norte. O 123º estava alojado no andar mais alto do navio, bem debaixo da ponte de comando; todavia, alto como estávamos, ainda assim as vagas quebravam-se contra os alojamentos e filtravam-se por sob as portas. Nestas condições, ovos duros pareciam ser o único alimento que as cozinhas podiam mandar; de qualquer modo, a maioria de nós estava enjoada demais para comer.

A despeito da tempestade, os submarinos eram visíveis na área. Para enfrentar as horas de tensão, pusemo-nos sentados sobre os nossos beliches, que sacudiam loucamente, de quatro em quatro, prestando atenção às cargas de profundidade, lançadas das plataformas inferiores, e que iam explodir dentro da água, muito embaixo de nós. Foi observando as fisionomias retesadas à minha volta que atinei com dois elementos dos meus próprios sentimentos. Quanto à perspectiva de sermos torpedeados e forçados a entrar nos botes salva-vidas, no meio daquele gélido

temporal, eu estava tão apavorado quanto o sujeito próximo a mim. A mecânica do morrer, o sofrimento e o pânico eram, para mim, atemorizantes como no comum.

Todavia no que respeitava à morte propriamente dita, não apenas eu não lhe tinha medo, quanto me deparei comigo mesmo desejando que acontecesse.

Se assim fosse, eu iria estar com Ele! Estaria fora desse mundo miserável, onde homens atravessavam um oceano com o fito de matar outros homens; um mundo no qual, mesmo entre nós, existia tão pouco amor.

Às 4:00h do dia 16 de janeiro, o "SS Brasil" deteve-se no meio de um denso nevoeiro ao largo do porto francês de "Le Havre". À medida que a neblina se dissipou, ocupamos a balaustrada para tirar a nossa primeira linhada da Europa. Aos poucos, devagar, a névoa cinzenta dissipou-se: cascos de aço retorcido que haviam sido navios, um muro solitário, onde estivera um quarteirão de edifícios. . . nenhum cine-jornal me havia preparado para a minha primeira visão de uma cidade arrasada por bombardeios.

O ancoradouro estava excessivamente entulhado de destroços para permitir maior aproximação do nosso navio, de modo que fomos para a terra em pequenas embarcações, marchando — depois — para uma fila de caminhões abertos que nos transportariam até ao Acampamento Lucky Strike, uma etapa a mais ou menos noventa e seis quilômetros terra adentro. A camada de neve, de aproximadamente cinco centímetros de espessura na traseira dos caminhões, rapidamente congelava, à medida que nossas botas esmagavam-na. A maior parte dos soldados abaixou-se nas

laterais do caminhão, para escapar ao vento cortante; eu, porém, tornei-me petrificado, enquanto nos deslocávamos pesadamente através da cidade, passando por casas de que apenas as paredes tinham permanecido de pé, e das quais saíam tiras de papel de parede brilhante, tremulando ao vento. Fiquei pensando no papai, com sua face marcada e seu cabelo cinzento, aquilatando melhor a que se assemelhara a invasão.

Em Lucky Strike , armamos nossas tendas e, então, sentamo-nos sobre nossos catres, tentando reter e coordenar alguma impressão. Na manhã seguinte, estávamos empenhados em mastigar alguma coisa quando um jipe irrompeu no acampamento, o motorista berrando qualquer coisa sobre a destruição de um trem. Pulamos para dentro de cada veículo disponível e, durante o trajeto, conseguimos fragmentos da história. Tratava-se de tropas americanas oriundas do "SS- Brasil" que estavam a bordo da composição. Suspeitava-se de sabotagem por parte das forças francesas de Vichy.

Ao que constasse, nossa unidade — localizada no andar mais alto do transatlântico — fora a primeira a desembarcar e a única que chegou ao acampamento por estrada de rodagem. Todo o resto do navio, muitos milhares de tropas, fora acomodado, no correr do dia e nas primeiras horas da noite, num comboio do tipo "pau para toda obra", integrado por pequenos vagões de construção francesa, aptos a carregar quarenta homens ou oito cavalos... Já passava da meia-noite, antes que todos tivessem embarcado, quando começou a lenta viagem ao longo do despedaçado sistema ferroviário

francês. Quando se aproximava da estação de "Saint-Valéry-en-Caux", que era nas cercanias, o trem foi misteriosamente deslocado para um trilho pouco utilizado, que ia dar no prédio da estação.

Eu jamais assistira à uma tal cena de carnificina; nem imaginara tal coisa. Alguns dos homens tinham sofrido morte instantânea, muitos outros estavam presos entre as ferragens, gritando por socorro. Pisamos em inúmeros braços e pernas, lutamos contra metal retorcido que nos impedia alcançar nossos companheiros. Fui designado, ao que percebi, para junto de um capitão que estava trabalhando numa improvisada tenda de primeiros socorros. Todavia, nossos suprimentos médicos ainda não haviam sido descarregados; por muito tempo, só havia uma tesoura de enfermagem, uma agulha e linha, e mais umas poucas injeções de morfina entre o médico e eu.

Era a minha apresentação ao sofrimento humano em grande escala. Uma vez, acreditava querer cuidar de pessoas que estivessem sofrendo. Mas, estivera pensando em problemas normais, como o vovô Dabney e sua artrite. O que, porém, hoje nos faceva era sofrimento deliberadamente infligido por um grupo de pessoas a outro grupo de pessoas. Se o ódio podia chegar a ter tamanho poder — porque nós nos estávamos preparando para fazer a mesma coisa com os outros —, quem poderia querer viver num mundo daquele jeito?

Quando a última baixa tinha sido enviada ao hospital mais próximo, de ambulância, no fim do dia de pesadelo, deparei-me cismando no fato de que a outros tinha sido permitida a

saída dessa existência, enquanto eu fora condenado a permanecer nela. Tinha visto morrer companheiros da minha idade, naquele dia, e — salvo pelo quanto padeciam — sentia, em relação aos mesmos, azoicante inveja. Por que havia sido nossa unidade a única a não embarcar naquele trem?

A pergunta veio atormentar-me, com insistência, ao longo das duas semanas seguintes, na medida que eu me sentia a uns poucos metros, a uns poucos centímetros da fronteira que nos separava da presença *d'Ele*, fronteira essa a que nós — criaturas corpóreas — chamamos morte. O 123º viajou do Acampamento Lucky Strike para Rethel, França, quinhentos e sessenta e três quilômetros a leste, onde poderíamos socorrer as tropas que estavam nas zonas de combate. Estabelecemos nosso acampamento — hospital, quartos de dormir rancho — no chão de um castelo abandonado, com as altas janelas quebradas e negras, e ervas daninhas crescendo na estrada que o circundava. E, lá, enquanto nos ocupávamos com os feridos e os moribundos, meu anseio pela morte tornou-se uma obsessão. Encarei a minha sobrevivência física como sentença prolatada num julgamento, como uma rejeição, em relação a mim, por parte da pessoa cujo amor significava tudo.

Uma tarde, estava sentado sobre um toco de árvore do castelo, ainda uma vez pedindo para ser admitido à presença *d'Ele*, quando um superior, um sargento, apareceu correndo através do quintal. "De pé, soldado!", latiu ele — "Está na tenda C um sargento da Força Aérea com a rótula quase estourada".

Logo que entrei na barraca, reconheci-o: uma jaqueta da Força Aérea estava ao pé do armário individual e, quando a vi, meu corpo ficou todo tenso. Três listras em cima, três listras embaixo, um diamante no meio: o cara não era um simples sargento, era um sargento de muita categoria. Todo sargento daqueles que eu conhecera era um tipo garganta, bitolado, fanfarrão e tirano.

"Como vai, meu nome é Jack Helms. Qual é o seu?"

Do catre, olhando para cima com olhos vitrificados de dor e morfina, estava um companheiro com mais ou menos a minha idade. Era claro que ele se encontrava terrivelmente ferido, mas — ainda assim — quando lhe disse o meu nome, manifestou desejo de conhecer uma porção de outras coisas a meu respeito; de onde eu era, que tipo de coisas gostava de fazer, se tinha irmãos e irmãs. Disse-me que falar ajudava-o a desviar da dor a própria mente.

Alheio a mim mesmo, de repente, encontrei-me, de igual modo, fazendo-lhe perguntas, enquanto mudava sua roupa. Contou-me que era de El Dorado, em Arkansas, e que tinha estado trabalhando, lá mesmo, num "drive-in", como garçom. Naquela manhã o jipe que estivera guiando passara por cima de uma mina; por sorte, seu dono fora o único ferido.

Um médico entrou para examinar o ferimento e instruiu-me a mantê-lo sempre limpo. Uma vez que eu terminava a tarefa indicada, já não havia razões para permanecer; não obstante, fiquei rodando em volta da cama. Havia algo em Jack — ele não gostava de ser chamado sargento — que fazia com que você quisesse permanecer perto dele. Ele me

lembrava alguém, mas quem eu não podia saber. Era um camarada grande, simpático, de rosto bronzeado e olhos marrom escuros; mais, o seu sorriso é que era inesquecível. Ocupava todo o seu rosto, de uma orelha a outra, envolvendo tudo — você, a grande tenda verde e todo o lamacento hospital num calor de reconhecimento e gratidão.

Eu já cuidara de ferimentos no joelho; sabia que continuavam a doer. Jack, porém, nunca mencionou a dor; parecia mais preocupado com os meus problemas do que com os seus próprios. Quando soube do fracasso na Faculdade de Medicina, explodiu num dos seus sorrisos solares. "As pessoas dizem muitas coisas", atalhou. "Se o meu palpite está certo, ele sequer estará naquela faculdade, quando você regressar".

Meu trabalho, como auxiliar médico, incluía tudo, desde carregar bandejas até aplicar injeções e levar recados ao armazém geral do Exército. Como os demais auxiliares, fiquei enchendo o tempo até que a minha mudança se efetivou. Agora, para surpresa minha, ali estava eu, fazendo serão, trabalhando horas extras. Quem seria que Jack me recordava, e por que me sentia tão bem quando estava com ele?

Fiquei curioso, quando — no seu segundo dia de hospital — apareceu um major da Força Aérea procurando pelo Sargento Helms. No rígido sistema de castas em que se estruturava o serviço, oficiais e alistados mantinham poucos contatos officiosos. Todavia, quando o conduzi à tenda C, o major sentou-se ao pé do catre de Jack e bateu uma prosa de meia

hora. Depois, Jack me disse que aquele fora o oficial que ele estava conduzindo quando o jipe atingiu a mina e capotou. "Então", arremedou, "é natural que ele se preocupe comigo". Por esse tempo, eu já estava descobrindo que o comportamento "natural" no Jack era, de alguma sorte, diverso do comum. Para mim, o mais notável aspecto das contínuas visitas do major não era a acolhida que Jack lhe dava, mas — sim — o fato de que ele recebia da mesma maneira a todos os que se detinham para falar-lhe... incluindo eu. Parecia não fazer distinção entre o major ou o cirurgião que lhe operava o joelho e o mais inferior dos auxiliares que lhe mudava a roupa de cama.

Dali a uma semana, Jack estava manquitolando, apoiado a uma bengala, e, sempre que eu não estava de serviço, nós dávamos uma volta juntos, primeiro pelos parques do palácio, passando pelo meio das ervas daninhas, daquilo que — uma vez — fora um jardim submerso; depois, saindo pela estrada que conduzia a Rethel. Eu estava, ostensivamente, ajudando um aviador ferido a recuperar-se. Mas, conscientizara-me de que a maior cura processava-se em mim, e suspeitava que Jack também sabia disso.

Durante aqueles passeios, conversamos sobre tudo — colégio, infância, carreiras — e, por todo o tempo, avultou-me a sensação de que já conhecera Jack Helms antes. Soube que ele era um cristão muito confiante, um protestante, embora fosse à Igreja com a família católica, que o adotara e lhe demonstrara grande bondade. De repente, um dia, sem pretender conversar com mais ninguém o que eu conversara com minha madrastra, pilhei-me contando-lhe a respeito da

noite em que regressara do cinema do hospital e pedira ao plantonista alguns tabletes de aspirina. As palavras simplesmente fluíram, tal como sucedera anteriormente. Narrei-lhe tudo: a corrida da ambulância à seção de Raios X, o despertar num pequeno cômodo, encontrando alguém mais na minha cama, a descida de uma rua em Vicksburg, Mississipi, a tentativa de encontrar um pedestre que pudesse me ouvir.

Era a segunda vez que eu tinha sido capaz de relatar a minha experiência. A julgar pelo assombro estampado no rosto de Jack, eu podia dizer que ele jamais escutara algo ainda que semelhante ao que lhe descrevia. Por sua expressão, também pude ver que, nem por um instante, duvidava, do que eu estava dizendo. Descrevi a Luz que havia penetrado o cubículo. Como alguma coisa entrara na minha vida, ao mesmo tempo... como ela ficara interiormente iluminada por um amor semelhante ao qual eu nada vira...

Detive-me, fitando Jack. Permanecia aquela incômoda sensação de já o haver conhecido antes. Aquela estranha impressão que me possuía exatamente no primeiro dia em que me senti na presença de um amigo já familiar.. .

Fora Cristo quem, por todo aquele tempo, estivera me olhando, através dos olhos de Jack Helms.

A aceitação. O cuidado. A alegria, é claro que eu reconhecia tudo aquilo! Era o que tinha encontrado, dentro de um quarto de hospital, no Texas, e, agora, a mais de oito mil quilômetros de distância, novamente me deparava com Ele, numa encosta, na França. Desta vez, não passavam de ecos

imperfeitos, transmitidos através de um ser humano falível. Mas, ao menos, agora sabendo de quem a mensagem se originava.

Todas as peças estavam caindo no seu devido lugar, quando fizemos a volta na estrada e começamos a voltar na direção do acampamento. Por algum tempo, nenhum de nós falou. Jack não me pressionou a prosseguir com a minha história interrompida; ele, no seu jeito de perceber as coisas, parecia saber que eu estava elaborando algo na minha mente.

Será que a solidão que experimentara durante aquele ano, a alienação do mundo e tudo o que acontecera ali não representavam uma ânsia de regressar ao tempo em que estivera na presença *d'Ele*? Mas, ser-me-ia possível encontrá-lo através do retorno?, fiquei imaginando, enquanto subíamos uma colina. A própria natureza da Pessoa que eu encontrara era o seu ser-agora. Ele era esmagador e onipresente, de tal modo que nenhum outro tempo podia existir onde Ele estivesse. De repente, percebi que não era bom procurar por Ele no passado, mesmo quando esse passado estava há apenas quinze meses. Naquela tarde, sobre a estrada que vinha de Rethel, eu soube que, se desejasse sentir a proximidade de Cristo — e eu queria isso, acima de tudo o mais —, seria necessário encontrá-lo na gente que Ele punha diante de mim, a cada dia.

Tínhamos alcançado os domínios do castelo, enquanto esses pensamentos continuavam a rodopiar na minha cabeça. Demos a volta por trás; lá estava o toco de árvore sobre o qual eu me sentara, há umas poucas duas semanas, rezando

para ser admitido à morte. E, de súbito, naquele dia de novas auto-descobertas, vim à saber de mais alguma coisa. Aquela oração fora respondida. Num certo sentido, que nunca havia podido imaginar, eu de fato morrera. Pela primeira vez, em muitos meses, pusera de lado a minha auto-piedade, minha auto-incriminação — fossem quais fossem os pensamentos sobre mim mesmo —, o bastante para ficar envolvido com mais alguém. A lesão e a cura de Jack tinham sido o único fato a me ocupar a mente, no transcurso daquelas duas semanas. Tomando conta dele, eu me perdera de vista, a mim próprio. E, ao me perder a mim mesmo, descobrira Cristo.

Estranho, pensei; também fora necessário que eu morresse, no Texas, para que o visse. Imaginava se era forçoso, antes de enxergar algo mais dele mesmo, que sempre morrêssemos, ou que perecesse alguma parte teimosa de nós mesmos.

Antes de regressar à base aérea onde servia, Jack ficou mais outra semana no hospital; apenas uma semana, durante a qual cimentou-se uma amizade que devia durar trinta anos. Hoje, ele vive na Praia de Malibu, Califórnia, e eu, em Charlottesville, Virgínia, de modo que não nos vemos com tanta frequência; todavia cada visita soa como se estivéssemos caminhando por uma estrada no interior da França.

Para mim, aquele passeio no campo foi o começo, o momento em que comecei a estabelecer o nexo entre a experiência de quase-morte, em Barkeley, Texas, com o resto da minha vida. Concluí ter sido o primeiro passo em

direção à desistência das tentativas de retomada daquela visão de Jesus ocorrida fora do mundo, seguida da sua procura nas coisas confusas da vida.

Aquilo não era fácil para um jovem soldado que passara toda a sua vida numa pequena cidade do sul. Católicos-romanos, judeus e negros — eu crescera acreditando que essa gente não era apenas diferente de mim, mas que não era tão boa quanto eu. E, então, Jesus na sua misericórdia, me havia colocado no 123º. Deixou que começasse com Jack porque Jack era simples; por uma questão de naturalidade, não se podia deixar de ver o Cristo em Jack. Mas, só muito tempo depois comecei a enxergar Jesus num judeu de Nova Iorque, num italiano de Chicago, num negro de Trenton.

Descobri algo mais, que — de início — me intrigou. Quanto mais aprendia a ver Cristo em outras pessoas, menos era esmagado pela morte e pelo sofrimento com que nossa unidade tratava. Parecia-me dever acontecer o oposto, isto é, quanto mais você encontrasse para amar nas pessoas, tanto mais difícil seria observar-lhes o padecimento, É claro que nunca chegou a ser fácil; todavia, tornou-se, de algum modo... tolerável. E eis que, ainda uma vez, descobri-me com o pensamento voltado para a experiência do Texas.

Cheguei à conclusão de que tal memória tinha sido fascinante, viver apenas no júbilo da presença *d'Ele*. Mas, quando me recordava de tudo, honestamente, percebia que — naquele "outro domínio" tinha ocorrido muita coisa francamente hedionda, cenas de agonia piores do que qualquer coisa até mesmo naquele trem, em St. Valery. Dissera a mim mesmo que desejava deixar esta terra porque

tinha visto um lugar melhor. O pós-vida que vislumbrara era, em concomitância, infinitamente mais luminoso e infinitamente mais selvagem e terrível do que esta. Por que não me havia o lado mal daquele mundo esmagado o espírito tanto quanto o tinham feito as negatividades deste? De volta à minha tenda, começara a ler a Bíblia, e — um dia — cheguei a um Salmo que parecia ajudar. "Para onde me ausentarei do teu Espírito? para onde fugirei da tua face?", li no Salmo 139. "Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também".

Era óbvio... aquela era a resposta: Jesus estivera ali, naquelas cenas do abismo. Fora a sua Luz e a sua compaixão, através das quais eu via o supremo horror, que haviam lançado um raio de esperança, até no inferno.

Quando, em maio de 1945, a guerra acabou na Europa, o 123º entrou na Alemanha junto das tropas de ocupação. Eu integrava um grupo designado para um campo de concentração perto de Wuppertal, encarregado de prestar socorro médico a prisioneiros recém-libertos, muitos dos quais judeus holandeses, franceses e da Europa oriental. Esta foi a experiência mais chocante que tive. Por esse tempo, eu já conhecia de sobejo a doença, a morte súbita e os ferimentos; mas verificar os efeitos da inanição progressiva, caminhar pelo meio daquelas cabanas onde milhares de homens tinham morrido um pouco de cada vez, ao longo de anos e anos, isso era uma nova espécie de horror. Tratava-se de um processo irreversível, no caso de muitos: a despeito da medicação e alimentação que podíamos prontamente

conseguir-lhes, perdíamos grande número deles, a cada dia que passava.

Agora, realmente necessitava da minha nova auto-descoberta. Quando a abominação se tornou pesada demais para carregar, fiz o que tinha aprendido a fazer. Fui de um extremo ao outro daqueles alojamentos, olhando aqueles rostos, até que percebi a face de Cristo olhando-me de volta. E foi assim que vim a conhecer Wild Bill Cody. Não era esse o seu verdadeiro nome. O nome real compunha-se de sete impronunciáveis sílabas, em polonês; mas, como possuísse longos e despenteados bigodes caídos, tal como nos filmes do velho herói do Oeste, os soldados americanos chamavam-no Wild Bill. Ele era um dos internos do campo de concentração, mas — obviamente — não estava ali há muito tempo: sua postura estava erecta; seus olhos, brilhantes; sua energia, infatigável. Como falasse fluentemente inglês, francês, alemão e russo, tão bem quanto o polonês, tornou-se uma espécie de tradutor oficioso do acampamento.

Nós lhe apresentávamos todo o tipo de problemas; o serviço de documentação e registro estava, sozinho e vacilante, tentando relocalizar pessoas cujas famílias — e até mesmo cidades — poderiam ter desaparecido. Mas, embora Wild Bill trabalhasse de quinze a dezesseis horas por dia, ele não dava sinais de fraqueza. Enquanto o restante de nós estava caindo de fadiga, ele parecia ganhar força. "Temos tempo para isso, meu velho" dizia. "Está esperando o dia inteiro para ver-nos". A sua compaixão pelos companheiros de pri-

são brilhava no seu rosto, e foi com esse brilho que eu deparei quando meu próprio ânimo estava baixo.

Fiquei pasmado, quando, um dia, os documentos de Wild Bill vieram às nossas mãos: estivera em Wuppertal desde 1939! Durante seis anos, vivera sob aquela dieta de fome, dormira, como todos, nas mesmas cabanas insalubres e sem ar, sem a menor deterioração física ou mental.

Talvez ainda mais espantoso fosse o fato de que todos os grupos do acampamento consideravam-no um amigo. Ele era aquele que servia de árbitro nas discussões entre internos. Só pude avaliar o quanto isso era raro depois de estar em Wuppertal por um certo número de semanas, porque aquilo era um aglomerado de prisioneiros de todas as nacionalidades, que se odiavam mutuamente, quase na mesma proporção do ódio que tinham pelos alemães.

Quanto a estes, o sentimento adverso espalhou-se tão rapidamente que, nalguns dos campos liberados mais cedo, antigos prisioneiros haviam empunhado revólveres, invadido a aldeia mais próxima e simplesmente atirado nos primeiros alemães que viram. Uma parte das instruções dizia respeito a prevenir esse tipo de ocorrência, e — novamente — Wild Bill foi nosso maior trunfo, ponderando junto aos diversos grupos, aconselhando o perdão.

"Para alguns deles, não é fácil perdoar", comentei com ele, um dia, quando nos sentamos por sobre canecos de chá, no centro de tratamento. E concluí: "Foram tantos os que perderam membros das próprias famílias"...

Wild Bill recostou-se na cadeira alta e sorveu sua bebida. "Nós moramos no bairro judeu, em Varsóvia", começou ele,

pausadamente. Eram as primeiras palavras que o escutara pronunciar a seu próprio respeito. "Moramos lá, minha esposa, nossas duas filhas e nossos três garotos. Quando os alemães chegaram à nossa rua, alinharam a todos contra o muro e abriram fogo com as metralhadoras. Supliquei para morrer com a minha família, mas, porque eu ralasse alemão, eles me botaram num grupo de trabalho."

Fez uma pausa, talvez revendo esposa e cinco filhos.

"Eu tinha de decidir no ato", prosseguiu, "se passava a odiar os soldados que tinham feito aquilo. Era, realmente, uma decisão fácil. Eu era advogado. Minha prática, com frequência, me havia mostrado o que o ódio podia fazer às pessoas, de corpo e mente. Aliás, fora o ódio que acabara de matar as seis pessoas que me eram mais importantes no mundo. Decidi, então, que — fosse qual fosse o tempo que me sobrasse de vida — iria empregá-lo no amor a todo o ser com que viesse a entrar em contato."

Amar a todo o ser... era esse o poder responsável pelo bem de um homem, não obstante toda a privação. Era esse o poder que eu encontrara num quarto de hospital no Texas, e o qual estava aprendendo, a pouco e pouco, a reconhecer onde quer que Ele escolhesse para brilhar, não importando a autoconsciência do veículo humano a seu serviço.

Na Primavera de 1946, regressei aos Estados Unidos, procedente dos trabalhos da ocupação da Alemanha. Marguerite e eu casamo-nos no ano seguinte. Quando chegou o momento de lhe contar a respeito da experiência do Texas, a coisa simplesmente aconteceu, com naturalidade

e quase sem esforço da minha parte, tal como das outras vezes, e auxiliando no crescimento do amor entre nós.

Nesse íterim, o pressentimento de Jack Helms revelou-se correto; o administrador que não poupava esforços para me manter fora da Faculdade de Medicina de Virgínia não tinha mais qualquer vínculo com a instituição.

Foi o Dr. Sidney Negus o homem que saiu em defesa da minha readmissão. Ele era o professor que me havia atribuído conceito D em Bioquímica. Dessa vez, eu estava decidido a não cometer o erro em que incorrera anteriormente. Agora eu percebia que o meu problema tivera início no momento em que eu afastara de Jesus os meus olhos, centralizando-os em mim mesmo. Dessa vez, não me preocupei com a minha memória fraca, e — sem dificuldade — consegui vencer a Faculdade.

Desde o início da minha carreira, porém, descobri o que sabem todos os médicos: a Medicina não está de posse das respostas todas. Quando confuso e desafiado — o que frequentemente se dava — orava pelo meu paciente em silêncio, envolvendo a prece no meu próprio hausto —, solicitando a ajuda de Jesus para o diagnóstico certo e para a prescrição do tratamento. Como decorrência, Marguerite e eu estruturamos o hábito da oração em conjunto por todos os pacientes, todas as noites.

Continuei a ler a Bíblia. Era engraçado... no tempo das celebrações de domingo, a Bíblia me parecera, ao mesmo tempo, aborrecida e difícil. A partir do Texas, tornara-se, pura e simplesmente, a descrição factual da vida. Quando, à beira do lago, Jesus dissera o "Segui-me" a alguns

pescadores, estava claro que eles haviam largado tudo e correram atrás d'Ele... quem poderia resistir? Quando Ele dissera: "Eu sou a Luz do mundo", isso era, simplesmente, um fato observável.

Se, porém, a minha experiência tornara a Bíblia compreensível, agora, então, na medida que, desde a guerra, eu a lia sistematicamente, era muito mais a Bíblia que me auxiliava a entender a experiência. Lendo e relendo os relatos sobre a crucificação, finalmente percebi de onde viera aquela certeza, quando da presença d'Ele... que já havia compensado aquilo tudo. E era à luz da sua ressurreição que nós nos mantínhamos.

Por que esses feitos cósmicos se aplicavam a mim — como se, de algum modo, eu me tivesse deles apropriado, durante aquela cerimônia litúrgica, aos doze anos de idade —, não o sabia. Mas, lendo a Bíblia, comecei a compreender a absoluta importância que, no planejamento d'Ele, têm as nossas vidas na Terra. Como fora grave o meu equívoco a bordo do SS- Brasil", em St. Valery, em Rethel... como errara ao detestar a minha própria vida e ao pedir-lhe que me tirasse deste mundo antes que a sua obra em mim estivesse feita.

Pensei nas almas infortunadas que contemplara naquele primeiro domínio pós-terrestre; aquelas almas apanhadas na armadilha de ódios e luxúria, fixadas em coisas materiais que lhes estavam, para sempre, além do alcance. De algum modo, nenhuma delas completara o crescimento, no ciclo de vida terrestre, tivesse ele sido longo ou curto. Não tive dificuldade em crer no completismo da tarefa terrestre

assinalada por Deus a alguns daqueles jovens espedaçados na Europa, de modo que estivessem bem preparados para galgar uma esfera mais próxima ao Cristo. Era, porém, ponto pacífico que isso não aconteceu comigo. Minha auto-centralização, meus preconceitos, minha própria integridade... como ousara eu, com tudo isso, pedir para morrer! Ter-me-ia, no meu anelo por Ele, olvidado do que Jesus me mostrava? Será que eu havia seriamente desejado uma eternidade nalguma existência como aquela dos seres mais infelizes com que já deparara, participando com eles daquela insistência na própria superioridade, sem que se importassem com a aniquilação de todos os demais?... E teria eu, então, de fato alcançado a condição por que almejava, a ponto de poder dizer, de modo próprio, que realizara tudo o que devia realizar na Terra?

## 14

Uma noite do inverno de 1952, sentei-me na sala de estar, lendo um exemplar da revista "Life". Estávamos mais ou menos no meio de dezembro, porque acabávamos de realizar nossa festa de Natal na Academia de Medicina de Richmond, a qual eu integrava havia pouco tempo. Essas festas eram anuais. Aquele número do "Life" estava coalhado de sugestões para receitas inéditas de perus e presuntos, intercaladas por páginas que exibiam alegres

figuras de Santas. Sem maior interesse, eu passava os olhos pela revista, quando de repente, meus dedos se apertaram.

Desenhada na página bem na minha frente estava uma gigantesca estrutura esférica, seccionada diametralmente, de modo a revelar, no seu interior, homens e máquinas. Havia uma espécie de guindaste móvel, montado sobre longarinas de aço, turbinas, um enorme tanque circular, escadas, plataformas e, embaixo, junto a uma espécie de esquina, uma pequena sala de controle.

Mas, o que pôs meu coração quase a saltar pela boca não foi a aparência estranha e futurista desses objetos, e sim a certeza de que já havia visto aquilo antes. Não fora recentemente... De algum modo, há alguns anos, eu permanecera contemplando não um desenho daquela esfera enorme, mas a própria coisa. E também caminhara naquele singular interior; vira a passagem para a escada, bem ali, perscrutando aquele vasto tanque de água.

Mas... não! Eu não podia ter estado ali! Correndo os olhos pelo texto vi que aquilo de que me lembrava era impossível:

*Na semana passada, a comissão de Energia Atômica ergueu parte do seu véu de segredo, e permitiu que artistas da "Life" esboçassem alguns pormenores do protótipo do segundo motor atômico submarino dos Estados Unidos e da estranha casa que o guarda. O edifício, elevando-se, agora, perto de Schenectady, NY, vai constituir-se na maior esfera já construída pelo homem, a um custo de dois milhões de dólares, com uma concha de aço medindo 68,58m.*

O artigo continuava para informar que, de maneira a evitar possível contaminação radioativa, os cientistas iam construir

o motor submarino dentro da esfera e, então, submergi-lo no tanque, para testes. Sentindo-me derrotado, baixei a revista até o meu colo. Eu experimentara tamanha certeza quanto a já ter visto aquela operação; e, todavia, nunca estivera em Schenectady. De qualquer jeito, lembrava-me de algo que se passara algum tempo atrás, e aquilo estava sendo construído exatamente agora. A coisa que eu vira estava pronta e em operação, não obstante eu não fizesse qualquer idéia do que...

Então, eu me lembrei. Fora na tranquila região, semelhante a uma cidade universitária, habitada por seres envoltos em pensamentos como monges envoltos em hábitos, onde eu estivera, em 1943 — como a Terra mede o tempo —, contemplando o enorme edifício de forma esférica, e caminhando por entre suas intrincadas instalações...

Que era aquilo? Que misterioso nexos teria com a vida e o pensamento do mundo onde me achava em 1952, com Marguerite falando pelo telefone, na saleta, e cartões de Natal enfileirados sobre a toalha? Há muito que não pensava a esse respeito, salvo para excogitar se estão certos os filósofos, ao dizerem que dadas idéias parecem cair não se sabe de onde, sobre áreas amplamente disseminadas pelo mundo, simultaneamente. Tornara-me cauteloso na própria pesquisa de regiões supra-terrestres. Enquanto o Cristo fora o meu guia, não tinha havido nada a temer. Mas, desde a minha experiência de fora do corpo, nove anos antes, encontrara indivíduos que tinham ficado tão fascinados pelo mundo dos "espíritos" que pareciam ter perdido de vista o *Espírito d'Ele Mesmo*.

Quando, naquela noite, sentei-me na sala de estar, tudo o de que eu estava certo era que chegara a hora de começar a dar mais a público o meu encontro com Cristo. Se nós estávamos, realmente, ingressando na era da força atômica, sem conhecer o poder que a criou então o problema da nossa própria destruição, bem assim como a do mundo, seria questão de décadas. Não era o bastante o clero profissional falar às claras, com franqueza; parecia-me a mim, que cada um que houvesse passado por uma qualquer experiência de Deus carregava uma responsabilidade. E isso deve, novamente, ter sido medida do tempo d'Ele: eu, que não fora capaz de alinhar duas palavras, dei comigo mesmo falando para grupos de jovens, para clubes, igrejas, enfim: para quem quer que desejasse ouvir a mensagem de que Deus é amor, e que todo o resto é inferno e negação.

É claro que eu estava certo da minha ruína profissional, desde então; e é fora de dúvida que perdi mesmo alguns pacientes não dispostos nem desejosos de se confiarem a um "fanático religioso". Mas, era desconcertante... as pessoas cujo desprezo eu mais temia frequentemente foram as que denotaram maior aceitação. Quando pleiteei residência em Psiquiatria, no Hospital da Universidade de Virgínia, um amigo na equipe avisou-me de que eu não devia mencionar a minha experiência, porque ele ignorava qual seria a reação dos demais. E, realmente, a primeira pessoa a entrevistar-me acabou sendo o Dr. Wilfred Abse, catedrático de Psicanálise e Psicoterapia Analítica no Departamento de Psiquiatria, e um dos figurões na Sociedade Psicanalítica de Virgínia.

Nem bem pisara o seu gabinete, e já o Dr. Abse me recebeu com esta frase: "Bem, Dr. Ritchie, estou sabendo que o senhor encontrou-se com Cristo". Vi minhas oportunidades na Universidade de Virgínia batendo asas pela janela. O Dr. Abse era judeu, um analista freudiano, e estava me colocando uma pergunta direta, que exigia uma resposta. Quase murmurando, como de tantas vezes fizera, voltei-me para Jesus:

"Senhor, que digo agora?" E as palavras pareceram quase audíveis: *Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai*".

Disse, então ao Dr. Abse: "Não mais posso negar a realidade do que se passou comigo, em Barkeley, no Texas; não mais do que o poderia Saulo de Tarso, quanto ao que lhe aconteceu na estrada para Damasco"

E aquilo era a pá-de-cal, eu pensei, nas minhas chances de tornar-me um psiquiatra. Imaginam qual não foi minha surpresa, quando — algumas semanas mais tarde — recebi uma carta informando-me de que obtivera aceitação unânime da banca examinadora. Anos mais tarde, quando o Dr. Abse e eu nos tínhamos tornado bons amigos, disse-me ele que aquela conversa particular havia, realmente, sido crítica. "Todos nós, por aqui, estávamos cientes de que você alegava ter passado por uma experiência de projeção astral. Se, no diálogo comigo, você — ainda que por um momento — tivesse negado a ocorrência, eu o teria rejeitado como uma pessoa profundamente insegura e, mais provavelmente, como alguém incapaz de distinguir entre fato e fantasia".

É claro que, no meu consultório, em contato com a prática sólida e judiciosa da psiquiatria, raramente faço menção às minhas perspectivas de Deus. Só quando a necessidade se faz extrema, como no caso de Fred Owen, é que violo aquele silêncio profissional.

Um dia, enquanto estávamos debatendo as consequências da experiência do Texas na minha vida, perguntei-lhe: "Sabe você por que toda manhã eu chego mais cedo ao consultório, antes dos outros médicos e da equipe toda? E por que aplico aquele tempo na oração a benefício de cada paciente que irei ver durante o dia. Creio que Jesus tem uma agenda e uma escala de tempo para cada um de nós, e eu peço a ajuda d'Ele para que o paciente e eu possamos, juntos, descobri-las".

Se Jesus estava dando a Fred Owen apenas semanas sobre a Terra, ao invés de décadas, "é porque Ele sabe que você pode terminar a sua tarefa em semanas. Você pode dar e receber perdão. Pode libertar-se de vícios, apegos e raivas — isto é, de qualquer bagagem que você não deseje conduzir para um lugar onde tudo é Luz".

É óbvio que eu não sei o que ia nos recessos mais íntimos do coração de Fred Owen; a Psiquiatria, nos seus melhores resultados, está limitada ao que o paciente partilha conosco. O que eu sei é que o homem que veio ao meu gabinete para o que acabou sendo nossa sessão terminal, no dia 9 de maio de 1977, era uma pessoa muito diferente daquela que eu vira, pela primeira vez, em dezembro. É claro que ele estava fisicamente mais fraco. Na realidade, um vizinho tinha de trazê-lo de carro, e ele deitava-se no sofá amarelo durante a

sessão toda. Contudo, as coisas que dizia, no interstício de uma respiração exaustiva, e a paz — até mesmo o humor — que havia dentro dos seus olhos encheram-se de alegria. Ele estivera batalhando com seus antigos empregadores, na tentativa de ver suas contas hospitalares incluídas no plano de saúde deles; eu mesmo havia preenchido uma porção de formulários. Naquela semana, ele fora notificado da decisão final: sua pretensão havia sido indeferida, sob o pretexto de que ele saíra do emprego sem dar o aviso prévio.

"Você sabe o que mais?" disse-me. "Eles estão com a razão. Eu saí porque estava louco e queria causar-lhes problemas. Só que, agora, sou eu quem está com os problemas".

Deu uma risada, que foi interrompida pela tosse; todavia, o som pareceu-me bonito, porque era uma risada autêntica e real, um riso do coração, sem sinal de amargura. "E como nós temos lido, hein, Doe? O que se planta, o que se colhe. Se eu soubesse disso à tempo, então... perder o prêmio seria coisa de somenos."

"Sabe o que é que eu faço, agora que não estou dormindo tão bem à noite?" - prosseguiu - "Oro por aqueles sujeitos no trabalho - peço que a loja tenha realmente um bom ano, mais negócios e benefícios que eles saibam empregar".

Claro está que homem algum pode especular sobre a experiência de outro homem além da sepultura, mas quando aquele vizinho telefonou-me para me informar da morte de Fred Owen, ocorrida no dia 24 de maio, não tive problemas em imaginar-lhe aquele momento de assombrosa transição. A Luz que aumentava. A alegria que enchia o coração de um homem que bem se desincumbira do seu dever de casa.

Deus está ocupado, edificando uma raça de homens que saibam como amar. Acredito que o destino da própria Terra depende do progresso que efetuemos, tanto quanto creio, que, agora, o tempo é muito curto. Quanto ao que vamos encontrar no outro mundo, também acredito que isso vai depender do qual amplo se faça o nosso triunfo nas empreitadas do amor, aqui e agora.